

Licenciatura em **Letras/Português**

Língua e **Literatura Latina 2**

Ricardo Soares da Silva
Mateus de Souza Oliveira

Governo Federal
Dilma Vana Rousseff
Presidente

Ministério da Educação
Fernando Haddad
Ministro

Secretaria de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky
Secretário

Diretor do Departamento de Políticas em Educação a Distância
Hélio Chaves Filho

CAPES
Jorge Almeida Guimarães
Presidente

Diretor de Educação a Distância
João Carlos Teatini de Souza Clímaco

Governo do Estado
Ricardo Vieira Coutinho
Governador

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Marlene Alves Sousa Luna
Reitora

Aldo Bezerra Maciel
Vice-Reitor

Eli Brandão da Silva
Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Eliane de Moura Silva
Coordenação Institucional de Programas Especiais – CIPE
Secretaria de Educação a Distância – SEAD

Assessora de EAD
Cecília Queiroz

Ricardo Soares da Silva
Mateus de Souza Oliveira

Língua e Literatura Latina II

Universidade Estadual da Paraíba

Marlene Alves Sousa Luna

Reitora

Aldo Bezerra Maciel

Vice-Reitor

Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Eli Brandão da Silva

Coordenação Institucional de Programas

Especiais-CIPE

Secretaria de Educação a Distância - SEAD

Eliane de Moura Silva

Cecília Queiroz

Assessora de EAD

Coordenador de Tecnologia

Ítalo Brito Vilarim

Projeto Gráfico

Arão de Azevêdo Souza

Revisora de Linguagem em EAD

Rossana Delmar de Lima Arcoverde (UFCG)

Revisão Linguística

Maria Divanira de Lima Arcoverde (UEPB)

Diagramação

Arão de Azevêdo Souza

Gabriel Granja

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

870

S586l

Silva, Ricardo Soares da.

Licenciatura em Letras/Português: Língua e Literatura Latina 2./
Ricardo Soares da Silva, Mateus de Sousa Oliveira; UEPB /
Coordenadoria Institucional de Programas Especiais, Secretaria de
Educação a Distância._ Campina Grande: EDUEPB, 2011.
144 p.: il.

1. Literatura Latina. 2. Língua Latina. I Título. II. OLIVEIRA, Mateus de
Sousa. III. EDUEPB/Coordenadoria Institucional de Programas Especiais. III.
Título

21. ed.CDD

Sumário

I Unidade

Morfologia nominal: terceira declinação.....7

II Unidade

Algumas particularidades da terceira declinação.....23

III Unidade

Substantivos, adjetivos, pronomes.....43

IV Unidade

A Literatura Latina: da Fundação de Roma à influência grega.....71

V Unidade

A fase helenística e a comédia romana.....87

VI Unidade

A fase clássica da Literatura Latina.....103

VII Unidade

A fase pós-clássica da Literatura Latina.....127



I UNIDADE

**Morfologia nominal:
terceira declinação**

Apresentação

Bem-vindos a mais uma etapa de estudos da disciplina Língua e Literatura Latina! Esta é a continuação da investigação linguística e literária da língua que originou, entre tantas, a língua portuguesa, nosso idioma oficial. Esperamos que você tenha bem assimilado os conhecimentos veiculados pelas unidades do módulo 1 (um) desta disciplina, necessários, pois, à continuação, com efetivo aproveitamento, dessa nossa jornada.

A título de retrospectiva, vemos por bem apontar as principais características da língua latina, a fim de que você reconheça a necessidade de um estudo atento e minucioso também nesta segunda etapa. Vejamos:

- O Latim é uma língua sintética: uma das principais diferenças entre o latim e o português consiste na estrutura morfossintática das palavras em situação textual - o latim é uma língua sintética e o português uma língua analítica; e o principal indicativo disso reside no próprio corpo da palavra, quando, por exemplo, os nomes substantivos e adjetivos trazem, em sua estrutura, alterações especiais no final que ocasionam função específica para cada um deles;
- É uma língua flexional, em virtude das variações que uma mesma palavra pode apresentar, pelo acréscimo de afixos ou por mudanças internas. Daí a necessidade de estar atento a cada flexão que a palavra possa apresentar, reconhecendo sua tradução em determinado contexto;
- Sua ordem sintática é diferente da comumente empregada em Português. Nossas sentenças são elaboradas na ordem “sujeito – núcleo do predicado (verbo) – complemento (caso haja)”, enquanto em Latim o complemento geralmente aparece em primeiro plano, em seguida o sujeito e, por fim, o verbo (havendo casos, no entanto, especialmente na literatura, em que os escritores, por razões de estilo, empregavam o verbo no meio do período).

Bem, acreditamos que, mobilizando os saberes acima apontados, você não encontrará maiores dificuldades na manipulação da língua latina.

Nesta primeira unidade de estudo você poderá compreender a flexão nominal a partir do genitivo singular, identificando a declinação a qual pertence o substantivo (nome), adjetivo ou pronome em latim; as especificidades da 3ª declinação quanto ao gênero e aos casos genitivo singular, vocativo e nominativo singular, atentando para os dois grupos que as palavras constituem no genitivo plural: um com a terminação em *-um*, e o outro em *-ium*; e reconhecer, ainda no que se refere à 3ª declinação, no genitivo plural, as regras que definem se a palavra é um parissílabo ou um imparissílabo.

A vocês, nossos votos de bons estudos e de muita aprendizagem!

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você consiga:

- Compreender a flexão nominal a partir do genitivo singular, a fim de identificar a que declinação dos nomes em latim pertence o substantivo (nome), adjetivo ou pronome;
- Conhecer as especificidades da 3ª declinação quanto ao gênero e aos casos genitivo singular, vocativo e nominativo singular;
- Identificar, no genitivo singular da 3ª conjugação, as regras que definem se a palavra é um parissílabo ou um imparissílabo;
- Atentar para os dois grupos que as palavras formam no genitivo plural, com base na terminação de seu radical: um com a terminação em *-um*, e o outro em *-ium*;

As declinações dos nomes em latim



¹ “Uma unidade gramatical que é menor do que uma oração. Sintagma é um termo que a linguística tornou corrente em português, equivalente do inglês *phrase*, um termo antigo, que tem sido usado para denotar uma unidade gramatical que é tipicamente, mas não invariavelmente, composta por duas palavras, e que não contém todos os elementos encontrados numa oração (...) como em *sobre a cama, com a namorada dele e do vinho*” In: TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. 2. ed. Tr. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2008, p. 269.



² Mudanças nas pronúncias das palavras, que se sucedem ao longo do tempo, justificando a premissa de que a língua é um organismo vivo e em constante transformação. Aos poucos, essas mudanças se fazem perceber também na escrita, havendo o que se chama de mudança morfofonêmica.



³ Furlan (2006, p. 77-81)

Declinar é enunciar as diversas flexões de um nome, adjetivo ou pronome, em todos os casos, no singular e no plural, havendo, em latim, cinco declinações. O conjunto de formas que um nome, pronome ou sintagma¹ assumem para expressarem, mediante morfemas desinenciais de caso, as funções sintáticas que eles expressam na cadeia das frases é chamado *declinação*.

O critério de reconhecimento e distinção das declinações dos nomes em latim se dá, assim como para os verbos, pela presença ou ausência da vogal temática, sendo que, diferentemente destes, que possuem quatro declinações, os substantivos e adjetivos formam um sistema de cinco declinações, quais sejam: 1ª, em **a**, *musa-a*; 2ª, em **o**, *lupu-s* < *lupo-s*; 3ª em consoante, *mulier*; 3ª em **i**, *civi-s* > *cive-s*; 4ª, em **u**, *domu-s*; 5ª, em **e**, *die-s*.

O caso que permite o reconhecimento das declinações em latim é o genitivo singular, isto é, a terminação do nome nesta flexão. Por que o genitivo singular? Pelo fato de ter resistido a alterações fônicas diacrônicas² que atingiram outras desinências e até mesmo radicais: *serv-a-is* > *serv-is*; *puer-o-s* > *puer-s* > *puer-ø*.

Assim, o genitivo singular gera por completo o radical, em virtude do que se constitui em forma ideal para identificar a declinação pela qual cada nome se declina. Nos dicionários de latim, a forma como são registrados os nomes impescinde, além do nominativo (forma de entrada do verbete), da desinência que encerra o genitivo singular, tamanha é sua importância para o reconhecimento da declinação à qual pertence dado nome. Nesse sentido, é salutar desenvolver um método que reforce a aprendizagem das declinações, haja vista a constante manipulação de nomes em frases e em textos.

Conforme citado anteriormente, são cinco as declinações dos nomes em latim, cujas respectivas terminações no genitivo singular são: *-ae*, *-i*, *-is*, *-us* e *-ei*, indicadas no dicionário logo após a entrada do verbete no nominativo singular – em se tratando de nomes, vale lembrar (em se tratando de verbos, que, obviamente, constam nos dicionários, não há que se falar em casos).

Para bem ilustrar as flexões dos nomes nas cinco declinações, oferecemos abaixo tabelas³ com seus respectivos paradigmas:

1ª declinação: de tema em **a** e genitivo em **-ae**, compreende: a) substantivos de gênero feminino, exceto pequeno número de nomes de pessoas de sexo masculino (*Galba, Agrippa*) e de profissões consideradas pelos latinos como próprias do homem (*agrícola, poēta, nauta, scriba*), que são masculinos; b) muitos adjetivos de gênero feminino (*magna, bona, iusta*).

1ª declinação: paradigma				
Caso	funções sintáticas	singular	plural	significado
Nom.	Sujeito e seu predicativo	Fili-ā	Fili-ae	A(s) filha(s)
Gen.	Adjunto de substant.: posse, especificação	Fili-ae	Fili-ārum	Da(s) filha(s)
Ac.	Objeto direto; adjuntos adv.: direção, tempo...	Fili-am	Fili-as	A(s) filha(s)
Dat.	Objeto ind.; compl. nominal de adjet.	Fili-ae	Fili-is	À(s) filha(s)
Abl.	Adjuntos adv.: origem, meio, lugar.	Cum fili-ā	Cum fili-is	Com filha(s)
Voc.	Vocativo, termo de interpelação	Fili-ā	Fili-ae	Ó filha(s)

2ª declinação: de tema em **o** e genitivo em **i**, compreende substantivos cuja forma de nominativo singular termina em **-us, -er, -ir, -um**, bem como adjetivos de nominativo em **-us, -er, -um**.

2ª declinação: paradigmas								
	Servus, i. s.m.		Puer, i. s.m.		Vir, i. s.m.		Verbum, i. s.n.	
	singular	plural	singular	plural	singular	plural	singular	plural
	servo	servos	meni-no	meni-nos	varão	Varões	palavra	palavras
Nom.	serv-us	serv-i	puer	puēr-i	vir	vir-i	verb-um	verb-a
Gen.	serv-i	serv-ōrum	puēr-i	puer-ōrum	vir-i	vir-ōrum	verb-i	verb-ōrum
Ac.	serv-um	serv-os	puer-um	puēr-os	vir-um	vir-os	verb-um	verb-a
Dat.	serv-o	serv-is	puer-o	puer-is	vir-o	vir-is	verb-o	verb-is
Abl.	serv-o	serv-is	puer-o	puer-is	vir-o	vir-is	verb-o	verb-is
Voc.	serv-e	serv-i	puer	puer-i	vir	vir-i	verb-um	verb-a

3ª declinação: os nomes desta declinação se dividem, quanto ao tema e à flexão, em dois grupos: a) nomes de tema em consoante: ex.: *pater, patr-is, pai*; *miles, milī-is, soldado*; *mulier, muliēr-is, mulher*; b) nomes de tema em **i**: ex.: *civi-s, civ-i-s, cidadão*; *urbs, urb-i-s, cidade*; *mar-e, mar-i-s, mar*; *ferox, ferōc-i-s, feroz*. Podem ser masculinos, femininos ou neutros.

3ª declinação – tema em consoante: paradigma							
	Funções	rex, reg-is, s.m.		virtus, virtūt-is, s.f.		corpus, corpōr-is, s.n.	
		rei	reis	virtude	virtudes	corpo	corpos
Nom.	sujeito e predicativos	rex	reges	virtus	virtutes	corpus	corpōra
Gen.	adjuntos adnominais	reg-is	reg-um	virtūt-is	virtut-um	corpōr-is	corpōr-um
Ac.	objeto dir.; adjuntos	reg-em	reg-es	virtut-em	virtut-es	corpus	corpor-a
Dat.	obj. ind.; compl. nom.	reg-i	reg-ībus	virtut-i	virtut-ībus	corpor-i	corpor-ībus
Abl.	adjunt. Adv.	reg-e	reg-ibus	virtut-e	virtut-ibus	corpor-e	corpor-ibus
Voc.	vocativo	rex	reg-es	virtus	virtut-es	corpus	corpōr-a

3ª declinação – tema em i: paradigma						
	civis, civ-is, s.m.		gens, gent-is, s.f.		mare, mar-is, s.n.	
	cidadão	cidadãos	gente	gentes	mar	mares
Nom.	civ-is	civ-es	gens	gent-es	mar-e	mar-ia
Gen.	civ-is	civ-īum	gent-is	gent-īum	mar-is	marr-īum
Ac.	civ-em	civ-es	gent-em	gent-es	mar-e	mar-ia
Dat.	civ-i	civ-ībus	gent-i	gent-ībus	mar-i	mar-ībus
Abl.	civ-e	civ-ibus	gent-e	gent-ibus	mar-i	mar-ibus
Voc.	civ-is	civ-es	gens	gent-es	mar-e	mar-ia

4ª e 5ª declinações: 4ª – de tema em **u** e genitivo em **–ūs**, compreende pequeno número de substantivos de nominativo em **–ūs**, masculinos, em sua maioria, e femininos, a par de alguns nomes em **–u**, neutros.

5ª – de tema em **e** e genitivo ora em **–ēi**, ora em **–ei**, compreende alguns substantivos em **–es**, todos femininos, menos *dies*, *diēi*, que é masculino quando significa dia indeterminado. A transferência dos nomes da 4ª e 5ª declinações para as demais foi iniciada no próprio latim clássico, provocando o esvaziamento delas.

4ª e 5ª declinações: paradigmas								
	quarta declinação				quinta declinação			
	fructūs, fruct-ūs, s.m.		genū, gen-ūs, s.n.		rēs, r-ēi, s.f.		diēs, di-ēi, s.m./f.	
	<i>fruto</i>	<i>frutos</i>	<i>joelho</i>	<i>joelhos</i>	<i>coisa</i>	<i>coisas</i>	<i>dia</i>	<i>dias</i>
N./V.	fruct-ūs	fruct-ūs	gen-u	gen-ūa	r-es	r-es	di-ēs	di-ēs
Gen.	fruct-ūs	fructū-um	gen-ūs	gen-ūum	r-ēi	r-ērum	di-ēi	di-ērum
Ac.	fruct-um	fruct-us	gen-u	gen-ua	r-em	r-es	di-em	di-es
Dat.	fruct-ūi	fruct-ībus	gen-ūi	gen-ībus	r-ei	r-ēbus	di-ēi	di-ēbus
Abl.	fruct-ū	fruct-ibus	gen-u	gen-ibus	r-e	r-ebus	di-e	di-ebus

Agora, vamos ao exercício de reconhecimento das declinações dos nomes em latim. Para tanto, você deve estar munido de, no mínimo, um dicionário Latim-Português, recurso este imprescindível ao longo do curso e, a quem queira, para além dele.

Atividade I



- Vocabúlos pertencentes às cinco declinações dos nomes em latim encontram-se abaixo distribuídos. Traduza-os para o português, indicando a que declinação pertence cada um e seus respectivos gêneros, agrupando-os, em seguida, de acordo com sua respectiva declinação.**

Puell-a	Vulp-es	Poet-a	celëber
Magistr-a	speci-es	Vir	faci-es
Puer	dom-us	Discipul-us	verb-um
Bell-um	man-us	Domñn-us	cornu
Hom	fid-es	Mater	sens-us
Caput	sp-es	Carmen	



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

- Usando um dicionário Latim-Português, preencha a tabela abaixo, obtendo, ao final, um quadro mnemônico das cinco declinações dos nomes em latim. Lembre-se de que a 3ª declinação se divide em dois grupos.**

DECLINAÇÃO	DESINÊNCIA DE GENITIVO SINGULAR	VOGAL TEMÁTICA	EXEMPLO (COMO NO DICIONÁRIO)

A 3ª declinação

Mais numerosa que as demais declinações, a 3ª merece especial atenção. De tema ora em consoante, ora em **i**, compreende substantivos e adjetivos masculinos, femininos e neutros. A grande variedade de terminações do nominativo singular, que recorrem no vocativo (ex.: *nom.*- *rex*; *voc.*- *rex*), não apresenta a regularidade e originalidade que o genitivo singular, resistindo a mudanças, nos legou.

Assim, os nomes da 3ª declinação dividem-se, quanto ao tema e à flexão, em dois grupos:

a) nomes de tema em consoante

ex.: *pater, patr-is, pai; miles, milī-is, soldado; mulġer, muliġr-is, mulher.*

Este grupo compreende substantivos masculinos, femininos e neutros. Como nos neutros da 2ª, também nos da 3ª (v. respectivas tabelas acima), a forma de nominativo se repete no acusativo e no vocativo, cuja desinência plural é **-a**; nos demais casos gramaticais, as desinências são idênticas às dos nomes de gênero masculino e feminino.

b) nomes de tema em i:

ex.: *civi-s, civ-i-s, cidadão; urbs, urb-i-s, cidade; mar-e, mar-i-s, mar; ferox, ferōc-i-s, feroz.*

Este segundo grupo compreende substantivos e adjetivos com estas características:

- nomes de nominativo singular em **-is** ou **-es** (genitivo **-is**): *hostis, host-is, o inimigo; brevis, brev-is, breve; nubes, nub-is, nuvem*;
- nomes de nominativo singular em **-s**, cujo radical termina em duas consoantes (*ars, art-is, arte; nox, noct-is, noite; mens, ment-is, mente; ardens, ardent-is, ardente*); ou em **-x** (*nix, nivis, neve*);
- nomes de gênero neutro, os em **-as, -e, -al**: *mare, mar-is, mar; animālis, animāl-is, animal; exemplar, exemplār-is, exemplar; breve, brev-is, breve.*

As desinências de caso são idênticas às dos nomes de tema em consoante, mas:

a) todos os nomes conservam o **i** temático no genitivo plural: **-iūm**: *urb-iūm, brev-iūm*;

b) os nomes em **-ar, -e, -al**, que são de gênero neutro, conservam o **i** no ablativo singular (*mar-i*, *animāi-i*, *exemplār-i*); sua desinência de nominativo, acusativo e vocativo plural é **-īa**: *mar-īa*, *animal-īa*, *exemplar-īa*.

Didaticamente, alguns gramáticos classificam os nomes da 3ª declinação em a) vocálicos – se o nominativo termina em vogal; b) consonantais – se termina em consoante.

Vejamos como se dá essa classificação:

Temas vocálicos podem terminar em:

1) “O” longo precedido de vogal; compreendem palavras masculinas e femininas, recebendo um N no genitivo singular para formar o radical: *ratio*, *rationis*; *oratio*, *orationis*;

2) “O” breve precedido de consoante; compreendem palavras femininas, recebendo um N no genitivo singular para formar o radical, após mudarem o “O” em “I”: *origo*, *originis* (origem); *imago*, *imaginis* (imagem); *valetudo*, *valetudinis* (boa saúde);

3) “E”; compreendem palavras neutras; formam o genitivo mudando o “E” em “IS”: *ovile*, *ovilis* (aprisco); *rete*, *retis* (rede). Enquadram-se nesta classe, ainda, os nomes em AL – *animal*, *animalis* (animal) e em AR – *calcar*, *calcaris* (espora), por já haverem, outrora, terminado em E.

Temas consonantais podem terminar em:

1) “X”; compreendem palavras masculinas e femininas; forma o genitivo mudando o X em C (*nux*, *nucis* – noz, amendoeira), em G (*rex*, *regis* – rei) ou CT (*nox*, *noctis* – noite);

2) “L”; compreendem palavras masculinas; formam o genitivo pelo acréscimo de IS: *consul*, *consulis* (cônsul); *exsul*, *exsulis* (desterrado). Obs.: Seguem o paradigma anterior, ficando inalterados o nominativo e o vocativo singular.

3) “N”; compreendem palavras neutras; mudam o E em I (no radical) para receberem a terminação do genitivo: *flumen*, *fluminis* (rio); *numen*, *numinis* (movimento de cabeça, assentimento, divindade)

- 4) "R"; compreendem palavras masculinas, femininas e neutras; formam o genitivo pelo acréscimo de IS: *orator, oratoris* (s.m. orador); *soror, sororis* (s.f. irmã); *fulgur, fulguris* (s.n. relâmpago).
- 5) "TAS" e "TUS"; compreendem palavras femininas; mudam o S em T (no radical) para receberem a terminação do genitivo: *veritas, veritatis* (verdade); *salus, salutis* (saúde, salvação)
- 6) "IS"; compreendem palavras masculinas e femininas; têm o genitivo igual ao nominativo e recebem um I no genitivo plural: *civis, civis* (cidadão); *ovis, ovis* (ovelha, carneiro). Variante em ES: *vulpes, vulpis* (raposa)
- 7) "US"; compreendem palavras neutras que mudam o US em OR ou ER (no radical) para receberem a terminação do genitivo: *pectus, pectōris* (peito); *litus, litōris* (praia, litoral); *vulnus, vulnēris* (ferida); *opus, opēris* (obra).
- 8) "NS" e "RS"; compreendem palavras masculinas e femininas; mudam o S em T (no radical) para receberem a terminação do genitivo; recebem um I no genitivo plural: *pons pontis* (ponte); *frons, frontis* (fronte, rosto); *mors, mortis* (morte); *ars, artis* (arte).

Atividade II



1. Como se divide a 3ª declinação? Justifique e exemplifique.

2. Como se dá o comportamento dos temas vocálicos da 3ª declinação? Exemplifique.

3. Decline as palavras *ars*, *salus* e *flúmen*, apontando suas principais diferenças e justificando-as.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Parissílabos e imparissílabos

O genitivo singular, já sabemos, termina em *-is*. As desinências do plural não apresentam dificuldade, porém o genitivo tem duas terminações: *-um* e *-ium*. Para que possamos empregar bem cada uma, é necessário que conheçamos os conceitos de parissílabo e imparissílabo.

Palavras parissílabas são as que no singular têm **igual** número de sílabas no genitivo e no nominativo. Ex.:

NOM.	GEN.	
auris	auris	- 2 sílabas em ambos os casos
nubes	nubis ⁴	- 2 “ “ “ “ “
volūcris	volūcris	- 3 “ “ “ “ “
cubīle	cubīlis	- 3 “ “ “ “ “



⁴ Atente para o fato de que apenas o número de sílabas é igual, podendo coincidir, **OU NÃO**, de as palavras serem também homógrafas, isto é, terem a mesma grafia.

As palavras imparissílabas, por outro lado, são aquelas que no genitivo singular têm uma ou mais sílabas a mais do que no nominativo. Imparissílabo quer dizer, portanto, número diferente de sílabas. Exemplos de nomes imparissílabos:

NOM.	GEN.	
dux	ducis	- 1 sílaba no nom. e 2 no gen.
urbs	urbis	- 1 “ “ “ “ 2 “ “
labor	labōris	- 2 sílabas “ “ “ 3 “ “
homo	homīnis	- 2 “ “ “ “ 3 “ “
iter	itinēris	- 2 “ “ “ “ 4 “ “
sociētas	societatis	- 4 “ “ “ “ 5 “ “

Os nomes parissílabos e imparissílabos declinam-se com as mesmas desinências. Excetua-se apenas o genitivo plural, caso em que os parissílabos tomam a desinência *-ium* e os imparissílabos, *-um*. Mas, vejamos por que.

- Os nomes imparissílabos, cujo radical termina em uma só consoante, têm o genitivo plural em **UM**;
- Os nomes parissílabos, bem como os nomes imparissílabos cujo radical termina em duas ou mais consoantes, têm o genitivo plural em **IUM**.

Assim, com base no que foi visto até agora, você poderá, por meio da seguinte tabela, declinar com segurança muitos dos nomes da 3ª declinação:

	SINGULAR	PLURAL
Nom.	<i>várias terminações</i>	<i>es</i>
Voc.	<i>igual ao nominativo</i>	<i>es</i>
Gen.	<i>is</i>	<i>um ou ium</i>
Dat.	<i>i</i>	<i>ibus</i>
Abl.	<i>e</i>	<i>ibus</i>
Acu.	<i>em</i>	<i>es</i>

Atividade III



1. Por que “parissílabos” e “imparissílabos”? Dê exemplos de um e de outro.
2. Que tipo de imparissílabos termina em -IUM?
3. A qual grupo pertencem as palavras da 3ª declinação abaixo arroladas? Coloque “C” para as palavras do grupo com tema em consoante, e “V” para as de tema em vogal.

Auxilium	Mundus
Belgae	Paro
Celëbro	Pocŭlum
Expugno	Romani
Galli	Vir

4. Decline as seguintes palavras:

- a. Sermo, sermōnis (= discurso, conversação)
- b. Sacerdos, sacerdotis (= sacerdote)
- c. Nox, noctis (= noite)



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Você chegou ao fim da primeira unidade de estudos da disciplina Língua e Literatura Latina III! Nesta unidade você foi munido de instrumental necessário para compreender a flexão nominal a partir do genitivo singular, podendo identificar a que declinação pertence determinado substantivo (nome), adjetivo ou pronome; as especificidades da 3ª declinação quanto ao gênero e aos casos genitivo singular, vocativo

e nominativo singular; as regras que definem se a palavra é um parissílabo ou um imparissílabo no genitivo singular da 3ª conjugação; e, no genitivo plural, atentar para os dois grupos que as palavras formam a partir da terminação de seu radical: um com a terminação em *-um*, e o outro em *-ium*.

Esperamos que as dificuldades encontradas possam ser dirimidas por vocês mesmos, enquanto sujeitos pesquisadores e investigadores, comprometidos com a própria aprendizagem, ou, se não dessa maneira, que sejam pelos tutores da disciplina, profissionais aptos para atendê-los! Mas que seja sempre uma iniciativa que revele a vontade de saber!

Bons estudos e até a próxima unidade!



Resumo

No tópico 1 você viu que substantivos e adjetivos formam um sistema de cinco declinações, quais sejam: 1ª, em **a**, *musa-*; 2ª, em **o**, *lupu-s* < *lupo-s*; 3ª em consoante, *muliĕr*; 3ª em **i**, *civi-s* > *cive-s*; 4ª, em **u**, *domu-s*; 5ª, em **e**, *die-s*. O caso que permite o reconhecimento das declinações em latim é o genitivo singular. Nos dicionários de latim, a forma como são registrados os nomes imprescinde, além do nominativo (forma de entrada do verbete), da desinência que encerra o genitivo singular. A **1ª declinação** tem tema em **a** e genitivo em **-ae**, compreende: a) substantivos de gênero feminino, exceto pequeno número de nomes de pessoas de sexo masculino (*Galba*, *Agrippa*) e de profissões consideradas pelos latinos como próprias do homem (*agrícola*, *poĕta*, *nauta*, *scriba*), que são masculinos; b) muitos adjetivos de gênero feminino (*magna*, *bona*, *iusta*). A **2ª declinação**: é de tema em **o** e genitivo em **i** e compreende substantivos cuja forma de nominativo singular termina em **-us**, **-er**, **-ir**, **-um**, bem como adjetivos de nominativo em **-us**, **-er**, **-um**. A **3ª declinação** tem os nomes divididos quanto ao tema e à flexão, em dois grupos: a) nomes de tema em consoante: ex.: *pater*, *patr-is*, pai; *miles*, *milĭt-is*, soldado; *muliĕr*, *muliĕr-is*, mulher; b) nomes de tema em **i**: ex.: *civi-s*, *civ-i-s*, cidadão; *urbs*, *urb-i-s*, cidade; *mar-e*, *mar-i-s*, mar; *ferox*, *ferōc-i-s*, feroz. Podem ser masculinos, femininos ou neutros. **4ª e 5ª declinações** apresentam, respectivamente, tema em **u** e genitivo em **-ūs**, compreendendo pequeno número de substantivos de **nominativo** em **-ūs**, masculinos, em sua maioria, e femininos, a par de alguns nomes em **-u**, neutros; e 5ª, tema em **e** e genitivo ora em **-ēi**, ora em **-ĕi**, compreendendo alguns substantivos em **-es**, todos **femininos**, menos *dies*, *diĕi*, que é masculino quando significa dia indeterminado.

O tópico 2 tratou da 3ª declinação, que é a mais numerosa das declinações dos nomes em latim. De tema ora em consoante, ora em **i**, compreende substantivos e adjetivos masculinos, femininos e neutros. A grande variedade de terminações do nominativo singular, que ocorrem no vocativo (ex.: *nom.*- rex; *voc.*- rex), não apresenta a regularidade e originalidade que o genitivo singular, resistindo a mudanças, nos legou. Dividem-se, quanto ao tema e à flexão, em dois grupos:

a. nomes de tema em consoante - ex.: *pater, patr-is*, pai; *miles, milĭ-is*, soldado; *mulĭer, mulĭĕr-is*, mulher. Este grupo compreende substantivos masculinos, femininos e neutros. Como nos neutros da 2ª, a forma de nominativo se repete no acusativo e no vocativo da 3ª declinação, cuja desinência plural é **-a**; nos demais casos gramaticais, as desinências são idênticas às dos nomes de gênero masculino e feminino.

b. nomes de tema em **i**: ex.: *civi-s, civ-i-s*, cidadão; *urbs, urb-i-s*, cidade; *mar-e, mar-i-s*, mar; *ferox, ferōc-i-s*, feroz. Este segundo grupo compreende substantivos e adjetivos com estas características: a) nomes de nominativo singular em **-is** ou **-es** (genitivo **-is**): *hostis, host-is*, o inimigo; *brevis, brev-is*, breve; *nubes, nub-is*, nuvem; b) nomes de nominativo singular em **-s**, cujo radical termina em duas consoantes (*ars, art-is*, arte; *nox, noct-is*, noite; *mens, ment-is*, mente; *ardens, ardent-is*, ardente); ou em **-x** (*nix, nivis*, neve); e c) nomes de gênero neutro, os em **-as, -e, -al**: *mare, mar-is*, mar; *animāl, animāl-is*, animal; *exemplar, exemplār-is*, exemplar; *breve, brev-is*, breve.

As desinências de caso são idênticas às dos nomes de tema em consoante, mas: >> todos os nomes conservam o **i** temático no genitivo plural: **-ĭum**: *urb-ĭum, brev-ĭum*; e >> os nomes em **-ar, -e, -al**, que são de gênero neutro, conservam o **i** no ablativo singular (*mar-i, animāl-i, exemplār-i*); sua desinência de nominativo, acusativo e vocativo plural é **-ĭa**: *mar-ĭa, animal-ĭa, exemplar-ĭa*. Alguns gramáticos classificam os nomes da 3ª declinação em a) vocálicos – se o nominativo termina em vogal; b) consonantais – se termina em consoante.

O tópico 3 trouxe à luz as palavras parissílabas e imparissílabas da 3ª declinação. Essa classificação existe em função de o genitivo plural apresentar duas terminações: uma em **-um** e outra em **-ium**. Daí surgem os conceitos de parissílabo e imparissílabo, que representam, respectivamente, palavras que no singular têm **igual** número de sílabas no genitivo e no nominativo, e palavras que no genitivo singular têm uma ou mais sílabas a mais do que no nominativo. Imparissílabo quer dizer, portanto, número diferente de sílabas. Os nomes parissílabos e imparissílabos declinam-se com as mesmas desinências. Excetua-se apenas o genitivo plural, caso em que os parissílabos tomam a desinência **-ium** e os imparissílabos, **-um**. Os nomes imparissílabos, cujo radical termina em uma só consoante, têm o genitivo plural em **UM**; Os nomes parissílabos, bem como os nomes imparissílabos cujo radical termina em duas ou mais consoantes, têm o genitivo plural em **IUM**.

Leituras recomendadas

Para o melhor entendimento dos conteúdos estudados nesta Unidade, você deve procurar ler:

Para “Declinações dos nomes em latim”, ver:

“Flexão dos nomes substantivos e adjetivos”, in: *Língua e Literatura Latina e sua derivação Portuguesa*, de Oswaldo Antônio Furlan (2006: 64-69); “Classificação temática dos substantivos”, in: *Iniciação ao Latim*, de Zelia de Almeida Cardoso (2003, p. 23-31); “Morfologia dos substantivos”, in: *Gramática latina*, de Júlio Comba (1991, p. 19-40).

Para “A 3ª declinação”, ver:

“3ª declinação”, in: *Latim no Direito*, de Ronaldo Caldeira Xavier (2000: p. 25-31); “Terceira declinação”, in: *Gramática latina*, de P. João Ravizza (1956, p. 31-42) *Gramática Latina*, de Napoleão Mendes de Almeida (2000: p. 142-149);

Para “Parissílabos e imparissílabos” ver:

in: *Gramática Latina*, de Napoleão Mendes de Almeida (2000: p. 142-149); “Quadro sinóptico das declinações dos nomes”, in: *Gradus Secundus*, de Paulo Rónai (2008: p.19).



Autoavaliação

Com base nos estudos desta unidade, disserte sobre as declinações dos nomes em latim, suas características e particularidades, dando ênfase à 3ª declinação. Não se esqueça de exemplificar!

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina: curso único e completo**. 29 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

BOYES, Francis Xavier. **Língua Latina I**. Recife: Fasa Editora, 1989.

CARDOSO, Zélia Almeida. **Iniciação ao Latim**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).

COMBA, Júlio. **Gramática Latina para Seminários e Faculdades**. 4 ed. rev. e adpt. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1991.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

RÓNAI, Paulo. **Não Perca o seu Latim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.



II UNIDADE

Algumas particularidades da terceira declinação

Apresentação

Bem-vindos de volta! Nesta unidade vocês terão a oportunidade de aprofundar os estudos acerca da tão interessante 3ª declinação dos nomes em latim. Como já é sabido, é a mais numerosa, abarca nomes dos três gêneros (masculino, feminino e neutro) e algumas ramificações permitem a criação de subgrupos, como o dos nomes terminados em vogal e o dos terminados em consoante, e os parissílabos e os imparissílabos.

Ainda nesses subgrupos as palavras apresentam diferentes comportamentos, dignos de estudo atento, como é o caso dos nomes terminados em –TER no nominativo, que se comportam de forma diversa em toda a declinação, e dos nomes imparissílabos que possuem terminação do nominativo em –S, cujas declinações dependerão da letra com que termine seu radical.

Assim, vamos a mais uma etapa de nossa viagem ao universo da língua latina!



Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você consiga:

- Ainda na 3ª declinação, compreender as particularidades dos nomes com nominativo em –TER;
- Conhecer as especificidades dos imparissílabos cujo nominativo termina em -S

Nomes terminados em -TER

Segundo Almeida (2002, p. 69), “certos nomes da 3ª declinação, cujo nominativo termina em –ter, perdem o “e” dessa terminação no genitivo e, conseqüentemente, em todos os demais casos”. A desinência do genitivo plural desses nomes é –um, a exemplo de *pater* > *patr-is* (= pai), *mater* > *matr-is* (= mãe) e *accipiter* > *accipitr-is* (= gavião).

A título de ilustração, vejamos como se declina a palavra *pater*, *patr-is*:

CASO	SINGULAR	PLURAL
Nom.	<i>pater</i>	<i>patr-es</i>
Gen.	<i>patr-is</i>	<i>patr-um</i>
Ac.	<i>patr-em</i>	<i>patr-em</i>
Dat.	<i>patr-i</i>	<i>patr-ibus</i>
Abl.	<i>patr-e</i>	<i>patr-ibus</i>
Voc.	<i>pater</i>	<i>patr-es</i>

Nota:

Há na 3ª declinação um nome terminado em –ter que não obedece a mesma regra de declinação: *Jupīter* (= Júpiter), cujo genitivo é *Jovis*, declinável apenas no singular.

Nom.	<i>Jupīter (ou Juppīter)</i>
Gen.	<i>Jovis</i>
Ac.	<i>Jovem</i>
Dat.	<i>Jovi</i>
Abl.	<i>Jove</i>
Voc.	<i>Jupīter</i>

Ressalte-se que, embora se declinem como imparissílabos, essas palavras não o são. Um imparissílabo que serve de paradigma para a declinação desses nomes é *sermo* (= discurso, conversa):

CASO	SINGULAR	PLURAL
Nom.	<i>sermo</i>	<i>sermon-es</i>
Gen.	<i>sermon-is</i>	<i>sermon-um</i>
Ac.	<i>sermon-em</i>	<i>sermon-es</i>
Dat.	<i>sermon-i</i>	<i>sermon-ibus</i>
Abl.	<i>sermon-e</i>	<i>sermon-ibus</i>
Voc.	<i>sermo</i>	<i>sermon-es</i>

Atividade I



1. Que particularidade apresenta a declinação dos nomes da 3ª declinação terminados em -ter?
2. Que nome da 3ª declinação, terminado em -ter, declina-se diferente dos demais? Justifique.
3. Com base na declinação de fater, decline mater e frater.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Imparissílabos com nominativo em -S

Muitos dos imparissílabos terminados em -S no nominativo têm o radical do genitivo geralmente terminado ou em uma labial, ou numa gutural, ou numa dental. Nesse tópico você deve ficar atento não só à terminação do imparissílabo, mas também à consoante que encerra seu radical.

Labiais são as consoantes b, p e m, posto que pronunciadas com o auxílio dos lábios; guturais são as consoantes g e c, que no latim primitivo eram produzidas na garganta; e as dentais são as consoantes n, d e t, porque seu som se produz nos dentes.

Vejam agora o que acontece com os imparissílabos pertencentes a cada grupo acima mencionado:

- a) Quando o radical termina em labial (b, p, m), conserva a labial no nominativo. Exemplo: o radical da palavra *plebe* é *pleb* (gen. *pleb-is*); como o b é labial, essa consoante subsiste no nominativo singular: *plebs*.

b) Quando o radical termina em gutural (g, c), a gutural funde-se com o s no nominativo, produzindo a letra x, que em latim sempre tem o som de [cs]. Exemplo: o radical de *rei* é em latim *reg* (gen. *reg-is*); como o g é gutural, essa consoante, em combinação com o s, dá x no nominativo, que é então *rex* (*reg* + s).

c) Quando o radical termina em dental (d, t, n), a dental desaparece no nominativo. Exemplo: o radical de *dente* é em latim *dent* (gen. *dent-is*); como o t é dental, essa letra desaparece antes do s no nominativo, que é então *dens* (*dent* + s).

consoante que encerra o radical	fenômeno
LABIAL	PERMANECE
GUTURAL	FUNDE-SE (em X)
DENTAL	DESAPARECE

Nota:

1ª) se nesse mesmo caso o radical tiver um i breve, essa vogal muda-se no nominativo em e se o nominativo terminar em:

- a) -ps: gen. *princip-is*, nom. *princeps*;
- b) -(t)s, -(d)s: gen. *milit-is*, nom. *miles*; gen. *obsid-is*, nom. *obsess*;
- c) -x: gen. *judic-is*, nom. *judex*.

2ª) Muita atenção quanto à pesquisa no dicionário: se você encontra em um texto a palavra *custodibus* e quer traduzi-la, já sabe que -ibus é desinência (dativo ou ablativo - plural). Resta *custod*, com o radical terminado em consoante dental (d), que deve desaparecer, ficando *custos*; e a palavra *noite*, cujo radical latino é *noct* (gen. *noct-is*), perde a dental, ficando *nocs*, mas do encontro de cs resulta x, sendo *nox* o nominativo singular de *noite*.

Atividade II



1. A respeito da classificação das consoantes com as quais os radicais dos imparissílabos podem terminar, por que recebem os nomes labiais, guturais e dentais? Exemplifique.

2. Sem consultar dicionário, encontre o nominativo singular das seguintes palavras: hiemes, dentem, legum, milites, urbes, montium, pontibus, sanguinis e noctium, justificando. Em seguida, confirme suas respostas consultando dicionário.

3. Sabemos da importância do genitivo para a determinação dos radicais das palavras, mas, no caso em tela (imparissílabos terminados em -s) ele se mostra ainda mais importante. Por quê?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Chega ao fim mais uma unidade de estudos de Língua e Literatura Latina II. Agora, você já tem condições de declinar palavras da terceira declinação cujo nominativo termina em *-ter*, como *pater* e *mater*, entendendo principalmente o porquê da modificação morfofonêmica ocorrida em palavras desse grupo. Além disso, estudou e também consegue declinar imparissílabos cujo nominativo termina em *-s* e cujo radical se encerre em consoante labial, gutural ou dental. Estamos a poucos passos de encerrar o estudo gramatical dos substantivos latinos, portanto procure mostrar ainda mais dedicação e concentração, falta pouco para você vencer esta etapa!

Para aprofundar e de fato aprender bem os temas apresentados nessa Unidade, uma leitura regular dos textos sugeridos para isentar qualquer dúvida existente se faz necessária. E não deixe de procurar os tutores para os devidos esclarecimentos.



Resumo

No tópico 1 você viu que certos nomes da 3ª declinação, cujo nominativo termina em *-ter*, perdem o “e” dessa terminação no genitivo e, conseqüentemente, em todos os demais casos. A desinência do genitivo plural desses nomes é *-um*, a exemplo de *pater* > *patr-is* (= pai). Há na 3ª declinação um nome terminado em *-ter* que não obedece a mesma regra de declinação: *Jupīter* (= Júpiter), cujo genitivo é *Jovis*, declinável apenas no singular. Ressalte-se que, embora se declinem como imparissílabos, essas palavras não o são. Um imparissílabo que serve de paradigma para a declinação desses nomes é *sermo* (= discurso, conversa).

O tópico 2 mostrou que muitos dos imparissílabos terminados em *-s* no nominativo têm o radical do genitivo geralmente terminado ou em uma labial, ou numa gutural, ou numa dental: quando o radical termina em labial (*b*, *p*, *m*), conserva a labial no nominativo, ex.: *plebe* rad. *pleb* (gen. *pleb-is*); como o *b* é labial, essa consoante subsiste no nominativo singular: *plebs*; quando o radical termina em gutural (*g*, *c*), a gutural funde-se com o *s* no nominativo, produzindo a letra *x*, que em latim sempre tem o som de [cs], ex.: o *rex* rad. *reg* (gen. *reg-is*); como o *g* é gutural, essa consoante, em combinação com o *s*, dá *x* no nominativo: *rex* (*reg* + *s*); e quando o radical termina em dental (*d*, *t*, *n*), a dental desaparece no nominativo. Exemplo: o radical de *dente* é em latim *dent* (gen. *dent-is*); como o *t* é dental, essa letra desaparece antes do *s* no nominativo, que é então *dens* (*dent* + *s*). Se nesse mesmo caso o radical tiver um *i* breve, essa vogal muda-se no nominativo em *e* se o nominativo terminar em: *-ps*: gen. *princip-is*, nom. *princeps*; *-(t)s*, *-(d)s*: gen. *milit-is*, nom. *miles*; gen. *obsid-is*, nom. *obsess*; e *-x*: gen. *judic-is*, nom. *judex*.

Leituras recomendadas

Para o melhor entendimento dos conteúdos estudados nesta Unidade, você deve procurar ler:

a. Para “Nomes terminados em -ter”, ver “Lição 19 – nomes em ter”, in:

Gramática Latina, de Napoleão Mendes de Almeida (2000: p. 69 - 70); “Terceira declinação”, in: Iniciação ao Latim, de Zelia de Almeida Cardoso (2003, p. 32-39);

b. Para “Imparissílabos com terminação em -s” ver “Imparissílabos em S”, in:

Gramática Latina, de Napoleão Mendes de Almeida (2000: p. 70-71); “Nomes imparissílabos”, in: <http://www.latim.ufsc.br/EE6C3033-4037-430E-94C7-125B723DF305.html>.



Autoavaliação

Fale a respeito das mudanças morfofonêmicas que ocorrem nos nomes terminados em -ter e nos imparissílabos terminados em -s da 3ª declinação, explicitando a razão dessas mudanças e ilustrando com exemplos.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina: curso único e completo**. 29 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

ALMENDRA, Maria Ana; FIGUEIREDO, José Nunes de. **Compêndio de Gramática Latina**. Porto: Porto editora, 2003.

BOYES, Francis Xavier. **Língua Latina I**. Recife: Fasa Editora, 1989.

CARDOSO, Zélia Almeida. **Iniciação ao Latim**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).

COMBA, Júlio. **Gramática Latina para Seminários e Faculdades**. 4 ed. rev. e adpt. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1991.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

RÓNAI, Paulo. **Não Perca o seu Latim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.



III UNIDADE

Os nomes neutros da terceira declinação

Apresentação

Agora que você conhece muito a respeito da 3ª declinação dos nomes em latim, esperamos que você não encontre dificuldade em aprender mais especificidades desta grande – em tamanho e variedade – categoria nominal. Mais uma unidade se inicia, e, desta vez, trataremos dos neutros da 3ª declinação (como você já deve saber, a 3ª declinação abrange nomes masculinos, femininos e neutros), trazendo a estudo seus diferentes paradigmas flexionais e respectivos exemplos.

Os neutros da 3ª declinação são divididos em três grupos que apresentam três diferentes declinações: os neutros terminados em –e, –al e –ar; os nomes de origem grega terminados em –ma; e os demais, que não se encaixam neste nem naquele grupo.

Vamos, então, desbravar mais um lugar neste território chamado Língua Latina! A vocês, nossos votos de bons estudos e ótimos resultados!



Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você consiga:

- Conhecer o comportamento flexional dos nomes neutros da 3ª declinação, atentando para particularidades que determinam a declinação dos nomes e sua divisão em grupos;
- Reconhecer o grupo a que pertence cada um dos nomes neutros da 3ª declinação;
- Declinar nomes neutros de acordo com seus respectivos paradigmas flexionais.

Neutros da 3ª declinação

De modo geral, segundo Rónai (1980, p. 196), os neutros da 3ª declinação são reconhecidos pelas terminações –us (genitivo em –eris ou –oris), –al, –ar, –e, –en, –l, –c, –t. Os nomes neutros que possuem terminação –um no genitivo plural têm –e no ablativo singular, –a no nominativo, vocativo e acusativo plurais; os que possuem terminação –ium no genitivo plural, –i e –ia respectivamente.

Vejamos o exemplo de mare, mar-is (=mar):

	singular	plural
Nom.	mar-e	mar-ia
Gen.	mar-is	mar-ium
Ac.	mar-e	mar-ia
Dat.	mar-i	mar-ibus
Abl.	mar-i	mar-ibus
Voc.	mar-e	mar-ia

Nota: observe que, como o genitivo plural de mar termina em –ium, o ablativo singular se dá em –i e o nominativo, o vocativo e o acusativo em –ia, conforme dito acima.

Os substantivos neutros oferecem uma regularidade que auxilia em sua compreensão: em todas as declinações três casos são iguais, o nominativo, o acusativo e o vocativo, e estes no plural terminam sempre em –a.

	singular	plural
Nom.	corp-us	corpor-a
Gen.	corp-oris	corpor-um
Ac.	corp-us	corpor-a
Dat.	corp-ori	corpor-ibus
Abl.	corp-ore	corpor-ibus
Voc.	corp-us	corpor-a

Munidos dessas informações, podemos avançar e conhecer melhor como se dão as declinações dos diferentes neutros compreendidos na 3ª declinação. Para facilitar a memorização e, por conseguinte, a aprendizagem desses nomes, os gramáticos os dividem em três grupos:

a) NEUTROS EM –E, –AL, –AR:

Os substantivos neutros que terminam o nominativo singular em –e, –al, –ar fazem

- no ablativo singular –i;

- nos três casos iguais do plural **-ia**;
- no genitivo plural **-ium**.

Nota: excetua-se *néctar*, *nectaris*, *néctar*, abl. *nectare*; *jubar*, *jubaris*, esplendor, abl. *jubare*; *sal*, *salis*, sal (no singular pode ser masculino e neutro, no plural sempre masculino), abl. *sale*, porque o **a** destes substantivos é breve.

Quadro desinencial

	singular	plural
Nom.	-e , <i>-al</i> , <i>-ar</i>	-ia
Gen.	-is	-ium
Ac.	<i>igual ao nominativo</i>	-ia
Dat.	-i	-ibus
Abl.	-i	-ibus
Voc.	<i>igual ao nominativo</i>	-ia

Exemplos

	singular	plural
Nom.	<i>cubil-e</i>	<i>cubil-ia</i>
Gen.	<i>cubil-is</i>	<i>cubil-ium</i>
Ac.	<i>cubil-e</i>	<i>cubil-ia</i>
Dat.	<i>cubil-i</i>	<i>cubil-ibus</i>
Abl.	<i>cubil-i</i>	<i>cubil-ibus</i>
Voc.	<i>cubil-e</i>	<i>cubil-ia</i>

	singular	plural
Nom.	<i>animal</i>	<i>animal-ia</i>
Gen.	<i>animal-is</i>	<i>animal-ium</i>
Ac.	<i>animal</i>	<i>animal-ia</i>
Dat.	<i>animal-i</i>	<i>animal-ibus</i>
Abl.	<i>animal-i</i>	<i>animal-ibus</i>
Voc.	<i>animal</i>	<i>animal-ia</i>

	singular	plural
Nom.	<i>exemplar</i>	<i>exemplar-ia</i>
Gen.	<i>exemplar-is</i>	<i>exemplar-ium</i>
Ac.	<i>exemplar</i>	<i>exemplar-ia</i>
Dat.	<i>exemplar-i</i>	<i>exemplar-ibus</i>
Abl.	<i>exemplar-i</i>	<i>exemplar-ibus</i>
Voc.	<i>exemplar</i>	<i>exemplar-ia</i>



¹ Devido a empréstimos linguísticos, muitos nomes gregos foram assimilados ao léxico latino e até hoje compõem as línguas derivadas deste idioma

b) NEUTROS DE ORIGEM GREGA, DE TERMINAÇÃO EM –MA¹

O radical destes nomes sempre apresenta um t depois da terminação –ma: thema, thematis; poema, poematis, etc.

O dativo e o ablativo do plural desses neutros é em –is, como se fossem da 2ª declinação, e o genitivo plural também é igual ao da 2ª, em –orum. No entanto, podem ter as mesmas desinências regulares da 3ª declinação.

Quadro desinencial

	singular	plural
Nom.	-ma	-[t]a
Gen.	-is	-orum ou -um
Ac.	igual ao nominativo	-[t]a
Dat.	-i	-is ou -ibus
Abl.	-i	-is ou -ibus
Voc.	igual ao nominativo	-[t]a

Exemplo:

	singular	plural
Nom.	poema	poemat-a
Gen.	poemat-is	poemat-orum (ou poematum)
Ac.	poema	poemat-a
Dat.	poemat-i	poemat-is (ou poematibus)
Abl.	poemat-e	poemat-is (ou poematibus)
Voc.	poema	poemat-a

c) DEMAIS NEUTROS (QUE NÃO SE ENCAIXAM NOS GRUPOS ANTERIORES)

Estes neutros fazem:

- no ablativo singular –e;
- nos três casos iguais do plural –a;
- no genitivo plural –um.

Quadro desinencial

	singular	plural
Nom.	várias terminações	-a
Gen.	-is	-um
Ac.	igual ao nominativo	-a
Dat.	-i	-ibus
Abl.	-e	-ibus
Voc.	igual ao nominativo	-a

Exemplo:

	singular	plural
Nom.	<i>tempus</i>	<i>tempor-a</i>
Gen.	<i>tempor-is</i>	<i>tempor-um</i>
Ac.	<i>tempus</i>	<i>tempor-a</i>
Dat.	<i>tempor-i</i>	<i>tempor-ibus</i>
Abl.	<i>tempor-e</i>	<i>tempor-ibus</i>
Voc.	<i>tempus</i>	<i>tempor-a</i>

Nota: *cor*, *cordis*, n. coração, tem no genitivo plural *cordium* (nos escritos eclesiásticos); *os*, *ossis*, n. osso, genitivo plural *ossium*.

O NUM GRAM

Atividade I



1. Decline e traduza para o português:

- a) ovile
- b) praesepe
- c) litus
- d) diadema
- e) calcar
- f) flumen
- g) tribunal
- h) caput
- i) diplomata
- j) nomen
- k) aenigma

2. Agrupe os nomes do quesito anterior conforme a divisão estabelecida para os neutros da 3ª declinação, elaborando uma tabela.

3. Explique a razão de néctar, jubar e sal não terem suas declinações de acordo com seu respectivo grupo.

4. Discorra sobre a razão histórico-cultural que justifica o fato de palavras gregas terem sido assimiladas ao léxico latino.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Chega ao fim mais uma unidade de estudos de **Língua e literatura latina II**. Na presente unidade você conheceu como se comportam os neutros compreendidos na 3ª declinação e viu que estudar latim não se restringe a latim: devido a empréstimos lingüísticos, muitas palavras gregas foram assimiladas à língua latina e que, por isso, permanecem nas neolatinas. Não tem **enigma!**

Mas não é o bastante: ainda há muito a conhecer e muito a se fazer sobre o que já é sabido! Para aprofundar e de fato aprender bem os temas apresentados nessa Unidade, uma leitura regular dos textos sugeridos, para isentar qualquer dúvida existente, se faz necessária. E não deixe de procurar os tutores para os esclarecimentos.



Resumo

De modo geral, os neutros da 3ª declinação são reconhecidos pelas terminações –us (genitivo em –eris ou –oris), –al, –ar, –e, –en, –l, –c, –t. Os nomes neutros que possuem terminação –um no genitivo plural têm –e no ablativo singular, –a no nominativo, vocativo e acusativo plurais; os que possuem terminação –ium no genitivo plural, –i e –ia respectivamente. Como o genitivo plural de mar termina em –ium, o ablativo singular se dá em –i e o nominativo, o vocativo e o acusativo em –ia, conforme dito acima. Os substantivos neutros têm em todas as declinações três casos iguais: o nominativo, o acusativo e o vocativo, e estes no plural terminam sempre em –a. Os gramáticos dividem esses nomes em três grupos: a) NEUTROS EM –E, –AL, –AR, que fazem no ablativo singular –i, nos três casos iguais do plural –ia, e no genitivo plural –ium; b) NEUTROS DE ORIGEM GREGA, DE TERMINAÇÃO EM –MA : o radical destes nomes sempre apresenta um t depois da terminação –ma: thema, thematis; poema, poematis, etc. O dativo e o ablativo do plural desses neutros é em –is, como se fossem da 2ª declinação, e o genitivo plural também é igual ao da 2ª, em –orum. No entanto, podem ter as mesmas desinências regulares da 3ª declinação; e DEMAIS NEUTROS (QUE NÃO SE ENCAIXAM NOS GRUPOS ANTERIORES, que fazem: no ablativo singular –e, nos três casos iguais do plural –a e no genitivo plural –um.

Leituras recomendadas

Para o melhor entendimento dos conteúdos estudados nesta Unidade, você deve procurar ler:

- **“Neutros da 3ª declinação”**, in: Gramática Latina, de Napoleão Mendes de Almeida (2000: p. 72-75);
- **“Terceira declinação”** in: Iniciação ao Latim, de Zelia de Almeida Cardoso (2003, p. 32-39);
- **“Observações acerca da terceira declinação”**, in: Não perca o seu latim, de Paulo Rónai (1980, p. 195-199);
- **“Terceira declinação”**, in: Programa de Latim, de Júlio Comba (2000, p. 55-65);
- **“Substantivos e adjetivos da 3ª declinação: genitivo -is”**, in: Língua e Literatura Latina e sua derivação Portuguesa, de Oswaldo Antônio Furlan (2006: p.174-177).



Autoavaliação

Teça um comentário acerca da divisão dos nomes neutros da 3ª declinação, enfatizando as particularidades de cada grupo.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina: curso único e completo**. 29 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

ALMENDRA, Maria Ana; FIGUEIREDO, José Nunes de. **Compêndio de Gramática Latina**. Porto: Porto editora, 2003.

BOYES, Francis Xavier. **Língua Latina I**. Recife: Fasa Editora, 1989.

CARDOSO, Zélia Almeida. **Iniciação ao Latim**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).

COMBA, Júlio. **Gramática Latina para Seminários e Faculdades**. 4 ed. rev. e adpt. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1991.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

RÓNAI, Paulo. **Não Perca o seu Latim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.



IV UNIDADE

**Substantivos,
adjetivos,
pronomes**

Apresentação

Olá! Bem-vindos a mais um tópico de estudos de Língua a Literatura Latina II! Nas unidades anteriores você tomou conhecimento do comportamento de mais nomes em latim, os da 3ª declinação, a mais numerosa dentre as cinco – e não menos rica em peculiaridades -, que nos exigem olhar mais atento. Agora, na presente unidade, você conhecerá os adjetivos de 2ª classe, que têm seus quadros flexionais com base nos paradigmas da 3ª declinação. Logo, vale salientar a importância de ter acesso às unidades anteriores: elas vão ajudar em muito essa nova aprendizagem.

Atente para o fato de alguns gramáticos falarem numa categoria chamada “nomes”, na qual incluem substantivos, adjetivos, numerais e pronomes, em virtude de seus comportamentos morfossintáticos serem parecidos. No entanto, em nossos estudos, quando surge a palavra “nome(s)”, referimo-nos apenas aos substantivos. Logo, evite confundir.

Além dos adjetivos de 2ª classe, você estudará também as duas últimas declinações dos nomes latinos: a 4ª, à qual pertencem masculinos e femininos terminados em –US e neutros terminados em –U, e a 5ª, que compreende apenas dois nomes: res (= coisa) e dies (= dia).

Por fim, um estudo sobre os pronomes demonstrativos e relativos, elementos de função dêitica e anafórica¹, bastante necessário para que possamos compreender frases e textos latinos (objetos de nossas próximas unidades!) sem maiores dificuldades.

Mais uma vez – e sempre -, nossos votos de bons estudos e excelente aprendizagem!



¹ Dêixis e anáfora são formas de construção de referência que evitam a repetição de termos citados outrora no texto graças à atuação dos pronomes, cuja função precípua é substituir o nome (substantivo), tornando o texto menos prolixo e mais conciso.



Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você consiga:

- Compreender a morfossintaxe dos adjetivos latinos, atentando para seu grau e concordância com o termo determinado, especialmente os adjetivos de 2ª classe;
- Conhecer a 4ª e a 5ª declinações, seus paradigmas e peculiaridades;
- Compreender o uso dos pronomes demonstrativos e relativos em frases latinas, atentando para sua declinação e principais características.

Adjetivos de 2ª classe

Antes de falarmos nos adjetivos de 2ª classe, é preciso estabelecer algumas discussões.

Os adjetivos latinos se dividem em alguns grupos e subgrupos, de acordo com a declinação do substantivo a que faça referência, como, por exemplo, “bonus, bona, bonum”, nominativo masculino, feminino e neutro respectivamente, declináveis o masculino e o neutro de acordo com a 2ª declinação, e o feminino de acordo com a 1ª.

Assim como no português, o adjetivo em latim geralmente vem posposto ao substantivo e concorda com este em caso, gênero e número. Assim, em uma tradução do português para latim, por exemplo, deve haver, inicialmente, a pesquisa do nome no dicionário, de cujo gênero e declinação determinarão o comportamento flexional do adjetivo.

Para se declinar um adjetivo um único cuidado deve ser tomado: encontrar seu radical. Como? Da mesma forma que se encontra o radical de um substantivo. O dicionário apresenta o adjetivo da seguinte forma: masculino completo, seguido das terminações do feminino e do neutro, todas do nominativo singular: bônus, a, um.

“Adjetivo é a palavra que se refere a um substantivo para indicar-lhe um atributo” (ALMEIDA, 2000, p. 94). Esta é a definição mais corrente de adjetivo, mas novas discussões, em especial as da morfossintaxe, estabelecem outras terminologias para o termo: é também chamado determinante, visto ter como função caracterizar de alguma forma o substantivo, adequando-o ou se adequando ao seu comportamento flexional.

Em latim, para efeito de declinação, os adjetivos se dividem em dois grupos: a) adjetivos de 1ª classe, e b) adjetivos de 2ª classe. São de primeira classe os adjetivos que apresentam três formas distintas, uma para cada gênero (adjetivos triformes):

- masculino em –us (2ª declinação)
- feminino em –a (1ª declinação)
- neutro em –um (2ª declinação)

Por sua vez, os adjetivos de 2ª classe são divididos de acordo com a terminação do genitivo plural, razão pela qual se dividem em parissílabos e imparissílabos:

PARISSÍLABOS – subdividem-se em dois grupos:

- com duas terminações no nominativo (uma para o masculino e o feminino, outra para o neutro) (adjetivos bifformes). Ex.: *brevis*, *breve*.

	SINGULAR		PLURAL	
	Masc. e Fem.	Neutro	Masc. e Fem.	Neutro
Nom	<i>brevis</i>	<i>breve</i>	<i>breves</i>	<i>brevia</i>
Voc	<i>brevis</i>	<i>breve</i>	<i>breves</i>	<i>brevia</i>
Gen	<i>brevis</i>		<i>brev-ium</i>	
Dat	<i>brevi</i>		<i>brevibus</i>	
Abl	<i>brev-i</i>		<i>brevibus</i>	
Ac.	<i>brevem</i>	<i>breve</i>	<i>breves</i>	<i>brevia</i>

Nota: o ablativo singular desses adjetivos é sempre em *-i*; o nominativo, o vocativo **e** o acusativo desses adjetivos têm terminações próprias (sing. em *e*, e pl. em **ia**), enquanto os demais casos são iguais aos outros gêneros; e o genitivo plural é em **-ium**, porque se trata de adjetivos parissílabos.

- com três terminações, uma para cada gênero (adjetivos triformes). Ex.: acer (m.), acris (f.) e acre (n.) (= agudo, acre)

	SINGULAR			PLURAL	
	Masc.	Fem.	Neutro	Masc.e Fem.	Neutro
Nom	<i>acer</i>	<i>acris</i>	<i>acres</i>	<i>acres</i>	<i>acria</i>
Voc	<i>acer</i>	<i>acris</i>	<i>acres</i>	<i>acres</i>	<i>acria</i>
Gen	<i>acris</i>			<i>acr-ium</i>	
Dat	<i>acri</i>			<i>acribus</i>	
Abl	<i>acr-i</i>			<i>acribus</i>	
Ac.	<i>acrem</i>	<i>acrem</i>	<i>acres</i>	<i>acres</i>	<i>acria</i>

Nota: Atente para a existência de uma forma especial em **-er** para o masculino no nominativo e no vocativo do singular. A não ser por isso, a declinação é idêntica a de *brevis*, *e*.

Para facilitar o estudo desse subgrupo, Almeida (2000, p. 100) nos oferece uma lista com os treze adjetivos triformes de 2ª classe:

<i>acer</i>	<i>pedester</i>
<i>alacer</i>	<i>puter</i>
<i>campester</i>	<i>saluber</i>
<i>celeber</i>	<i>silvester</i>
<i>celer</i>	<i>terrester</i>
<i>equester</i>	<i>volucer</i>
<i>paluster</i>	

Nota: *celer, celeris, célere* (= rápido) é o único desses 13 adjetivos que conserva nos demais casos o **e** do nominativo.

IMPARISSÍLABOS – têm uma única terminação no nominativo singular para os três gêneros (uniformes) e subdividem-se em dois grupos:

- com genitivo plural em **-ium**: cujo radical termina em duas consoantes (*prudens, prudent-is*) ou em **-c** (*velox, veloc-is*)

	SINGULAR	PLURAL	
	Masc. Fem. Neutro	Masc. e Fem.	Neutro
Nom	<i>prudens</i>	<i>prudent-es</i>	<i>prudent-ia</i>
Voc	<i>prudens</i>	<i>prudent-es</i>	<i>prudent-ia</i>
Gen	<i>prudent-is</i>	<i>prudent-ium</i>	
Dat	<i>prudent-i</i>	<i>prudent-ibus</i>	
Abl	<i>prudent-i</i>	<i>prudent-ibus</i>	
Ac.	<i>prudentem</i> (m. e f.) <i>prudens</i> (n.)	<i>prudent-es</i>	<i>prudent-ia</i>

	SINGULAR	PLURAL	
	Masc. Fem. Neutro	Masc. e Fem.	Neutro
Nom	<i>velox</i>	<i>veloc-es</i>	<i>veloc-ia</i>
Voc	<i>velox</i>	<i>veloc-es</i>	<i>veloc-ia</i>
Gen	<i>veloc-is</i>	<i>veloc-ium</i>	
Dat	<i>veloc-i</i>	<i>veloc-ibus</i>	
Abl	<i>veloc-i</i>	<i>veloc-ibus</i>	
Ac.	<i>velocem</i> (m. e f.) <i>velox</i> (n.)	<i>veloc-es</i>	<i>veloc-ia</i>



² Os poetas muitas vezes suprimem sílabas de palavras para adequarem seu texto a determinado cânone poético como, por exemplo, o soneto petrarquiano, que exige dez sílabas métricas para cada verso, o que pode ter influenciado a escrita, vez que o latim escrito era o literário e o eclesiástico.

Notas:

- Observem-se as duas formas no acusativo singular: o neutro no acusativo é igual ao nominativo; o mesmo ocorre no plural;
- os participios presentes dos verbos latinos terminam em **-ens** e se declinam como *prudens, prudentis*, no entanto, no ablativo singular terminarão em **-e**, quando com valor de verbo ou substantivo, ou em **-i**, quando funcionarem como adjetivo;
- o genitivo plural dos adjetivos em **-ens** é em **-ium**, às vezes em **-um**. Nos participios, todavia, é quase sempre em **-um**;
- as exigências da métrica latina é que muitas vezes criam ou alteram procedimentos léxicos².

- com genitivo plural em **-um**: cujo radical termina por uma consoante que não seja **C**:

	SINGULAR	PLURAL	
	Masc. Fem. Neutro	Masc. e Fem.	Neutro
Nom	<i>vetus</i>	<i>veter-es</i>	<i>vetera</i>
Voc	<i>vetus</i>	<i>veter-es</i>	<i>prudent-ia</i>
Gen	<i>veter -is</i>	<i>veter-um</i>	
Dat	<i>veter -i</i>	<i>veter-ibus</i>	
Abl	<i>veter-e</i>	<i>veter-ibus</i>	
Ac.	<i>veterem (m. e f.) vetus (n.)</i>	<i>veteres</i>	<i>vetera</i>

Notas: alguns adjetivos podem ter o ablativo do singular em **e** ou em **i**, como *ales*, *itis* (= alado), *circu*, *uris* (= domado, manso), por exemplo;

- quase todos os adjetivos deste grupo são empregados substantivamente e por aparecerem mais nessa condição é que o ablativo é quase sempre em **e**;
- as expressões *omnia meã e bona sunt utilia*, por exemplo, cujos adjetivos estão no neutro plural, precisam, na tradução para o português, do acréscimo da palavra “coisas”: “todas as minhas [coisas]” e “as [coisas] boas são úteis”, respectivamente.

Grau dos adjetivos

São três os graus dos adjetivos: o normal (ou positivo), o comparativo e o superlativo. Vejamos exemplos:

- Pedro é estudioso (normal ou positivo)
- Pedro é mais estudioso (comparativo)
- Pedro é estudiosíssimo (superlativo)

Em latim, o adjetivo em seu grau normal é obtido através de sua declinação estar em concordância com o nome (substantivo). Os graus comparativo e superlativo, por sua vez, apresentam mecanismos sintáticos particulares, dignos de sobre os quais aprofundarmos nosso estudo.

O Comparativo: formação

No comparativo em latim o adjetivo flexiona-se verdadeiramente, sofrendo alteração na desinência, segundo algumas regras:

- O comparativo masculino e feminino se dá pela junção da desinência **-ior** ao radical do adjetivo (que, já é sabido, extrai-se do genitivo singular), e **-ius** para o neutro.

Ex.: *jucundus*, a, um – radical: *jucund-i*; comparativo masc. e fem.: *jucundior*; comparativo neutro: *jucundius*.

Os comparativos se declinam de acordo com o substantivo a que se referem: para isso, é preciso decliná-los seguindo a 3ª declinação (ablativo geralmente em **e**) e com o plural neutro em **a**:

	SINGULAR		PLURAL	
	Masc. e Fem.	Neutro	Masc. e Fem.	Neutro
Nom	<i>jucundior</i>	<i>jucundius</i>	<i>jucundiores</i>	<i>jucundior-a</i>
Voc	<i>jucundior</i>	<i>jucundius</i>	<i>jucundiores</i>	<i>jucundior-a</i>
Gen	<i>jucundioris</i>		<i>jucundior-um</i>	
Dat	<i>jucundiori</i>		<i>jucundioribus</i>	
Abl	<i>jucundior-e(i)</i>		<i>jucundioribus</i>	
Ac.	<i>jucundiozem</i>	<i>jucundius</i>	<i>jucundiores</i>	<i>jucundior-a</i>

O Superlativo: formação

Quando um atributo (adjetivo em grau normal) é elevado ao seu grau máximo, dizemos que ele está no grau superlativo (v. tópico 2).

Em português, o superlativo pode ser sintético, expresso por uma só palavra (*estudiosíssimo*), ou analítico (*muito estudioso*), expresso por mais de uma palavra. Mas cuidado para não confundir:

- “mais estudioso” (grau comparativo)
- “o mais estudioso” (grau superlativo) [atente para a presença do artigo definido]

Já em latim só há a forma sintética do grau superlativo, que segue a seguinte regra: ao radical do adjetivo acrescenta-se as desinências **-issimus**, **-issima**, ou **-issimum**. Para dizer *agradabilíssimo(a)* ou *o(a) mais agradável* em latim, temos:

Masc.	Fem.	Neutro
<i>jucundissimus</i>	<i>jucundissima</i>	<i>jucundissimum</i>

Os superlativos concordam com o substantivo a que se referem, declinando-se de acordo com *bonus*, *bona* e *bonum*:

	SINGULAR			PLURAL		
	m. (2ª)	f. (1ª)	n. (2ª)	m. (2ª)	f. (1ª)	n. (2ª)
Nom.	<i>bonus</i>	<i>bona</i>	<i>bonum</i>	<i>boni</i>	<i>bonae</i>	<i>bona</i>
Voc.	<i>bone</i>	<i>bona</i>	<i>bonum</i>	<i>boni</i>	<i>bonae</i>	<i>bona</i>
Gen.	<i>bon-i</i>	<i>bonae</i>	<i>boni</i>	<i>bonorum</i>	<i>bona-rum</i>	<i>bonorum</i>
Dat.	<i>bono</i>	<i>bonae</i>	<i>bono</i>	<i>bonis</i>	<i>bonis</i>	<i>bonis</i>
Abl.	<i>bono</i>	<i>bona</i>	<i>bono</i>	<i>bonis</i>	<i>bonis</i>	<i>bonis</i>
Ac.	<i>bonum</i>	<i>bonam</i>	<i>bonum</i>	<i>bonos</i>	<i>bonas</i>	<i>bona</i>

Sintaxe do comparativo e do superlativo

Conforme dito anteriormente, os graus comparativo e superlativo possuem regras especiais para sua formação. Começemos pelo grau comparativo.

COMPARATIVO: podemos comparar de três formas: mostrando superioridade, igualdade ou inferioridade entre indivíduos ou entre qualidades.

DE SUPERIORIDADE

- a) quando se comparam indivíduos, o primeiro termo vai para o caso que lhe cabe de acordo com a função, mas o segundo termo:
 1. ou se põe simplesmente no ablativo, ex.: *Filius est intelligentior patre*;
 2. ou se põe no mesmo caso do primeiro, precedido da conjunção comparativa *quam*, ex.: *Filius est intelligentior quam pater*.
- b) quando se comparam duas qualidades, declarando-se que no mesmo indivíduo uma existe em maior grau que a outra,
 1. ou ambos os adjetivos vão para o comparativo, fazendo-se anteceder o segundo de *quam*, ex.: *Filius est intelligentior quam ditior* (ou *divitior*);
 2. ou ambos ficam no positivo, acrescentando-se à oração a locução *magis [...] quam*, ex.: *Filius est magis intelligens quam dives* (ou *dis*).

DE INFERIORIDADE

O adjetivo não sofre flexão; forma-se pela junção do advérbio *minus* ao adjetivo. O segundo termo segue a mesma regra do item a) do tópico anterior:

1. Filius minus intelligens est **pater**
2. Filius minus intelligens est quam **pater**

DE IGUALDADE

Em latim, forma-se de várias maneiras. Observem-se as possíveis traduções latinas da oração *O filho é tão inteligente como o pai*:

Filius est **non minus** intelligens **quam** pater

Filius est **tam** intelligens **quam** pater

Filius est **pariter** intelligens **ac** pater

Filius est **aeque** intelligens **ac** pater

Filius est **aeque** intelligens **atque** pater

SUPERLATIVO: há duas maneiras de utilizar o grau superlativo: elevando o atributo sem referir-se a outra(s) coisa(s) (superlativo absoluto), e relacionando um ser a outro(s) (superlativo relativo):

Pedro é *intelligentíssimo* (absoluto)

Pedro é o *mais inteligente* (relativo)

RELATIVO

O termo de relação do superlativo relativo em latim traduz-se de diferentes formas. Na oração *Pedro é o mais inteligente dos irmãos*, “dos irmãos” é o termo de relação, que em latim pode ser dar:

- a) pelo genitivo: Petrus est intelligentissimus **fratrum**
- b) pelo ablativo com **ex**: Petrus est intelligentissimus **ex fratribus**
- c) pelo ablativo com **e**: Petrus est intelligentissimus **e fratribus**
- d) pelo ablativo com **de**: Petrus est intelligentissimus **de fratribus**
- e) pelo acusativo com **inter**: Petrus est intelligentissimus **inter fratres**

Atividade I



1. Antes de declinar adjetivos latinos, é importante que se saibam suas peculiaridades, a fim de compreender o comportamento flexional de cada grupo. Assim, responda:

a) Que declinação seguem os adjetivos de 2ª classe?

b) Os adjetivos biformes têm o ablativo singular terminados em?

c) Qual a única diferença de declinação entre os adjetivos triformes e os biformes?

2. Decline os seguintes adjetivos:

a) bellicus, a, um

b) dives, itis

c) vetus, eris

d) celebrer, bris, bre

e) prudens, prudentis

f) brevis, e

g) similis, e

3. Faça a tradução das frases seguintes, identificando os adjetivos latinos e indicando os casos a que pertencem em cada sentença:

a) Habeo mensam et cathedram.

b) Rosa pulchra est.

c) Puella habet rosam pulchram.

d) Video puellam et rosam.

e) Avia puellae cantat.

f) Puella dat rosam aviae.

g) Historia magistra vitæ est.

h) Fesso corpori salubris est quies

i) Celebria erant Jovis et Apollinis oracula.

j) Magna est bellica veterum Romanorum gloria

k) Bella civilia semper turpia sunt

l) Fidelium canum custodia utilis est dominis



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

4. Elabore frases latinas que representem os graus comparativo (de superioridade, igualdade e inferioridade) e superlativo (absoluto e relativo) dos adjetivos. Em todo caso, pesquise nomes próprios e/ou substantivos comuns para estabelecer tais relações, indicando, à frente, a que grau do adjetivo corresponde a sentença, e apontando, com grifo e descrição, que tipo de mudança o adjetivo e o(s) nome(s) envolvido(s) sofre(m) para realizar aquela flexão de grau.

Vocabulário

<i>avia</i> = avó	<i>fidelis</i> , <i>e</i> = fiel
<i>bellicus</i> , <i>a</i> , <i>um</i> = bélica	<i>habet</i> = tem
<i>bellum</i> , <i>i</i> = guerra	<i>magistra</i> = mestra
<i>canis</i> , <i>is</i> = cão	<i>mensa</i> = mesa
<i>cantat</i> = canta	<i>oraculum</i> , <i>i</i> = oráculo
<i>cathedra</i> = cadeira	<i>puella</i> = garota
<i>celeber</i> , <i>bris</i> , <i>bre</i> = célebre	<i>pulchra</i> = bela
<i>civilis</i> , <i>e</i> = civil	<i>quies</i> , <i>quietis</i> = repouso, descanso
<i>corpus</i> , <i>oris</i> = corpo	<i>saluber</i> , <i>bris</i> , <i>bre</i> = salubre, sadio, saudável
<i>custodia</i> , <i>ae</i> = guarda	<i>turpis</i> , <i>e</i> = horrendo
<i>dat</i> = dá	<i>utilis</i> , <i>e</i> = útil
<i>est</i> = é	<i>vetus</i> , <i>eris</i> = velho, antigo
<i>fessus</i> , <i>a</i> , <i>um</i> = cansado	

A 4ª e a 5ª declinações

Retornemos, agora, ao estudo das declinações dos nomes em latim. Apresentamos a penúltima e a última declinações dos nomes em latim. Por compreenderem bem menos nomes que as demais declinações, optamos por apresentá-las em um mesmo tópico.

Pela ordem, vejamos como se caracteriza a 4ª declinação.

Em primeiro lugar, a 4ª declinação compreende nomes masculinos e femininos, que terminam em **-us**, e alguns nomes neutros, que terminam em **-u**. O genitivo singular dessa declinação termina em **us**. Não há dificuldade nesta declinação, bastando lembrar que os nomes neutros terminam no singular sempre em **-u** (o genitivo pode ser também em **-us**) e no plural tem os três casos iguais (nom., voc. e acus.) eu **-ua**.

Observe-se a declinação nos nomes *fructus*, s.m. (= fruto) e *genus*, s.n. (= joelho) – o paradigma da flexão do masculino se aplica também ao feminino.

Paradigma 4ª declinação				
SINGULAR		PLURAL	SINGULAR	PLURAL
<i>fructūs, fruct-ūs, s.m.</i>			<i>genū, gen-ūs, s.n.</i>	
<i>fruto</i>		<i>frutos</i>	<i>joelho</i>	<i>joelhos</i>
N./V.	fruct- ūs	fruct- ūs	gen- u	gen- ūa
Gen.	fruct- ūs	fructū- um	gen- ūs	gen- ūum
Ac.	fruct- um	fruct- us	gen- u	gen- ua
Dat.	fruct- ūi	fruct- ibus	gen- ūi	gen- ibus
Abl.	fruct- ū	fruct- ibus	gen- u	gen- ibus

Nota:

Outros nomes masculinos: *sensus*, *motus*, *currus* etc. Nomes femininos como *manus* (= mão), *nurus* (= nora), *socrus* (= sogra), *anus* (= velha) etc.;

Outros nomes neutros (raríssimos): *cornu* (= corno, chifre), gelo (= gelo, geada) podem ser neutros da 4ª declinação (e são então no singular indeclináveis) ou aparecem às vezes declinados como neutros da 2ª declinação (*cornum*, *i*; *gelum*, *i*) ou ainda como masculinos da 2ª (*genus*, *i*).

Algumas palavras exigem certos cuidados, como, por exemplo, *exercitus*: no nominativo tem o acento na sílaba *er*, mas no dativo singular é *exercitui*, com acento na sílaba *ci*, porque houve acréscimo de uma sílaba: *exerci-tu-i* (igual cuidado com o plural do genitivo, dativo e ablativo: *exercí-tu-um*, *exercí-ti-bus*. (ALMEIDA, 2000, p. 82)

Há dois nomes da 4ª declinação que merecem olhar atento: *Jesus*, s.m. (= Jesus) e *domus* (= casa). O primeiro tem o acento na sílaba inicial (Jésus), tendo o nominativo e o acusativo regulares, e todos os demais casos em **-u**:

Nom.	Jes- us
Voc.	Jes- u
Gen.	Jes- u
Dat.	Jes- u
Abl.	Jes- u
Ac.	Jes- um

Quanto a *domus*, pode declinar-se em alguns casos como se fosse nome da 2ª declinação. Além de que, apresenta o locativo, caso que indica *lugar onde*, ou seja, *lugar em que se encontra alguém*. A declinação do locativo é sempre igual à do genitivo, sendo que o locativo de *domus* termina em *i* como se fosse da 2ª declinação.

	SINGULAR	PLURAL
Nom.	dom- us	dom- us
Voc.	dom- us	dom- us
Gen.	dom- us ou dom- i	dom- uum ou dom- orum
Dat.	dom- ui	dom- ibus
Abl.	dom- o (<i>raramente</i> dom- u)	dom- ibus
Ac.	dom- um	dom- os (<i>raramente</i> dom- us)

A terminação regular do ablativo e do dativo plural é **-ibus**. No entanto, pode haver uma confusão entre nomes plurais da 4ª declinação com nomes plurais da 3ª, como, por exemplo, *partus, us* (= parto) [dat. e ablat. plural: *partibus*], que pode ser confundido com *partibus* [dativo e ablativo plural de *pars, partis* (= parte)]. Assim, os nomes da 4ª declinação que apresentem essa coincidência têm esses casos em **-ubus**.

De acordo com Almeida (2000, p. 84), estes são os nomes da 4ª declinação que apresentam essa irregularidade:

NOMES		DATIVO E ABLATIVO PLURAL
acus (f.)	agulha	acubus
arcus (m.)	arco	arcubus
artus (m.)	membro	artubus
lacus (m.)	lago	lacubus
partus (m.)	parto	partubus
pecu (n.)	rebanho	pecubus
quercus (f.)	carvalho	quercubus
specus (m. e f.)	caverna	specubus
tribus (f.)	tribo	tribubus

Última das declinações latinas, A quinta declinação reúne as palavras de tema em **e** e genitivo ora em **-ēi**, ora em **-ēi**, e compreende alguns substantivos em **-es**, quase todos femininos, devendo ser feita uma ressalva à palavra 'dies' (dia), que é feminina quando se trata de um dia determinado, uma data, mas é masculino quando se trata de um dia indeterminado.

Apenas as palavras *res* (= coisa) e *dies* (= dia) compõem verdadeiramente a 5ª declinação, em virtude de apresentarem as flexões completas. No entanto, outros nomes pertencentes a esta declinação não possuem o plural, havendo, porém, vários que no plural se declinam só nas formas em **ES** (nominativo, vocativo e acusativo). Vejamos o paradigma da 5ª declinação:

Paradigma flexional 5ª declinação				
rēs, r-ēi, s.f.			diēs, di-ēi, s.m./f.	
SIN		PLU.	SIN.	PLU.
<i>coisa</i>		<i>coisas</i>	<i>dia</i>	<i>dias</i>
Nom/Voc	r-es	r-es	di-ēs	di-ēs
Gen.	r-ēi	r-ērum	di-ēi	di-ērum
Ac.	r-em	r-es	di-em	di-es
Dat.	r-ei	r-ēbus	di-ēi	di-ēbus
Abl.	r-e	r-ebus	di-e	di-ebus

Ainda quanto à palavra *dies*, no plural é sempre masculina e seu composto *meridies* (= meio-dia) é sempre masculino e não tem plural.

Vejamos agora exemplo de nome que não possui plural regular:

SINGULAR		PLURAL
<i>pernici-es</i> (f. = ruína)		
Nom	pernici-es	pernici-es
Voc	pernici-es	pernici-es
Gen	pernici-ei	---
Dat	pernici-ei	---
Abl	pernici-e	---
Ac	pernici-em	pernici-es

Atividade II



1. Quais os gêneros compreendidos pela quarta declinação?
2. Quais as desinências da 4ª declinação para os nomes masculinos e femininos?
3. Explique o caso locativo.
4. Por que alguns nomes da 4ª declinação têm dativo e ablativo plural em *ubus*? Exemplifique.
5. Decline *sensus*, *cornu* e *manus*, indicando-lhes os respectivos gêneros.
6. Que gênero compreende a 5ª declinação?
7. Decline *res*, *rei* e *dies*, *diei*.
8. Que peculiaridade apresenta o nome *dies*?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Pronomes demonstrativos e Pronomes relativos



³ Importante lembrar que o neutro não resistiu às transformações por que passou o Latim quando da derivação portuguesa. No entanto, ainda que raramente, encontramos resquícios do gênero neutro latino em língua portuguesa, como os pronomes demonstrativos *isso*, *isto* e *aquilo*.

Demonstrativos

Nosso próximo porto de passagem nos estudos de língua latina reside nos pronomes demonstrativos. Sabemos que em português os pronomes demonstrativos são *este*, *esse*, *aquele*, para o masculino; *esta*, *essa*, *aquela*, para o feminino; e *isso*, *isto* e *aquilo*, para o neutro³. Não há vocativo no quadro flexional desses pronomes e declinam-se como se segue:

Hic, haec, hoc = este, esta, isto

	SINGULAR			PLURAL		
	M	F	N	M	F	N
Nom	hic	haec	hoc	hi	hae	haec
Gen	hujus	hujus	hujus	horum	harum	horum
Dat	huic	huic	huic	his	his	his
Abl	hoc	hac	hoc	his	his	his
Ac	hunc	hanc	hoc	hos	has	haec

Iste, ista, istud = esse, essa, isso

	SINGULAR			PLURAL		
	M	F	N	M	F	N
Nom	iste	ista	istud	isti	istae	ista
Gen	istius	istius	istius	istorum	istarum	istorum
Dat	isti	isti	isti	istis	istis	istis
Abl	isto	ista	isto	istis	istis	istis
Ac	istum	istam	istud	istos	istas	ista

Ille, illa, illud = aquele, aquela, aquilo

	SINGULAR			PLURAL		
	M	F	N	M	F	N
Nom	ille	illa	illud	illi	illae	illa
Gen	illius	illius	illius	illorum	illarum	illorum
Dat	illi	illi	illi	illis	illis	illis
Abl	illo	illa	illo	illis	illis	illis
Ac	illum	illam	illud	illos	illas	illa

Hic e *iste* empregam-se, indiferentemente, para indicar um objeto que se mostra presente ou próximo.

Por alguma razão, o pronome da 3ª pessoa (*sui, sibi, se, se*) não possui nominativo, ao que o demonstrativo *is, ea, id* responde. *Is* corresponde ao pronome pessoal português *ele* ou ao demonstrativo *este*; *ea* ao pronome *ela* ou ao demonstrativo *esta*; *id*, forma neutra, que traduz o demonstrativo *o* em frases como “Ouça **o** (= **isto** que) que eu digo”.

Is, ea, id = ele (este), ela (esta), o (a coisa, isto, isso, aquilo)

	SINGULAR			PLURAL		
	M	F	N	M	F	N
Nom	is	ea	id	ii ou ei	eae	ea
Gen	ejus	ejus	ejus	eorum	earum	eorum
Dat	ei	ei	ei		iis ou eis	
Abl	eo	ea	eo		iis ou eis	
Ac	eum	eam	id	eos	eas	ea

Ille e *is* são empregados quando se referem a um objeto de que se fala, mas que está ausente ou afastado. Já o pronome português *o* traduz-se em latim pelo acusativo masculino e também pelo acusativo neutro:

Eu o matarei = **eum** occidam (masc.)

Não o farei (= não farei isto) = **hoc** non agam (neutro)

Os demonstrativos grifados em vermelho nas tabelas acima exigem o uso da palavra *res* (= coisa) quando o gênero em questão for o neutro, pois evita que confundamos com um masculino ou feminino. Além de que, a palavra *res* deve vir declinada em seu devido caso. Vejamos:

disto = *hujus rei*

a isto (= a esta coisa) = *huic rei*

a isto (= a estas coisas) = *iis rebus*

Por outro lado, alguns demonstrativos, embora não acompanhados do substantivo *res*, requerem, na tradução para o português, a palavra *coisa*:

Ille = aquelas coisas (ou aquilo); *ea* = as coisas (ou o, aquilo).

Há pronomes demonstrativos com valor possessivo. O possessivo português *seu* (*dele* ou *deles*) traduz-se em latim ora por **suus, a, um**, ora por **ejus** (= dele) ou por **eorum, earum** (= deles, delas). Traduz-se pelos primeiros quando se refere ao seujeito, isto é, quando o sujeito é

o possuidor; por estes (os demonstrativos) quando o possuidor não é o sujeito. Exemplos:

Paulo ama seu pai (pai de Paulo) = *Paulus patrem suum amat*

Amo seu pai (amo o pai dele/ de Paulo) = *Patrem ejus amo*

Quando, por exemplo, você se deparar com uma frase que aparentemente esteja incompleta, terminando em pronome possessivo: *Dux salutabatur a suis* = O comandante era saudado pelos seus **soldados**, não estranhe: o latim não acrescenta palavras facilmente subentendidas, como *militibus* (= soldados) o é em relação a *comandante*.

O demonstrativo *is*, *ea*, *id* são muito usados com a terminação *-dem*, que reforça o demonstrativo e se traduz por *mesmo*, sendo que *is* perde o *s*, e o *id* perde o *d*; o *m* final torna-se *n* antes de *d*. Vejamos:

	SINGULAR			PLURAL		
	M	F	N	M	F	N
Nom	idem	eadem	idem	iidem	eaedem	eadem
Gen		ejusdem		eorundem ⁴	earundem	eorundem
Dat		eidem			iisdem ou eisdem	
Abl	eodem	eadem	eodem		iisdem ou eisdem	
Ac	eundem	eandem	idem	eosdem	easdem	eadem

Há, por fim, o demonstrativo *ipse*, *ipsa*, *ipsum*, empregado para 1) reforçar ou identificar qualquer dos demonstrativos visto anteriormente ou 2) um pronome pessoal ou 3) um termo da oração:

- 1) Eo ipso die = neste *mesmo* dia
- 2) Ego ipse = eu *mesmo*
- 3) Interimere se ipsum = matar-se a *si próprio*

Ipse, ipsa, ipsum = mesmo, próprio

	SINGULAR			PLURAL		
	M	F	N	M	F	N
Nom	ipse	ipsa	ipsum	ipsi	ipsae	ipsa
Gen	ipsius	ipsius	ipsius	ipsorum	ipsarum	ipsorum
Dat	ipsi	ipsi	ipsi	ipsis	ipsis	ipsis
Abl	ipso	ipsa	ipso	ipsis	ipsis	ipsis
Ac	ipsum	ipsam	ipsum	ipsos	ipsas	ipsa

Nota: *Idem* e *ipse*, embora signifiquem *mesmo*, possuem valores distintos: este é reforçativo, ao passo que aquele serve para identificar, dizer que é igual: *idem rex* = o mesmo rei (e não outro); *ipse rex* = o próprio rei, até o rei.

**Gabriel,
precisamos
localizar esta
nota e ver a
questão das
indicações dela.**

Pronomes relativos

Caso você compreenda bem os pronomes relativos em português, não sentirá dificuldades neste tópico.

Almeida (2000, p. 166) diz que “relativo é a palavra que, vindo numa oração, se refere a termo de outra”.

Para entendermos a sintaxe dos pronomes relativos em latim, faz-se necessário conhecermos como se dá seu comportamento em língua portuguesa, no que se refere às suas relações entre si e com pronomes de outra natureza.

São, para Almeida⁵, pronomes relativos

MASC.		FEM.	
SIN.	PL.	SIN.	PL.
o “qual”	os “quais”	a “qual”	as “quais”
cujo	cujos	cuja	cujas

O pronome relativo **qual** geralmente vem precedido de artigo e tem por função relacionar termos iguais, um antecedente e outro consequente (o termo consequente quase sempre se omite, vindo a lume apenas a título de clareza ou ênfase). Este pronome e o artigo que o acompanha têm sido, na maioria das vezes, substituídos pela palavra **que**, como no exemplo:

○ homem o qual eu vi

○ homem que eu vi

O pronome **cujos**, por seu turno, jamais pode ligar dois termos idênticos, pois indica posse. A esse respeito, vale salientar que tal pronome, etimologicamente, corresponde ao genitivo latino do relativo “quī”, daí sua função, em português, de adjunto adnominal restritivo.



⁴ O m final dos nomes em vermelho torna-se n para receber o reforço dem



⁵ Ibidem, p. 166.



⁶ Para que se evite confusão com complemento nominal: este nunca indica posse.

Adjuntos adnominais podem indicar posse ou qualidade⁶. Observe:

roupa de <i>Maria</i>	}	POSSE	casa de <i>ma-deira</i>	}	QUALIDADE
pena da <i>caneta</i>			livro de <i>tombo</i>		

Assim, o pronome *cujo* relaciona dois termos, um antecedente possuidor e um conseqüente que indica a coisa possuída. Em:

Devemos socorrer João, cuja casa se incendiou

podemos substituir “cuja casa” por “a casa do qual” sem prejuízo à correção gramatical e ao sentido da sentença. Uma das condições para o uso desse pronome é poder fazer tal substituição.

Muita atenção para a regência verbal! O verbo transitivo indireto envolvido em oração que contenha o relativo *cujo* e esteja a ele diretamente relacionado condiciona este relativo a ser precedido da preposição a qual o verbo exija. Vejamos:

O homem em cuja casa estivemos

a preposição *em* é regida pelo verbo *estar* (*estivemos*) quando indica permanência ou situação. É assim em português e também em latim.

Sabemos que o pronome demonstrativo **o** substitui as formas neutras *isto*, *isso* e *aquilo* quando seguidas de **que**, mas pode, ainda, equivaler a *aquela que* e demais flexões deste demonstrativo. Observe-se que se tratam de dois pronomes: **o**, demonstrativo, e **que**, relativo.

Então, no período:

Não sei o que dizes

o demonstrativo **o** pertence ao verbo *saber* (*sei*), do qual é objeto direto; e o relativo *que* pertence ao verbo *dizer* (*dizes*), sendo deste, também, objeto direto.

Evidentemente a expressão pronominal *o que* obedecerá à regência do segundo verbo do período, caso se trate de verbo transitivo indireto, cuja regência exige preposição, como em:

Sabemos **do** que vocês necessitam
(quem necessita necessita **de** algo)

Não é o lugar **por** que passamos ontem
(verbo passar em sentido de trafegar = passar **por**)

Já o pronome relativo **que** se presta a apenas duas importantes observações: sempre abre uma oração, funcionando ora como 1) sujeito, ora como 2) complemento do verbo dessa oração:

O homem | que nos convidou | saiu
(o qual – sujeito de *convidou*)

O homem | que eu vi | morreu
(o qual – obj. dir. de *vi*)

Quanto ao relativo **quem**, equivale tal pronome a dois outros: o *que* (ou *aquele que*). Exemplo:

Eu quero quem me quer

(*aquele que* ou *aquela que*, onde *aquele/aquela* = obj. dir. de *quero*, e *que* = sujeito de *ama*)

Quando o verbo que antecede o pronome **quem** e o verbo que se lhe segue apresentam comportamentos sintáticos distintos, ou seja, diferentes quanto à regência, faz-se necessário desdobrar o *quem* nos seus dois elementos, a fim de que cada um funcione de acordo com a regência do respectivo verbo:

Premiaremos **aquele a que** couber melhor nota
e não:

Premiaremos **quem** couber melhor nota

Agora, vamos às flexões do relativo latino:

Qui, quae, quod = o qual (quem), a qual (quem), que

	SINGULAR			PLURAL		
	M	F	N	M	F	N
Nom	qui	quae	quod	qui	quae	quae
Gen	cujus	cujus	cujus	quorum	quarum	quorum
Dat	cui	cui	cui	quibus	quibus	quibus
Abl	quo	qua	quo	quibus	quibus	quibus
Ac	quem	quam	quod	quos	quas	quae

(Assim como se diz *mecum*, *tecum*, *secum* etc., diz-se também *quocum*, *quacum* e *quibuscum*)

O relativo latino concorda com o antecedente em gênero e número. Quanto ao caso, depende da função sintática que esteja a exercer na oração a que pertence. Vejamos alguns exemplos:

O homem que eu vi morreu
gênero – masculino
número – singular
caso – acusativo (obj. dir. de *vi*)

} = **Quem**

O homem que me viu morreu
gênero – masculino
número – singular
caso – nominativo (sujeito de *viu*)

} = **Qui**

Conheço soldados cuja coragem espanta
gênero – masculino
número – plural
caso – genitivo

} = **Quorum**

Atividade III



1. A título de memorização, cite os pronomes demonstrativos estudados nesta lição.
2. Decline iste, ista, istud, traduzindo os casos.
3. Explique quando o português seu se traduz por suus, a, um, e quando por eius.
4. Que particularidades o acréscimo do reforçativo confere à flexão de is, ea, id? Justifique.
5. Em que reside a distinção do emprego de idem, eadem, idem, idem e ipse, ipsa, ipsum?

6. Traduza em português, indicando gênero, número e caso do pronome demonstrativo:

Illa régio pulchrior et fertilior hac est

Magna praemia iis viris a civibus nostris donantur

7. Quanto ao relativo latino, dê exemplos de orações portuguesas nas quais o que deva sem latim ser traduzido por:

- a. qui (nominativo singular)
- b. quae (nominativo singular)
- c. quae (nom. pl. neutro)
- d. quibus (dativo masculino)
- e. quas
- f. cujus (feminino)



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Vocabulário:

civis, is – cidadão

dono, are – tributar; dar

fertilis, e – fértil

praemium, ii n. – recompensa

pulcher, chra, chrum – lindo, belo

régio, onis – região

Chegamos ao fim de mais uma unidade de estudos de Língua e Literatura Latina II. Não só: chegamos ao final da parte reservada aos estudos lingüísticos mais voltados à gramática latina. Esperamos que vocês tenham assimilado as normas gramáticas que asseguram um bom entendimento dos tópicos estudados ao longo da unidade e da disciplina como um todo.

As próximas unidades reservam um passeio no mínimo interessante pela literatura latina, âmbito que guarda verdadeiros monumentos referentes à história dos povos que se desenvolveram sob a égide da

língua do Lácio, bem como muito da cultura por eles vivida e legada aos povos neolatinos, como nós latino-americanos.

Evidentemente uma coisa não exclui a outra, e voltar aos tópicos de gramática será tão necessário quanto o estudo mesmo da unidade que trate de literatura. Pelo contrário, concebemos como interdependentes um do outro. Língua e literatura se explicam uma a outra em muitos pontos.

Nesse sentido, desejamos a vocês, como sempre, bons estudos e excelente desempenho em ambas as vertentes!



Resumo

No tópico 1 desta unidade, você viu que os adjetivos latinos se dividem em alguns grupos e subgrupos, de acordo com a declinação do substantivo a que faça referência, como, por exemplo, “bonus, bona, bonum”, nominativo masculino, feminino e neutro respectivamente, declináveis o masculino e o neutro de acordo com a 2ª declinação, e o feminino de acordo com a 1ª. Geralmente vem posposto ao substantivo e concorda com este em caso, gênero e número. Para se declinar um adjetivo um único cuidado deve ser tomado: encontrar seu radical. O dicionário apresenta o adjetivo da seguinte forma: masculino completo, seguido das terminações do feminino e do neutro, todas do nominativo singular: bônus, a, um. Em latim, para efeito de declinação, os adjetivos se dividem em dois grupos: a) adjetivos de 1ª classe, e b) adjetivos de 2ª classe. São de primeira classe os adjetivos que apresentam três formas distintas, uma para cada gênero (*adjetivos triformes*): masculino em *-us* (2ª declinação), feminino em *-a* (1ª declinação) e neutro em *-um* (2ª declinação). Por sua vez, os adjetivos de 2ª classe são divididos de acordo com a terminação do genitivo plural, razão pela qual se dividem em parissílabos e imparissílabos. Os **parissílabos** subdividem-se em dois grupos: 1) com duas terminações no nominativo (uma para o masculino e o feminino, outra para o neutro) (*adjetivos biformes*). Ex.: **brevis**, breve; e **2**) com três terminações, uma para cada gênero (*adjetivos triformes*). Ex.: *acer* (m.), *acris* (f.) e *acre* (n.) (= agudo, acre). Os **imparissílabos** têm uma única terminação no nominativo singular para os três gêneros (uniformes) e subdividem-se em dois grupos: 1) com genitivo plural em **-ium**: cujo radical termina em duas consoantes (*prudens*, *prudēt-is*) ou em **-c** (*velox*, *veloc-is*); e 2) com genitivo plural em **-um**: cujo radical termina por uma consoante que não seja C.

O ponto 2 trouxe à luz os três graus dos adjetivos: o normal (ou

positivo), o comparativo e o superlativo. Em latim, o adjetivo em seu grau normal é obtido através de sua declinação estar em concordância com o nome (substantivo). Os graus comparativo e superlativo, por sua vez, apresentam mecanismos sintáticos particulares. O **comparativo** masculino e feminino se dá pela junção da desinência **-ior** ao radical do adjetivo (que, já é sabido, extrai-se do genitivo singular), e **-ius** para o neutro. Os comparativos se declinam de acordo com o substantivo a que se referem: para isso, é preciso decliná-los seguindo a 3ª declinação (ablativo geralmente em **e**) e com o plural neutro em **a**. Em português, o **superlativo** pode ser sintético, expresso por uma só palavra (*estudiosíssimo*), ou analítico (*muito estudioso*), expresso por mais de uma palavra. Já em latim só há a forma sintética do grau superlativo, que segue a seguinte regra: ao radical do adjetivo acrescenta-se as desinências **-issimus**, **-issima**, ou **-issimum**. Os superlativos concordam com o substantivo a que se referem, declinando-se de acordo com *bonus*, *bona* e *bonum*. Os graus comparativo e superlativo possuem regras especiais para sua formação. Começemos pelo grau **COMPARATIVO**. Podemos comparar de três formas: mostrando superioridade, igualdade ou inferioridade entre indivíduos ou entre qualidades. **Superioridade: 1)** quando se comparam indivíduos, o primeiro termo vai para o caso que lhe cabe de acordo com a função, mas o segundo termo; a) ou se põe simplesmente no ablativo, ex.: *Filius est intelligentior patre*; b) ou se põe no mesmo caso do primeiro, precedido da conjunção comparativa *quam*, ex.: *Filius est intelligentior quam pater*. **2)** quando se comparam duas qualidades, declarando-se que no mesmo indivíduo uma existe em maior grau que a outra a) ou ambos os adjetivos vão para o comparativo, fazendo-se anteceder o segundo de *quam*, ex.: *Filius est intelligentior quam ditior* (ou *divitior*); b) ou ambos ficam no positivo, acrescentando-se à oração a locução *magis [...] quam*, ex.: *Filius est magis intelligens quam dives* (ou *dis*). **Inferioridade:** O adjetivo não sofre flexão; forma-se pela junção do advérbio *minus* ao adjetivo. O segundo termo segue a mesma regra do item a) do tópico anterior: *Filius minus intelligens est patre* ou *Filius minus intelligens est quam pater*. **Igualdade:** forma-se de várias maneiras. Pode ser *Filius est non minus intelligens quam pater*, *Filius est tam intelligens quam pater*, *Filius est pariter intelligens ac pater*, *Filius est aequè intelligens ac pater*, ou *Filius est aequè intelligens atque pater*. Quanto ao **SUPERLATIVO**, há duas maneiras de utilizá-lo: elevando o atributo sem referir-se a outra(s) coisa(s) (superlativo absoluto), e relacionando um ser a outro(s) (superlativo relativo): Pedro é *intelligentíssimo* (absoluto) e Pedro é o *mais inteligente* (relativo). **Relativo** O termo de relação do superlativo relativo em latim traduz-se de diferentes formas (vide tópico).

No ponto 3, você concluiu os estudos das declinações dos nomes em latim, com a 4ª declinação, que compreende nomes masculinos e femininos, que terminam em **-us**, e alguns nomes neutros, que terminam em **-u**; e a quinta declinação, que reúne as palavras de tema em **e** e genitivo ora em **-ēi**, ora em **-ei**, e compreende alguns substantivos em **-es**, quase todos femininos, devendo ser feita uma ressalva à palavra 'dies' (dia), que é feminina quando se trata de um dia determinado, uma data, mas é masculino quando se trata de um dia indeterminado.

Apenas as palavras *res* (= coisa) e *dies* (= dia) compõem verdadeiramente a 5ª declinação, em virtude de apresentarem as flexões completas. No entanto, outros nomes pertencentes a esta declinação não possuem o plural, havendo, porém, vários que no plural se declinam só nas formas em *ES* (nominativo, vocativo e acusativo). Vejamos o paradigma da 5ª declinação. Ainda quanto à palavra *dies*, no plural é sempre masculina e seu composto *meridies* (= meio-dia) é sempre masculino e não tem plural.

Por fim, no ponto 4, foram apresentados os pronomes demonstrativos e relativos, nesta ordem. Não há vocativo no quadro flexional desses pronomes. São demonstrativos os seguintes pronomes latinos: *Hic, haec, hoc* = este, esta, isto; *Iste, ista, istud* = esse, essa, isso; *Ille, illa, illud* = aquele, aquela, aquilo; *is, ea, id* (que ganham novos significados se acrescidos do reforçativo *dem*: *idem, eadem, idem* = ele mesmo, ela mesma, isto mesmo); e, por fim, possui o latim uma espécie de pronome para reforçar ou identificar outro pronome (demonstrativo ou pessoal) ou um termo da oração: *ipse, ipsa, ipsum* = mesmo, próprio. *Hic* e *iste* empregam-se, indiferentemente, para indicar um objeto que se mostra presente ou próximo. Por alguma razão, o pronome da 3ª pessoa (*sui, sibi, se, se*) não possui nominativo, ao que o demonstrativo *is, ea, id* responde. *Is* corresponde ao pronome pessoal português *ele* ou ao demonstrativo *este*; *ea* ao pronome *ela* ou ao demonstrativo *esta*; *id*, forma neutra, que traduz o demonstrativo *o* em frases como “Ouça o (= isto que) que eu digo”. *Ille* e *is* são empregados quando se referem a um objeto de que se fala, mas que está ausente ou afastado. Já o pronome português *o* traduz-se em latim pelo acusativo masculino e também pelo acusativo neutro. São **relativos** os pronomes *“qual”*, *os “quais”*, *a “qual”*, *as “quais”*, *cujo, cujos, cuja e cujas*. Em latim, os relativos são **qui, quae, quod**, flexionáveis no feminino, no masculino e no neutro e todos os casos, exceto no vocativo. Para compreender a sintaxe dos relativos latinos, devemos conhecer bem a sintaxe dos pronomes relativos em português, especialmente os mecanismos de regência verbal. O relativo latino concorda com o antecedente em gênero e número. Quanto ao caso, depende da função sintática que esteja a exercer na oração a que pertence.

Leituras recomendadas:

Para o melhor entendimento dos conteúdos estudados nesta Unidade, você deve procurar ler:

- A. Para **“Adjetivos de 2ª classe”**, ver *Programa de Latim*, de Júlio Comba (2000, p. 65-70; 77-84); *Iniciação ao Latim*, de Zelia de Almeida Cardoso (2003, p. 42-51); *Curso básico de Latim Gradus Primus*, de Paulo Rónai (2008, p. 60-62), *Latim no Direito*, de Ronaldo Caldeira Xavier (2000: p. 39-46); *Não Perca o seu Latim*, de Paulo Rónai (2002, p. 207-211); *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*, de Osvaldo Antônio Furlan (2006, p. 179-185).
- B. Para **“4ª e 5ª declinações”** ver *Programa de Latim*, de Júlio Comba (2000, p. 70-77); *Iniciação ao Latim*, de Zelia de Almeida Cardoso (2003, p. 39-42); *Curso básico de Latim Gradus Primus*, de Paulo Rónai (2008, p. 64-68); *Latim no Direito*, de Ronaldo Caldeira Xavier (2000: p. 34-38); *Não Perca o seu Latim*, de Paulo Rónai (2002, p. 193-195); *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*, de Osvaldo Antônio Furlan (2006, p. 177-178).
- C. Para **“Pronomes demonstrativos e Pronomes relativos”** ver *Programa de Latim*, de Júlio Comba (2000, p. 93-98); *Iniciação ao Latim*, de Zelia de Almeida Cardoso (2003, p. 58-64); *Curso básico de Latim Gradus Primus*, de Paulo Rónai (2008, p. 50-56); *Latim no Direito*, de Ronaldo Caldeira Xavier (2000: p. 50-52); *Não Perca o seu Latim*, de Paulo Rónai (2002, p. 207-209); *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*, de Osvaldo Antônio Furlan (2006, p. 95-99).



Autoavaliação

Teça um comentário acerca dos adjetivos de segunda classe, enfatizando as formas (uniformes, biformes e triformes) e exemplificando-as. Em seguida, elabore um fichamento sobre os tópicos “4ª e 5ª declinações”, “Pronomes demonstrativos” e “Pronomes relativos”.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina: curso único e completo**. 29 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

ALMENDRA, Maria Ana; FIGUEIREDO, José Nunes de. **Compêndio de Gramática Latina**. Porto: Porto editora, 2003.

BOYES, Francis Xavier. **Língua Latina I**. Recife: Fasa Editora, 1989.

CARDOSO, Zélia Almeida. **Iniciação ao Latim**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).

COMBA, Júlio. **Gramática Latina para Seminários e Faculdades**. 4 ed. rev. e adpt. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1991.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

RÓNAI, Paulo. **Não Perca o seu Latim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.



V UNIDADE

A Literatura Latina: da Fundação de Roma à influência grega

Apresentação

Olá! Bem-vindos a mais um tópico de estudos de Língua e Literatura Latina II! As unidades anteriores, bem como o módulo completo da disciplina Língua e Literatura Latina I, voltaram-se mais aos aspectos linguísticos (gramaticais) da língua latina, ou seja, a maior parte de nosso estudo tem se concentrado na língua, e não na literatura latina. A partir da presente unidade, no entanto, vocês entrarão em contato com alguns dos principais nomes e obras da literatura latina, e também com algumas das manifestações culturais mais importantes para o povo da Roma Antiga.

Antes de adentrarmos no encorpado universo da literatura latina, precisamos explicar a principal razão de só agora, em modesta fração do material das duas disciplinas, tocarmos no assunto.

Conforme Zélia de Almeida Cardoso, n' *A Literatura Latina* (2003), os romanos falavam o latim, língua proveniente do indo-europeu, relativamente pobre e rústica, e tudo o que se encontre de Roma até a conquista de Tarento - cidade grega responsável pela sensibilização (e ebulição) cultural romana (ainda que moldada na cultura grega, diga-se de passagem) - tem valor meramente filológico, linguístico e documental.

Ou seja, é a partir da definição dos contornos de uma cultura própria, representada por manifestações nomeadamente romanas, que a cidade passa a efetivamente conquistar novos domínios e manter os então dominados, pois as conquistas e a manutenção do poder passam a ser, também, de cunho cultural, principalmente nos quesitos imposição de língua e organização urbana.



Assim, desenvolvem-se em Roma as artes, as letras e a vida intelectual, que, de acordo com as transformações políticas e sociais pelas quais a cidade passa, sofrem influência dessas mudanças. Passemos, então, a desbravar o terreno e monumentais produções da literatura latina, atentando para a sua relação com a Mitologia e com a História, principais panos de fundo dessa vasta produção literária.

Bons estudos e uma excelente aprendizagem!

Objetivos

Esperamos que, ao final desta unidade, você consiga:

- Compreender como se dá a Fundação de Roma e suas relações com as manifestações artístico-culturais que lá se desenvolveram;
- Entender as relações estabelecidas entre fatos políticos e fases da literatura latina, nomeadamente no que tange à fase primitiva dessa literatura, bem como as representações e danças que ajudaram na constituição do que se entende hoje por literatura latina.

Roma: fundação e desenvolvimento

Antes de falarmos sobre as manifestações artístico-culturais que se fizeram destacar e marcar profundamente a identidade romana, é imprescindível que falemos sobre como se formou uma civilização que viria a ser dona de todo o mundo conhecido à época de seu apogeu.

Compreender a cultura romana à época de sua formação pressupõe conhecer as circunstâncias em que ela se desenvolveu: fatores de ordem política, social, econômica, ética, religiosa, ideológica etc., que formaram um todo catalisador, a resultar no que podemos denominar cultura romana, o *modus vivendi* de seu povo.

O entendimento ainda que indiciário da literatura que se fez surgir em Roma, em diferentes momentos de seu desenvolvimento, requer tenhamos um mínimo necessário de informações sobre o contexto em que se insere.

Nesse sentido, é salutar conhecermos os aspectos que envolvem a história fundacional de Roma.

Roma surgiu e se expandiu de forma milagrosa, afirma Ettore Paratore (1983, p. 7-8). E sua progressiva ascensão é fruto antes da necessidade de sobreviver às investidas de estrangeiros do que uma vontade originada de um possível senso de pertencimento. Acontece que Roma era alvo de ameaças de seus próprios conacionais, ou seja, povos que também habitavam o perímetro romano, sendo um milagre único na história da humanidade que um povo em condições tão adversas - e com aparelhagem modesta, no que se refere à promoção de conquistas e expansão territorial - tenha se transformado em uma civilização “senhora de toda a terra e de todo o mar” (RODRIGUES, 2005, p. 27).

A tradição adota o ano de 753 a.C. como o da fundação de Roma e tem preservado a memória de alguns fatos relacionados. A arqueologia assegura que Roma foi habitada, em meados do século VIII a.C., por camponeses provenientes da Alba Longa. Passados alguns anos, estes teriam se associado a etruscos e sabinos.

Desde essa aliança até o século III a.C. pouco se sabe da história de Roma, exceto que foi um período marcado por guerrilhas e guerras, vitórias e reveses, graças a documentos históricos bem posteriores. Outro fato desse período de que se tem notícia é que a organização política primitiva (governo exercido por reis) deu lugar a uma república consular.

Assim, Roma não se diferenciava dos demais centros urbanos do Mediterrâneo. Entre guerras e alianças militares e políticas, era apenas mais uma a integrar a Liga Latina, grupo de aproximadamente 30 aldeias e tribos que se organizaram para sua defesa mútua. No entanto, sofreu uma invasão de gauleses, que incendiaram e pilharam toda a cidade, restando à derrotada sua reconstrução ou seu fim. Roma, en-

tão, decide se reconstruir. E mais: se prepara para possíveis investidas, dando início, assim, à sua marcha expansionista.

É durante a secular ascensão de Roma que sua forma de governo muda mais uma vez: de monarquia primitiva a república consular, Roma acaba por se tornar império. Os pormenores da vida política de Roma, contudo, só serão abordados, aqui, quando diretamente relacionados à vida artístico-cultural da cidade.

Até agora podemos pensar – e acreditar – que a História dá conta, ainda que com imprecisão, da fundação de Roma. No entanto, há um dado talvez mais importante que o historiográfico a tentar justificar o nascimento de Roma: o dado lendário e mítico.

Munidos dessas informações, podemos passar à explicação histórico-mitológica de como Roma surgiu.

A lenda

Reza a lenda¹ que Procas, rei de Alba Longa, antes de morrer dividira o reino em domínio e riquezas, a serem herdados por seus dois filhos, Numitor, o primogênito, e Amúlio. Este ficou com as riquezas; aquele com o trono.

O irmão mais novo, apoiado nas riquezas que herdara, expulsa Numitor do trono, e para ter a certeza de que ninguém mais tiraria seu poder, arma uma cilada que põe fim à vida de seu sobrinho Egestes e forja a consagração de sua sobrinha Reia Silvia, igualmente filha do seu irmão, à Vesta, divindade que exigia de suas sacerdotisas a castidade até os quarenta anos, quando seria um tanto tarde para procriar – razão por que Amúlio tramou tal sacerdócio.

No entanto, quando buscava água numa fonte para o sacrifício regular a Vesta, Reia foi vista por Marte, deus da guerra, que enamorou-se dela, seduzindo-a e violentando-a enquanto dormia. Reia, então, engravidada de gêmeos. Desde então, a sobrinha de Amúlio passa a mudar o comportamento, ao que este percebe e encarrega sua própria mulher de vigiá-la. A rainha logo descobre e conta ao marido, que, temeroso do que podia vir a acontecer, ordena que Reia Sílvia seja encarcerada, e as crianças, ao nascerem, expostas na margem do Tibre – não sem antes acusar Numitor e sua esposa de cumplicidade com o crime da filha.

Reia Sílvia deu à luz Rômulo e Remo, e Amúlio logo fez cumprir a sentença infanticida. Numa cesta, ou numa arca, os irmãos recém-nascidos foram lançados ao Tibre, para que morressem de inanição, nas garras de alguma fera ou afogadas mesmo.

Mas Fáustulo, pastor e suposto chefe dos pastores de Amúlio, teria encontrado os irmãos junto à figueira Ruminal (que mais tarde se tornaria objeto de culto entre os romanos) quando estes já teriam sido resgatados das águas do Tibre por uma loba, que os amamentava, pois acabara de ter crias e, talvez “apiedada” das crianças, acabou por



¹ Há várias versões da lenda que procura explicar a fundação de Roma (cf. RODRIGUES, 2005, p. 113-130), mas esta é a que se tornou mais popular, principalmente após o século I a.C, gozando, inclusive, do status de mito.

adotá-las como se fossem mais de seus filhotes. Foi esse ato do animal, certamente providência divina, posto que a loba era uma animal consagrado a Marte, deus da guerra - e pai dos gêmeos de acordo com o mito -, que evitou que os dois meninos morressem.

O tempo passa, as crianças se tornaram pastores notáveis, altivos (segundo a lenda, devido à veia nobre que desconheciam até então), e, aos dezoito anos, quando se celebravam os *Lupercalia*, enquanto faziam saques e pilhagens (o que hoje é condenado, mas, à época, base da economia), Remo acabou por ser apanhado pelos pastores adversários e conduzido à presença de seu tio-avô Amúlio, rei de Alba Longa. Sabendo do ocorrido, Fáustulo contou a Rômulo toda a verdade, revelando-lhe a origem nobre dos irmãos.

Assim, Rômulo decidiu intervir e salvar Remo, dirigindo-se ao palácio real com um grupo de camponeses seus vizinhos. Ao chegar, não hesitou e matou Amúlio, devolvendo o trono a seu avô Numitor, legítimo herdeiro da coroa de Alba Longa. Tito Lívio conta que, após a execução de Amúlio, Numitor convocou a assembleia e revelou à juventude de Alba Longa tudo o que tinha acontecido até aquele dia, a atitude criminosa de seu irmão ao usurpar-lhe o trono, a origem dos seus netos, o seu nascimento e educação, efim. Os gêmeos entraram na assembleia e saudaram o avô com o título de rei, ao que os outros jovens presentes confirmaram o poder e o título de Numitor.

Como recompensa pela ajuda em tomar o trono de Amúlio, Numitor ofereceu aos netos um território para que aí fundassem a sua própria cidade (território onde precisamente Fáustulo os tinha criado e que veio a ser Roma). Estavam decididos a fundar a cidade, mas, a conselho do avô, consultariam os presságios, como era costume entre gregos e romanos. Assim, Rômulo instalou-se no Palatino, e Remo, no Aventino. Este viu apenas seis abutres sobrevoando a área em que estava, enquanto aquele viu doze dos mesmos. Os deuses, assim, foram favoráveis a Rômulo, que logo começou a demarcar os limites da cidade.

Remo passou a se comportar de forma ressentida e provocadora por não ter sido o preferido dos deuses, troçando e trespassando a delimitação do espaço sagrado da nova cidade, ao que Rômulo reagiu mal, pois considerou tudo um ultraje à consagração. Cego de ira, Rômulo desembainha sua espada e mata Remo, dizendo: “Assim acontecerá no futuro a quem saltar sobre as minhas muralhas”. Passada a ira, Rômulo se desesperou pelo que fizera e tentou suicidar-se, mas se controlou.



² As calendas, no antigo calendário romano, eram o primeiro dia de cada mês. Havia três dias fixos: as calendas, as nonas (quinto ou sétimo dia, de acordo com o mês) e idos (13º ou 15º dia, conforme o mês). Dos idos é que provém a expressão “nos idos de” para expressar uma data para a segunda metade de determinado mês.

É desta palavra que se originou o termo calendário, e a expressão calendas gregas, representando um dia que jamais chegará, pois não fazia parte do sistema de contagem do tempo dos gregos.

Segundo Varrão, que estabelece ainda na Antiguidade uma cronologia para a fundação de Roma, esta teria sido fundada onze dias antes das Calendas² de Maio (*a.d. XI kal. Mai.*), em 753 a.C. As festas que comemoravam o feito tinham o nome de *Parilia*, igualmente feitas em homenagem ao gênio Pales, que protegia os rebanhos de Roma e que também se relacionava com o Palatino, local onde os deuses lançaram os melhores presságios para construção de uma nova cidade.

Mito e História

“Rômulo e Remo” constitui o verdadeiro mito fundacional de Roma. A prova de que este constituía o grande mito romano está no fato de ele aparecer nos principais historiadores antigos, a exemplo de Tito Lívio, Dionísio de Halicarnasso e Plutarco, como também na necessidade de Virgílio (ou Vergílio) sentir de ligar de alguma forma a mitologia de origem helênica, representada por Eneias e pela casa de Troia, com aquela que era tida como mais propriamente romana e que assentava nas figuras dos gêmeos da figueira Ruminal.

Um dos historiadores romanos mais antigos, Fábio Pictor (século III a.C.), parece ter sido uma fonte comum aos historiadores acima apon-tados, uma vez que aparece em suas referências como fonte.

Assim, história e mito se fundem de tal forma, que aquilo que seria uma “efabulação fantasista e ridícula”³, é, pelo contrário, uma neces-sidade tópica das estruturas míticas⁴, fazendo, portanto, todo o sentido. Enche o peito dos latinos com um forte orgulho ufanista e alude à própria conspiração entre deuses e Natureza em favor de surgimento daquela cidade que, desde o princípio, estava consagrada à Fama.



³ Dionísio de Halicarnasso afirma que muitos dos que escreveram sobre os filhos de Reia Sílvia, no que se refere à intervenção da loba, pensam dessa forma (RODRIGUES, 2005, p. 119-120).



⁴ Dionísio propõe como explicação à inserção da loba na história de Rômulo e Remo o fato de Larência, ou Laurência, mulher de Fáustulo, ter sido prostituta (do latim lupa, que também significa loba). Segundo ele, desconhecer esse pormenor provocou a confusão entre os autores antigos.

Atividade I



1. Historicamente, como ocorre o surgimento de Roma?
2. Que fato culmina na marcha expansionista?
3. Liste as formas de organização política adotadas por Roma durante seu desenvolvimento.
4. Sintetize a versão mais popular do mito fundacional de Roma.
5. Explique a relação que se estabelece entre a loba que adota os gêmeos e a mulher de Fáustulo.
6. Pesquise a distinção entre lenda e mito, explicando por que a lenda “Rômulo e Remo” goza do status de mito.
7. Indique em que pontos a história de Roma, registrada por historiadores antigos como Tito Lívio, Dionísio de Halicarnasso e Plutarco, se cruza com a trama do mito, estabelecendo um vínculo necessário entre ambos.

Manifestações artístico-culturais na Roma Antiga

Muitas das manifestações artísticas e culturais de Roma estavam diretamente ligadas à música. E estas músicas (cânticos, na verdade) eram compostas em versos. Quanto aos outros documentos da época, não constituem grande importância para a literatura, uma vez que estavam ligados à praxe romana, compreendendo arquivos, anais (com registros de colheitas e fenômenos climáticos de determinado período), leis e sentenças.

Estudar as tais manifestações requer conheçamos também a importância que a organização política tem no que se refere à consolidação do poder de Roma sobre outros povos, sendo natural que os passos da Literatura Latina estejam solidamente coordenados com os da própria história política de Roma.

Fases da Literatura Latina



⁵ Não que cada fase comece e termine na data indicada. Evidentemente, uma fase contamina a outra e um ou outro escritor pode representar uma ou mais fases. É o fato de literatura e política terem sido tão intimamente ligados na Roma Antiga que permite o estabelecimento de tal divisão, pautada sobretudo nas mudanças políticas da cidade.

Representando momentos distintos de uma civilização, a Literatura Latina se deixa periodizar da seguinte maneira⁵:

1. *Fase primitiva* (século VII a.C. - 240 a.C.) - das primeiras inscrições encontradas à produção dos primeiros textos propriamente literários em latim;
2. *Fase helenística* (240 a.C. - 81 a.C.) - quando os escritores de Roma procuram, na poesia, imitar a literatura da Grécia (a língua literária ainda apresenta traços arcaicos);
3. *Fase clássica* (81 a.C. - 63 d. C.) - ponto alto da literatura latina; compreende três épocas distintas: a elaboração de uma língua clássica, o apogeu da poesia (embora a serviço da política) e um florescer que pressente a decadência;
4. *Fase pós-clássica* (68 d.C. - século V) - têm espaço a prosa científica, a retórica, a história, a epistolografia e até mesmo a poesia, e a literatura pagã cede lugar à incipiente literatura cristã.

Ao longo dessa e das demais unidades, vocês conhecerão os pormenores que provocaram as mudanças políticas em Roma e, por conseguinte, na literatura latina, conhecendo também as obras que foram produzidas em cada fase e seus principais representantes.

A oralidade

Segundo Cardoso (2003, p. 3), todas as civilizações conheceram alguma forma de poesia⁶, embora haja, de grupo para grupo, bastante variação composicional. As mais antigas formas de poesia, entre os povos de origem indo-europeia, são intimamente ligadas à música: são cânticos, portanto, e, por meio do exame de formas arcaicas, podemos supor que se estruturavam em verso, “unidade rítmica que corresponde à acomodação de uma frase a um esquema melódico”.

De civilização a civilização variavam os tipos de versos. Ao passo que na Grécia havia uma sorte de versos, de espécies rítmicas, adequadas aos diferentes gêneros poéticos, a Itália central respondia por um único modelo de verso: o verso sátúrnio, que se acredita ter sido constituído, originalmente, de 14 ou 13 sílabas, subdividindo-se em duas partes. As sílabas se alternavam em breves e longas⁷.

Todos os cânticos latinos da época primitiva da literatura latina foram produzidos em versos sátúrnios. No entanto, tais cânticos não podem, a rigor, ser considerados formas literárias propriamente ditas, pois faltam-lhe o *status* de obras escritas e as características mínimas dos textos artísticos. Ainda assim, são considerados embriões literários que anunciavam os futuros gêneros: o épico, o dramático, o lírico, o satírico e o didático.

Haja vista não serem escritas, as manifestações literárias da fase primitiva se davam pela palavra oral, modalidade que tende a se desgastar e se corromper frequentemente com o tempo, por permitir que cada falante lhe imprima uma forma ou modifique o teor do texto. Dessa maneira, surge a necessidade de formas que lhe garantissem a fixação. Surge, pois, antes mesmo da escrita, o verso, cuja rigidez, ritmo melódico e recursos mnemônicos de que se vale asseguram sua permanência e quase total imutabilidade.

O florescer e frutificar dos gêneros literários anteriormente citados só ocorrerão, assim, quando os romanos, prontos para o requinte de uma literatura mais elevada, defrontarem-se com a poesia grega.

A seguir, conheceremos algumas das principais manifestações literárias de Roma, consideradas, por seu caráter oral e quando escritas, documental, pré-literárias.

A Fase Primitiva

Dos tempos mais remotos à idade de Lívio Andrônico (240 a.C.), o que foi legado desse momento mal se pode classificar como literatura. São escassos fragmentos, em verso e prosa, que interessam mais pelo caráter linguístico.

Em forma métrica, o que foi encontrado é constituído por versos sátúrnios (ou saturninos), forma mais popular entre os romanos - que sobreviveria, inclusive, ao contato com os gregos. Formam uma espécie



⁶ Por poesia, aqui, entenda-se toda e qualquer manifestação artística de representação textual em verso, não somente aquilo por que entendemos como poesia atualmente.



⁷ Em latim, vale mais uma vez salientar, as sílabas se caracterizam pela duração e pela altura, não pela intensidade, como nas línguas românicas.

de poesia religiosa, em orações ou fórmulas deprecatórias (súplicas) voltadas a alguma divindade, como os *carmen Saliorum* (cânticos entoados em procissões religiosas no final do outono pela confraria dos sacerdotes Sálíos, votados ao culto de Marte), o *carmen Arvalium* (cânticos dos irmãos Arvais, outra confraria de sacerdotes, votados, porém, às divindades da paz) os *carmina Vatum* e as fórmulas rituais contidas nas *tabulae Eugubinae*. Sem caráter religioso são os *carmina convivalia*, *triumphalia*, as *neniae* (cânticos funerários), etc.

Ainda em poesia, os primitivos romanos também produziram com fins de representações cênicas ou dramáticas, a exemplo dos *Fescennini versus*, das *Fabulae Atellanae* e das *saturae*, das quais falaremos adiante.

Em prosa, tudo o que se conhece dos séculos anteriores se reduz a crônicas simples, listas de magistrados e sacerdotes, tratados com os povos limítrofes e leis. Consoante Ravizza (1956, p. 463), o primeiro trabalho literário em prosa deve ser considerado uma oração de Ápio Cláudio Ceco, pronunciada por ele no Senado, em 280 a.C. No entanto, não se deve desprezar a importância dos escritos anteriores por não apresentarem caráter literário. De certa forma constituem *substratum* rudimentar.

Nessa fase, contudo, predominava a manifestação oral⁸. Nessa modalidade se destacam os *Cantos Heroicos*, cujos assuntos giravam em torno dos feitos dos primeiros reis, a exemplo de Rômulo, fundador de Roma; os *Cantos Religiosos*, representados pelos sacrifícios, liturgia do matrimônio e cerimoniais fúnebres; e os *Cantos Fesceninos*⁹, cantos dramatizados, de caráter licencioso e grosseiro, entoados em ocasiões especiais (banquetes de núpcias, comemorações sazonais - ligadas à fartura nas colheitas -, festas populares) de procissões religiosas em que se dançava e se cantava.

A fábula atelana, ou atelana¹⁰, é uma modalidade teatral derivada da comédia togata (nome ligado às vestes das personagens masculinas de nível social elevado) e da *tabernaria* (porque explora acontecimentos passados em tabernas). Era uma espécie de farsa popular com personagens fixas, burlescas e características (sempre mascaradas): *Maccus*, o comilão de orelhas grandes, sempre infeliz em seus casos de amor; *Bucco*, o parasita tagarela; *Pappus*, o velho namorador; e *Dossenus*, o corcunda espertalhão.

Cerimônias propiciatórias, cuja finalidade era invocar a proteção dos deuses, estavam, também, relacionadas às representações e danças. Em 364 a.C., conforme assegura Tito Lívio, dançarinos etruscos estavam em Roma a fim de realizarem jogos cênicos¹¹, a pedido das autoridades, configurando uma destas cerimônias. Nasce daí a *satura*, possivelmente a primeira manifestação do teatro propriamente romano. Contudo, só em 240 a.C., em virtude da comemoração do primeiro aniversário da primeira guerra púnica, na qual romanos venceram cartagineses, é que se apresenta um peça em latim¹² ao povo.

É a figura de Lívio Andrônico, liberto tarentino possuidor de erudição notável, que marca o fim da fase primitiva da Literatura Latina e dá início à sua fase helenística.



⁸ A literatura jurídica em Roma tem origem na oralidade, com dimensão primordial no veredictum, ou seja, a verdade dita, falada.



⁹ Cantos de provável origem etrusca, posto que "fescenino" parece provir de Fescennia, nome de cidade toscana situada em território falisco.



¹⁰ Ao que tudo indica, recebe este nome por ter se originado na cidade osca de Atela.



¹¹ Os dançarinos etruscos foram convidados a realizar uma sessão de danças gestuais ao som de flauta (CARDOSO, 2003, p. 24).



¹² Possivelmente uma comédia grega traduzida para o latim por Lívio Andrônico, liberto tarentino responsável pela inserção dos moldes literários gregos na tradição latina.

Atividade I



1. Quais as fases da literatura latina e qual o critério de divisão adotado pelos estudiosos? Por que tal critério?
2. Quais foram as primeiras manifestações literárias em latim e em que tipo de verso eram compostas? O que permite tal constatação?
3. Explique a necessidade de que as composições se estruturassem em versos.
4. Por que a fase primitiva é assim chamada? Havia literatura nesse período?
5. Qual o primeiro literário em prosa da Literatura Latina?
6. O que eram os *carmen Saliorum*? E os *carmen Arvalium*? Que relação uns têm com os outros?
7. Discorra sobre os Cantos Heroicos, os Cantos Religiosos e os Cantos Fesceninos, mostrando em que aspectos se distinguem entre si.
8. Qual a origem das Atelanas e quais suas principais características?
9. Em que consistiam as Cerimônias Propiciatórias?
10. O que eram as saturas?
11. Quando e por que a primeira peça em latim é apresentada ao povo de Roma?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Chega ao fim a primeira unidade que versa sobre a Literatura Latina! Aqui, vocês tomaram conhecimento do surgimento histórico-mitológico de Roma e a formação da civilização, bem como do desenvolvimento de suas letras e artes, especialmente aquelas ligadas ao período primitivo da literatura latina, considerado pré-literário por muitos estudiosos de língua e literatura latina. Mas é apenas o começo. Ainda há muito por vir! Esperamos que vocês tenham assimilado bem o conteúdo da presente unidade - até porque será necessário ao entendimento das que se seguem - e obtido ótimos resultados na resolução das atividades propostas.

Até as próximas unidades!

Leituras recomendadas

Para o melhor entendimento dos conteúdos estudados nesta Unidade, você deve procurar ler:

- a. Para “Roma: fundação e desenvolvimento” ver: “A fundação de Roma”, em *Mitos e lendas: Roma Antiga*, de Nuno Simões Rodrigues (2005, p. 57-130);
- b. Para “Manifestações artístico-culturais na Roma Antiga” (“Fases da Literatura Latina” e “A Oralidade”), ver “Literatura e Estudos Linguístico-literários”, em *Língua e Literatura Latina e sua derivação portuguesa*, de Osvaldo Antonio Furlan (2006, p. 199-251)
- c. Para “A fase primitiva”, ver “Primeiro período”, em *Gramática Latina*, de João Ravizza (1956, p. 462-464).



Resumo

A tradição adota o ano de 753 a.C. como o da fundação de Roma e tem preservado a memória de alguns fatos relacionados. A arqueologia assegura que Roma foi habitada, em meados do século VIII a.C., por camponeses provenientes da Alba Longa. Passados alguns anos, estes teriam se associado a etruscos e sabinos. Desde essa aliança até o século III a.C. pouco se sabe da história de Roma, exceto que foi um período marcado por guerrilhas e guerras, vitórias e reveses, graças a documentos históricos bem posteriores. Outro fato desse período de que se tem notícia é que a organização política primitiva (governo exercido por reis) deu lugar a uma república consular. Entre guerras e alianças militares e políticas, era apenas mais uma a integrar a Liga Latina. É durante a secular ascensão de Roma que sua forma de governo muda mais uma vez: de monarquia primitiva a república consular, Roma acaba por se tornar império. Além do dado histórico, a fundação de Roma conta com o aspecto lendário e mítico: a lenda de “Romulo e Remo”, que constitui seu verdadeiro mito fundacional. Um dos historiadores romanos mais antigos, Fábio Pictor (século III a.C.), parece ter sido uma fonte comum aos historiadores que tratam do assunto. O mito enche o peito dos latinos com um forte orgulho ufanista e alude à própria conspiração entre deuses e Natureza em favor de surgimento daquela cidade que, desde o princípio, estava consagrada à Fama.

Representando momentos distintos de uma civilização, a Literatura Latina se deixa periodizar da seguinte maneira: *Fase primitiva* (século VII a.C. - 240 a.C.) - das primeiras inscrições encontradas à produção dos primeiros textos propriamente literários em latim; *Fase helenística* (240 a.C. - 81 a.C.) - quando os escritores de Roma procuram, na poesia, imitar a literatura da Grécia (a língua literária ainda apresenta traços arcaicos); *Fase clássica* (81 a.C. - 63 d. C.) - ponto alto da literatura latina; compreende três épocas distintas: a elaboração de uma língua clássica, o apogeu da poesia (embora a serviço da política) e um florescer que pressente a decadência; e *Fase pós-clássica* (68 d.C. - século V) - têm espaço a prosa científica, a retórica, a história, a epistolografia e até mesmo a poesia, e a literatura pagã cede lugar à incipiente literatura cristã.

Dos tempos mais remotos à idade de Lívio Andrônico (240 a.C.), o que foi legado desse momento mal se pode classificar como literatura. Em forma métrica, o que foi encontrado é constituído por versos satúrnios (ou saturninos). Formam uma espécie de poesia religiosa, em orações ou fórmulas deprecatórias (súplicas) voltadas a alguma divindade, como o *carmen Saliorum*, o *carmen Fratrum*, os *carmina Vatum* e as fórmulas rituais contidas nas *tabulae Eugubinae*. Sem caráter religioso são os *carmina convivalia*, *triumphalia*, as *neniae*, etc. Em termos de representações cênicas ou dramáticas, contavam com os *Fescennini versus*, as *Fabulae Attellanae* e as *saturae*. Em prosa, nada do que há até a oração de Ápio Cláudio Ceco, pronunciada por ele no Senado, em 280 a.C., possui verdadeiro valor literário. No entanto, não se deve desprezar a importância dos escritos anteriores por não apresentarem caráter literário. De certa forma constituem *abstractum* rudimentar. Nessa fase, contudo, predominava a manifestação oral. Nessa modalidade se destacam os *Cantos Heroicos*, cujos assuntos giravam em torno dos feitos dos primeiros reis, a exemplo de Rômulo, fundador de Roma; os *Cantos Religiosos*, representados pelos sacrifícios, liturgia do matrimônio e cerimoniais fúnebres; e os *Cantos Fesceninos*, cantos dramatizados, de caráter licencioso e grosseiro, entoados em ocasiões especiais (banquetes de núpcias, comemorações sazonais - ligadas à fartura nas colheitas -, festas populares) de procissões religiosas em que se dançava e se cantava. Cerimônias propiciatórias, cuja finalidade era invocar a proteção dos deuses, estavam, também, relacionadas às representações e danças. Contudo, só em 240 a.C. é que se apresenta um peça em latim ao povo, possivelmente traduzida do grego para o latim por Lívio Andrônico, liberto tarentino possuidor de erudição notável.



Autoavaliação

Até agora, nossos estudos sobre a Literatura Latina não falam de uma literatura propriamente dita, mas sim de uma forma embrionária, que se desenvolve na fase denominada primitiva dessa literatura. O status de literatura enquanto conjunto de obras escritas em língua própria só é conferido quando do contato com a avançada e esplendorosa literatura grega. Nesse sentido, liste as principais características dessa pré-literatura.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina: curso único e completo**. 29 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

ALMENDRA, Maria Ana; FIGUEIREDO, José Nunes de. **Compêndio de Gramática Latina**. Porto: Porto editora, 2003.

ARIÈS, Philippe; e DUBY, Georges. **História da vida privada: do Império Romano ao ano mil**. v.1. Org.: Paul Vayne. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BOYES, Francis Xavier. **Língua Latina I**. Recife: Fasa Editora, 1989.

CARDOSO, Zélia Almeida. **A literatura latina**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Iniciação ao Latim**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).

CATULO. **O livro de Catulo**. Trad. João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

COMBA, Júlio. **Gramática Latina para Seminários e Faculdades**. 4 ed. rev. e adpt. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1991.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

NETO, João Ângelo Oliva (trad. e org.). **Falo no jardim**: priapeia grega, priapeia latina. São Paulo: Editora da Unicamp, 2006.

PARATORE, Ettore. **História da literatura latina**. Trad. Manuel Losa, S. J.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

RAVIZZA, João. **Gramática Latina**. 13.ed. Niterói: Dom Bosco, 1956.

RODRIGUES, Nuno Simões. **Mitos e lendas**: Roma Antiga. Lisboa: Livros e Livros, 2005.

RÓNAI, Paulo. **Não Perca o seu Latim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

TRINGALI, Dante. **A arte poética de Horácio**. São Paulo: Musa Editora, 1993.

VEYNE, Paul. **A elegia erótica romana**: o amor, a poesia e o ocidente. Trad. Milton Meira do Nascimento e Maria das Graças de Souza Nascimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.



VI UNIDADE

A fase helenística e a comédia romana

Apresentação

Na unidade anterior, vocês entraram em contato com uma vasta referência aos poucos recursos de que se valiam os romanos para as suas representações artísticas verbais (orais e escritas) e não-verbais (mímicas, gestuais e cênicas). Tais formas embrionárias foram muito importantes para a formação de uma expressão mais elaborada de literatura, contudo, nada conseguiu transformar tão profundamente a expressão artística latina quanto o contato com a cultura grega, localizada ao Sul da Península Itálica. Entrando em contato com os gregos, os romanos revolucionaram todo o seu arcabouço técnico-artístico, valendo-se ora de uma enorme quantidade de modelos e arquétipos gregos para a sua produção, nas mais variadas áreas de conhecimento.

Assim, nesta Unidade, vocês têm a oportunidade de saber quais as consequências desse encontro histórico entre gregos e romanos, sobretudo no campo histórico da produção literária. Com efeito, ao término desta Unidade, vocês saberão identificar qual e como se deu o marco da literatura latina; quem foi o escravo grego Lívio Andrônico e qual sua contribuição para a formação da literatura latina. Ainda, reconhecerão as principais características do teatro latino, marcadamente no que se refere ao comediógrafo Plauto.



Objetivos

Ao final desta unidade, esperamos que você consiga:

- Identificar os principais fatores que contribuíram para a formação de uma literatura latina;
- Distinguir os elementos que configuram as características do teatro Romano;
- Conhecer o comediógrafo Plauto, sua importância para o teatro romano, bem como sua contribuição para as artes cênicas, especialmente, na Modernidade.

Marco inaugural: Lívio Andrônico

O marco inaugural da literatura latina também ficou conhecido como a “fase helenística” de sua expressão, pois se caracterizou pela influência que os romanos receberam dos gregos, quando da conquista da região meridional da Península Itálica. Com a conquista de Tarento, cidade grega, os romanos entraram em contato com um conhecimento até então jamais visto. Nessa cidade, foi capturado um homem de origem grega que ficou notabilizado na história da literatura latina por traduzir a *Odisseia*, de Homero, do grego para o latim. Ele ficou conhecido como *Lucius Livius Andronicus* que, em português, traduz-se Lívio Andrônico.

De sua produção literária, restaram apenas fragmentos. Supõe-se que ele tenha chegado em Roma por volta de 272 a.C., como escravo aprisionado em guerra. Seu nome é uma derivação do nome de seu senhor latino, Lívio. Sua vida foi inteiramente dedicada à cultura e às artes em geral. Justamente por não haver manuais que facilitassem o aprendizado e a leitura, Lívio Andrônico compôs a *Odusia*, adaptação da *Odisseia* para o latim, com o intuito de dar instrução aos filhos da família Lívio nas disciplinas clássicas, como ética, retórica, gramática, filosofia etc.

Além de dar início na Europa à atividade da tradução, a *Odusia* trouxe muitas outras novidades; entre elas, podemos citar o gênero épico, a escrita poética de elaboração refinada, a substituição dos nomes já conhecidos de deuses gregos por nomes, então, itálicos como, por exemplo, a permuta de Saturno por Cronos ou de Netuno por Poseidon.

Quanto à métrica, Andrônico fez uso do verso sátúrnio, um verso bem antigo que os latinos usavam em cerimoniais religiosos e que só seria suplantado pelo verso hexâmetro grego um pouco mais tarde. Também, o autor investiu em traduções de peças do teatro grego, adaptando-as para os jogos cênicos (*Ludi Romani*) com a oportunidade de comemorar as vitórias da Primeira Guerra Púnica, entre 15 e 18 de setembro de 340 a.C., chegando inclusive a participar nelas como ator. Dessa forma, podemos também afirmar que Lívio Andrônico também iniciou a tradição teatral entre os latinos, com cinquenta fragmentos de peças restados de sua vasta atividade de tradutor aos dias atuais.

Além do gênero épico e dramático, Lívio Andrônico também trabalhou com a *Lírica Coral*, através de um hino composto para dar graças aos deuses pelas vitórias das guerras, valendo-se, inclusive, de um tríplice coro de donzelas, que entoaram o hino em procissão.

Contudo, vale salientar que a produção literária de Lívio Andrônico chegou a ser considerada antiquada pelos escritores do período clássico. Assim, a sua importância deve-se mais ao ineditismo da atividade literária escrita do que propriamente à sofisticação de sua elaboração escrita. Assim, Andrônico foi marco da tradução e, por conseguinte, da literatura latina, bem como responsável pela transmissão do patrimônio cultural grego a outros povos, outras culturas, outros tempos.

Atividade I



1. Qual o povo que habitava a parte meridional da península itálica?

2. Que importância para a literatura latina teve a conquista da parte meridional da península itálica?

3. Para que serviu a Odusia?

4. Em quais gêneros literários se notabilizou Lívio Andrônico?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

O teatro romano

Ao entrar em contato com os gregos, os romanos ficaram particularmente mais encantados com as artes da representação. O teatro, a princípio, fez grande sucesso entre eles. As possibilidades eram tão variadas que o teatro logo ganhou força e se popularizou entre os latinos. Ainda assim, eles tiveram a preocupação de retirar as marcas políticas e religiosas dos textos gregos que, em Roma, foram rapidamente encenados, valorizando sobremaneira o gosto pelo lúdico e pelo satírico.

A sofisticação do teatro grego suplantou as representações cênicas mais primitivas, rústicas e elementares conhecidas entre os latinos. Rapidamente, os romanos souberam copiar a comédia e a tragédia em suas nuances técnicas de encenação e montagem e, incessantemente, reproduziram uma enorme quantidade de peças gregas do século III a.C., sobretudo do que se convencionou chamar de *Nova Comédia*. Mais ao gosto das comédias de costumes, a *Nova Comédia* explorava especialmente o amor contrariado, o engano e as peripécias que se realizavam até que um mal entendido fosse desfeito e o final feliz garantido.

Baseando-se unicamente nos textos compostos por autores da *Nova Comédia*, os comediógrafos romanos praticaram a “contaminação” (*contaminatio*), fundindo em uma única peça duas ou mais peças gregas (Cf.: CARDOSO, 2003, p. 27). Da mesma forma, valendo-se de cidades gregas para ambientar as histórias, de personagens com nomes gregos e, inclusive, da própria vestimenta (indumentária) grega. O uso de tal tipo de indumentária veio denominar o tipo de representação. Assim, surgiu a *paliata* (*palliata*) que, consoante ao *pálio* (*pallium*),

espécie de manto muito comum entre os gregos, denominou o tipo de peça adotado. Com estudo mais apurado da técnica teatral, os romanos passaram a compilar suas próprias peças, adaptando temas gregos aos interesses que norteavam o gosto latino. O teatro romano teve o seu apogeu entre os séculos III e II a.C., com os comediógrafos Plauto e Terêncio.

Quanto à estrutura formal, havia algumas diferenças entre o teatro grego e o romano, pois que as representações teatrais latinas passaram a apresentar variações quanto à divisão dos atos, à constituição do coro, à presença de um Prólogo como personagem e passou, também, a invocar deidades de inspiração e criação unicamente romanas.

De forma geral, as comédias latinas são bastante parecidas com as gregas, embora não façam o uso de coros, mas preservam partes cantadas em versos que se adequavam a melodias primitivas da *Satura* latina e não a algum modelo grego de canto. As comédias, de forma geral, só vieram a ser divididas em atos após as intervenções artísticas de comediógrafos como Plauto e Terêncio que, de forma convencional, fixaram-nas em cinco atos.

Entre os comediógrafos mais notórios, Terêncio foi o último a se valer da *paliata*, que se vinha difundindo em Roma, pois uma campanha nacionalista reelaborou as representações cênicas e as encaminhou para uma vertente *ufanista*, mais fraca porém, que ficou conhecida como *comédia nacional* ou meramente *togata*. Em oposição à *paliata*, a *togata* ficou assim denominada por causa do uso da toga entre os personagens masculinos de alto nível social.

No final do século II a.C., a *Togata* vai cedendo lugar a formas mais rudimentares de representação cênica, como: as **tabenárias**, que consistiam em atuações de acontecimentos passados em tabernas e representados por pessoas de classe social humildes; a **atelana**, que consistia numa farsa popular vivida por personagens modelos, tais como *Maccus* (o comilão de orelhas enormes), *Pappus* (o velho namorado) e *Dossenus* (o corcunda espertalhão); e, por fim, o **Mimo**, de origem grega, caracterizando-se pela presença do gesto mímico, pela expressão corporal e pela dança, chagando a alcançar o século I de nossa era, marcado, sobremaneira, pela licenciosidade dos ditos e lascívia das danças, que eram executadas especialmente por mulheres, chegando inclusive ao desnudamento das mimas através da *nudatio mimarum*, momento em que as apresentações mais medonhas eram também as mais aplaudidas.

À medida que a República ia entrando em declínio, sobretudo pelas fortes denúncias de corrupção, o teatro, cada vez mais satírico, ia ganhando força motriz no seio de uma sociedade sedenta por transformações. O interesse pelo teatro tradicional também ia se desfazendo com os espetáculos que, cada vez mais, eram colocados em praça pública. As atrações eram bem variadas e apelavam, entre outras coisas, para lutas entre gladiadores, corridas de carruagens, representações com *pantomimas*, que normalmente tratava de uma apresentação gestual, pela mímica, de um único ator em cena, acompanhado por músicos.

Paralelamente, e em ambientes reservados o público romano podia se distrair com os *mimos*, espécie de representação satírica dos tipos sociais que, com uma boa quantidade de atores, se valiam de conteúdos obscenos.

Apesar de o tetro está no berço da formação social e artística do gosto romano, a Igreja católica, em uma de suas primeiras manifestações de autoridade, no século V, excomungou os atores e todos os que se atrevessem na aventura do teatro. A medida não cessou as produções de teatro, mas no século seguinte as representações foram terminantemente proibidas de atuação pública, posto que a igreja via com maus olhos os gêneros que teimassem em se referir, representar, louvar ou simplesmente mencionar os deuses pagãos.

Com essa medida, os edifícios que eram usados como anfiteatros para o uso dessas representações foram todos interditados e, por atendimento à Lei, dedicar-se ao teatro também passou a ser mal visto.

Atividade II



1. Sob quais aspectos o teatro grego influenciou o romano?
2. A que alude a expressão “Paliata”?
3. Por que a Paliata foi preterida em nome da Togata?
4. O que vem a ser “contaminatio”?
5. Quais as características das representações mais rudimentares do declínio do teatro romano, especialmente no tocante à tabernária, à atelana e ao mimo?
6. Como a Igreja católica reagiu ao teatro?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

O teatro plautino

Titus Macius Plautus foi o maior dramaturgo romano, tendo se dedicado inteiramente à arte da representação. Ele viveu durante o período republicano e o conteúdo de suas peças trazia sérias restrições ao *modus vivendi* corrupto dos romanos. Supõe-se que tenha nascido na Sarsina, na região da Úmbria, parte central da Itália. Iniciou-se, contudo, na cenografia e carpintaria para um teatro que, embora tenha lhe antecedido, proporcionou-lhe o amor e a dedicação à arte. Estudou a dramaturgia grega na hora vaga do trabalho, chegando a produzir as suas próprias peças entre o período de 215 a 185 a.C., ou melhor dizendo, iniciando aos 40 e encerrando a sua carreira aos 70 anos de idade. Assim, em seus 30 anos de carreira, Plauto se dedicou exclusivamente à comédia.

São atribuídas mais de 100 comédias à autoria de Plauto, embora esse fato jamais tenha sido comprovado. Conservaram-se, no entanto, 21 peças que lhe são dadas a autoria. A sua produção inspirou Shakespeare e Molière, só para citar duas grandes vertentes da comédia ocidental. Entre nós, podemos constatar sua influência n' *O Santo e a Porca* (1964), de Ariano Suassuna, cujo tema e a composição formal (personagem, ação, espaço e tempo) salientam grandes aproximações.

Nessa perspectiva, o teatro romano não foi suplantado definitivamente com o advento da igreja católica, porque houve, com o passar do tempo, quem o retomasse, reputando sua popularidade e contribuições para a modalidade artística. Mesmo a Contemporaneidade soube sorver tal experiência, colocando-a em face de novos valores estéticos e culturais, daí o valor universal da obra Plautina.

Em sua maioria, as comédias de Plauto são adaptações de modelos gregos para o gosto e o público romano, reconfigurando as obras dos comediógrafos gregos para as demandas dessa platéia. Através do elogio ou da sátira, a maioria de seus personagens aproximavam-se em referência aos deuses, emprestando-lhes atributos humanos, como a inveja, a cobiça, a ira, a concupiscência, o ciúme etc., que garantiam o riso fácil, uma vez que não era crível um deus possuir desvio de caráter ou posturas indevidas dadas as convenções sociais.

De outro modo, essas caricaturas dos deuses com características reпреensíveis humanas lhe valeram algumas acusações, pois, para alguns puristas, tais atitudes eram vistas como ofensivas e, por isso, Plauto foi acusado de *indiferença pública* e de *ridicularizar os deuses*.

Com enredos baseados em casos de amor, armados em confusão por trocas de identidades e outros desentendimentos, suas peças apresentam originalidade no tratamento dos temas. Quase todos os seus personagens são tipos de origem popular, tais como o escravo mentiroso, o ladrão trapalhão, o velho avarento, o soldado fanfarrão, a cortesã etc..

Assim como o enredo, todos os personagens e a ambientação são copiados de autores da Nova Comédia Grega, de autores como Menander, Filemon e Diphilus, adicionando, porém, numerosas referên-

cias romanas e elementos de canto e de dança mais enraizados da cultura local.

A métrica é elaborada, mas a linguagem é coloquial, repleta de palavras chulas, palavrões e expressões de baixo calão, bem ao gosto popular, daí também o sucesso de suas peças, uma vez que reproduzia com bastante aproximação a vida dos romanos da época. Plauto criou o prólogo para as peças de teatro latinas que, além de ser uma personagem que antecipava a ação propriamente dita, servia para informar o enredo de forma didática, oferecendo às platéias um resumo da peça a ser representada e, também, algumas informações basilares para seu melhor entendimento.

De linguagem extremamente elaborada, embora simples, as peças de Plauto têm por finalidade o riso como recurso cômico e essa capacidade é notada, principalmente, no tratamento da linguagem: seja através dos nomes engraçados dados a personagens (Filopólemo, Engásilo, Estalagmo, Terapontígono etc.) seja através de neologismos, helenismos e combinações fônicas inusitadas para os ouvidos romanos da época.

Infelizmente, a maior parte desses recursos se perde com a tradução e as repetições, aliterações, a malícia e os trocadilhos espirituosos responsáveis em maior ou menor grau pelo número de confusões, de acordo com Cardoso (2003, p. 33), perdem-se na passagem a outros idiomas. Mesmo assim, a combinação desses elementos deu a Plauto sua popularidade, o sucesso e o renome de sua produção teatral.

Diferentemente da Comédia Antiga Grega, as peças de Plauto não discutia as atualidades políticas em seus enredos, muito embora havia espaço à sátira social. Ao contrário da temática política, as peças de Plauto centraram-se mais nas relações familiares – entre pais e filhos, entre noivos ou mesmo entre parentes –, para tentar flagrar o comportamento mais adequado ou o desvio desse, que o grande motivo do riso frouxo.

Esses temas, aliás, são também retirados da Comédia Nova Grega, muito embora eles tenham sido adaptados ao que era mais explícito entre os costumes romanos.

Em suas peças, Plauto assimilou e fez referências a diversas áreas de conhecimento dos gregos: *literatura, mitologia, arte, filosofia, moral* etc., ensinando, portanto, a outros que, assim como ele, entrara em contato recente com a língua grega e com todo seu arcabouço cultural.

Entre as peças que lhe são atribuídas, algumas chegaram integrais à atualidade: *Anfitrião* (*Amphitruo*), *Os burros* (*Asinaria*), *A marmita* (*Aulularia*), *As Báquides* (*Bacchides*), *Os prisioneiros* (*Captivi*), *Cásina* (*Casina*), *O cofre* (*Cistellaria*), *O gorgulho* (*Curculium*), *Epídico* (*Epidicus*), *Os Menecmos* (*Menaechmi*), *O mercador* (*Mercator*), *O soldado fanfarrão* (*Miles gloriosus*), *O fantasma* (*Mostellaria*), *O persa* (*Persa*), *Psêdolo* (*Pseudolus*), *A corda* (*Rudens*), *Estico* (*Stichus*), *O trinumo* (*Trinummos*), *Truculento* (*Truculentus*), *A Valise* (*Vidularia*) e *O cartaginês* (*Poenulus*).

Entre as peças mais conhecidas estão *Anfitrião*, *Os Menecmos* e *A marmita*, que passaremos a comentar brevemente sobre cada uma delas:

- Em **Anfitrião**, Plauto se vale das narrativas lendárias e míticas que relatavam, à época, o nascimento de Hércules. A trama da peça coloca Júpiter apaixonado por Alcmena, que é, na verdade, a esposa de Anfitrião. Para tentar enganar a esposa fiel, Júpiter se faz passar por seu marido, assumindo todas as suas feições humanas, com o intuito de ter uma noite amorosa. Também, para que o ardil tivesse o resultado desejado, Júpiter fez com o seu filho Mercúrio, também se fizesse passar por Sósia, o criado medroso de Anfitrião. Então, de regresso da guerra, Anfitrião e Sósia se vêem envolvidos numa crise de identidades, já que Alcmena tem por certo que seu marido e o criado já tinham chegado há muito tempo.
- Desta peça, ficou destacado para a posteridade o fato de o termo “anfitrião” designar “aquele que recebe muito bem em sua casa”; e o termo “sósia”, o duplo de outrem. A paródia mitológica assegurou o interesse do grande público, garantindo, também, a replicação do tema através dos tempos. De acordo com Zélia de Almeida Cardoso (2003, p. 28), graças à popularidade e ao erotismo implícito Plauto serviu de modelo para Camões (*Auto dos Entremeses*), Molière (*Anfitrião*), Antonio José da Silva (*Anfitrião ou Júpiter e Alcmena*) e Guilherme Figueiredo (*Um deus dormiu lá em casa*), entre muitos outros.
- Em **Os Menecmos**, assistimos também a uma sucessão de confusões provocadas pela semelhança de pessoas, em que Menecmo, um jovem siracusano, chega a Epidano, após uma longa passagem pela Grécia, porque busca o irmão gêmeo desaparecido desde a infância, em Tarento. Para o efeito do riso, Plauto apronta a confusão: Menecmo passa a ser confundido com o irmão por toda parte da cidade. Assim, tanto a amante quanto a esposa confundem-se e, até que se restabeleça a verdade, os desencontros e intrigas vão cada vez mais enrolando Menecmo numa série de *quiprocós*. Segundo Zélia de Almeida Cardoso, Shakespeare teria se baseado nessa peça para escrever *A comédia dos erros*.
- Já em **A marmita**, as complicações do enredo se fazem presentes tanto nos “erros” da intriga quanto através das personagens. A estória trata de um velho avaro, chamado Euclião, que encontra na lareira de sua casa uma marmita cheia de moedas de ouro, que havia sido escondida há muito tempo por seu avô. Mas, para preservar o seu segredo, ele começa a desconfiar de todos, sendo capaz de qualquer atitude para preservar e garantir que ninguém venha a saber de sua fortuna.

A primeira medida de Euclião é esconder a marmita no templo da Boa-Fé. Contudo, seu segredo é descoberto pelo escravo de Licônides, jovem rico pretendente de sua filha, que está grávida. Ao saber que seu tio pedira a mão da moça em casamento, Licônides corre atrás de tentar reparar o seu “erro”. O escravo, por sua vez, que se apossara da marmita indevidamente, termina devolvendo-a e Euclião, após o desenlace da trama, oferece a marmita aos jovens noivos. A *marmita* inspirou a afamada peça de Molière, *O avaro*, e, como já dito, *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna.

Atividade III



1. Quem foi Plauto?
2. Quais as características de sua produção artística?
3. O teatro não foi suplantado definitivamente com o advento da igreja católica, por quê?
4. Qual são as características da linguagem usada por Plauto?
5. De que fala Anfitrião?
6. Qual o assunto de Os Menecmos?
7. E A Marmita, o que assunta?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Chegamos ao final de mais uma etapa; agora, vocês precisam sistematizar o conhecimento e aprofundar os conteúdos desta sexta Unidade. Para tanto, você precisa manter a disciplina de leitura que, em hipótese alguma, não se encerra no material didático. Portanto, os assuntos aqui assimilados precisam uma apreciação mais acurada, através de sua aplicação aos estudos e pesquisa de fontes e leituras, particularmente porque a literatura latina atravessou séculos até se fixar na memória ocidental. Isso significa, entre outros aspectos, que percurso trilhado será sempre recobrado.

Então, como proposta para o aprofundamento de leitura, indicamos outros textos subsidiários a uma complementação do assunto aqui visto, que vocês conhecerão agora.

Leituras recomendadas

a. Para **Marco Inaugural: Lívio Andrônico**: ler verbete “Lívio Andrônico”, in. *Dicionário de Literatura Latina*, de Maria Helena Ureña Prieto (2006, p. 190-2); “Lívio Andrônico”, in. *História da Literatura Latina*, de Ettore Paratore (1983, p. 27-30).

b. Para **O Teatro Romano**: ler “A poesia dramática: a comédia”, in. *A Literatura Latina*, de Zélia de Almeida Cardoso (2003, p. 21-38); *Plauto e Terêncio: a comédia latina* ([s/d] Coleção Universidade).

c. Para **O Teatro Plautino**: ler o verbete “Plauto” in. *Dicionário de Literatura Latina*, de Maria Helena Ureña Prieto (2006, p. 258-64); “Lívio Andrônico”, in. *História da Literatura Latina*, de Ettore Paratore (1983, p. 239-61); “Poesia dramática: comédia (Plauto) e tragédia (Sêneca)”, in. *Língua e Literatura Latina e sua Derivação Portuguesa*, de Oswaldo Antonio Furlan (2006, p. 255-259).



Resumo

O marco inaugural da literatura latina se caracterizou pela influência que os romanos receberam dos gregos. A tradução que Lívio Andrônico fez da *Odisseia*, de Homero, foi o primeiro texto da literatura escrita latina. De sua produção literária, restaram apenas fragmentos. Como escravo aprisionado em guerra, e justamente por não haver manuais que facilitassem o aprendizado e a leitura, Lívio Andrônico compôs a *Odusia*, adaptação da *Odisséia* para o latim, com o intuito de dar instrução aos filhos da família Lúvia nas disciplinas clássicas, como ética, retórica, gramática, filosofia etc. Deu início à atividade da tradução na Europa. Quanto à métrica, Andrônico fez uso do verso sátúrnio, que os latinos antigos usavam em cerimoniais religiosos e que só seria suplantado pelo verso hexâmetro grego um pouco mais tarde. Também investiu em traduções de peças do teatro grego, adaptando-as para os jogos cênicos (*Ludi Romani*) com a oportunidade de comemorar as vitórias da Primeira Guerra Púnica, entre 15 e 18 de setembro de 340 a.C., chegando inclusive a participar nelas como ator. Além do gênero épico e dramático, Lívio Andrônico também trabalhou com a *Lírica Coral*, através de um hino composto para dar graças aos deuses pelas vitórias das guerras. Vale salientar que a produção literária de Lívio Andrônico chegou a ser considerada antiquada pelos escritores do período clássico. Assim, a sua importância deve-se mais ao ineditismo

da atividade literária escrita do que propriamente à sofisticação de sua elaboração escrita.

Particularmente, os romanos ficaram encantados com as artes da representação gregas. O teatro, a princípio, fez grande sucesso entre eles. O teatro ganhou força e logo se popularizou entre os latinos. A sofisticação do teatro grego suplantou as representações cênicas mais primitivas, rústicas e elementares, conhecidas entre os latinos. Rapidamente, os romanos souberam copiar a comédia e a tragédia em suas nuances técnicas de encenação e montagem e, incessantemente, reproduziram uma enorme quantidade de peças gregas do século III a.C., sobretudo do que se convencionou chamar de *Nova Comédia*. Mais ao gosto das comédias de costumes, a Nova Comédia explorava especialmente o amor contrariado, o engano e as peripécias que se realizavam até que um mal entendido fosse desfeito e o final feliz garantido. Os comediógrafos romanos praticaram a “contaminação” (*contaminatio*), fundindo em uma única peça duas ou mais peças gregas. Valeram-se de cidades gregas para ambientar as histórias, de personagens com nomes gregos e, inclusive, da própria indumentária grega. Assim, surgiram as representações da *paliata*, aludindo a uma espécie de manto muito comum entre os gregos. Os romanos passaram a compilar suas próprias peças, adaptando temas gregos aos interesses que norteavam o gosto latino. O teatro romano teve o seu apogeu entre os séculos III e II a.C., com os comediógrafos Plauto e Terêncio. De forma geral, as comédias latinas são parecidas com as gregas, embora não façam o uso de coros, mas preservam partes cantadas em versos que se adequavam a melodias primitivas da *Satura* latina. Em oposição à *paliata*, a *togata* ficou assim denominada por causa do uso da toga entre os personagens masculinos de alto nível social. No final do século II a.C., a *Togata* vai cedendo lugar a formas mais rudimentares de representação cênica, como: as **tabenárias**, que consistiam em atuações de acontecimentos passados em tabernas e representados por pessoas de classe social humildes; a **atelana**, que consistia numa farsa popular de personagens, tais como *Maccus*, *Pappus* e *Dossenus*; e, por fim, o **Mimo** caracterizando-se pela presença do gesto mímico, pela expressão corporal e pela dança, chegando a alcançar o século I de nossa era, marcado, sobretudo, pela licenciosidade dos ditos e lascívia das danças, que eram executadas especialmente por mulheres. Com o declínio da República, as representações satíricas ganharam força motriz no seio de uma sociedade sedenta por transformações. O interesse pelo teatro tradicional ia se desfazendo com os espetáculos, que eram colocados em praça pública. Paralelamente, e em ambientes reservados o público romano podia se distrair com os *mimos*, espécie de representação satírica dos tipos sociais que, com uma boa quantidade de atores, se valiam de conteúdos obscenos. A Igreja católica, em uma de suas primeiras manifestações de autoridade, no século V, excomungou os atores e todos os que se aventuraram no teatro. A medida não cessou as produções de teatro, mas no século seguinte as representações foram terminantemente proibidas de atuação pública.

Titus Macius Plautus foi o maior dramaturgo romano, viveu durante o período republicano e o conteúdo de suas peças trazia sérias restri-

ções ao *modus vivendi* corrupto dos romanos. Iniciou-se na cenografia e carpintaria para um teatro que lhe proporcionou o amor e a dedicação à arte. São atribuídas mais de 100 comédias à autoria de Plauto, embora esse fato jamais tenha sido comprovado. Conservaram-se, no entanto, 21 peças que lhe são dadas a autoria. O teatro romano não foi suplantado definitivamente com o advento da igreja católica, porque houve, com o passar do tempo, quem o retomasse, reputando sua popularidade e contribuições para a modalidade artística, daí o valor universal da obra Plautina. As comédias de Plauto são adaptações de modelos gregos para o gosto e o público romano, reconfigurando as obras dos comediógrafos gregos para as demandas dessa platéia. As caricaturas dos deuses com características repreensíveis humanas lhe valeram algumas acusações, pois, para alguns puristas, tais atitudes eram vistas como ofensivas e, por isso, Plauto foi acusado de *indiferença pública* e de *ridicularizar os deuses*. Suas peças apresentam originalidade no tratamento dos temas. Quase todos os seus personagens são tipos de origem popular, tais como o escravo mentiroso, o ladrão trapalhão, o velho avaro, o soldado fanfarrão, a cortesã etc.. A métrica é elaborada, mas a linguagem é coloquial, repleta de palavras chulas, palavrões e expressões de baixo calão, bem ao gosto popular, daí também o sucesso de suas peças, uma vez que reproduzia com bastante aproximação a vida dos romanos da época. Plauto criou o prólogo para as peças de teatro latinas que, além de ser uma personagem que antecipava a ação, servia para informar o enredo de forma didática. As peças de Plauto têm por finalidade o riso como recurso cômico. Essa capacidade é notada, principalmente, no tratamento da linguagem: seja através dos nomes engraçados dados a personagens (Filopólemo, Engásilo, Estalagmo, Terapontígono etc.) seja através de neologismos, helenismos e combinações fônicas inusitadas para os ouvidos romanos da época. As peças de Plauto centraram-se mais nas relações familiares para tentar flagrar o comportamento mais adequado ou o desvio desse, que é o grande motivo do riso. Plauto assimilou e fez referências a diversas áreas de conhecimento dos gregos: *literatura, mitologia, arte, filosofia, moral* etc., ensinando, portanto, a outros que, assim como ele, entrara em contato recente com a língua grega e com todo seu arcabouço cultural. Entre as peças que lhe são atribuídas, algumas chegaram integrais à atualidade. Entre as peças mais conhecidas estão *Anfitrião*, *Os Menecmos* e *A marmita*.



Autoavaliação



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Como se deu o processo de transformação das atividades cênicas dos latinos e sob quais condicionantes adaptativos do teatro grego configurou-se o teatro latino?

Referências

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A Literatura Latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (Coleção Biblioteca Universal).

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PRIETO, Maria Helena Ureña. **Dicionário de Literatura Latina**. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 2006.

PARATORE, Ettore. **História da Literatura Latina**, de Ettore Paratore. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1983.

SILVA, Agostinho. "A literatura Latina", in. **Plauto e Terêncio: a comédia latina**. [s/l]: Ediouro, [s/d] (Coleção Universidade).



VII UNIDADE

A fase clássica da Literatura Latina

Apresentação

Na unidade anterior, vocês tomaram conhecimento das consequências do encontro histórico entre gregos e romanos, sobretudo no campo histórico da produção literária. Entrando em contato com os gregos, os romanos revolucionaram todo o seu arcabouço técnico-artístico, valendo-se de uma enorme quantidade de modelos e arquétipos gregos para a sua produção, nas mais variadas áreas de conhecimento; conheceram também quem foi o escravo grego Lívio Andrônico e qual sua contribuição para a formação da literatura latina, e as principais características do teatro latino, marcadamente no que se refere ao comediógrafo Plauto.

Na unidade que ora se inicia, vocês conhecerão a época de maior esplendor da Literatura Latina, os gêneros que mais se destacaram e seus principais representantes e obras.

Antes de iniciarmos, é importante salientar que a explanação adota como critério os gêneros literários mais influentes, as principais obras e seus respectivos autores, não havendo, portanto, cronologia necessária.



Objetivos

Ao final desta unidade, esperamos que você consiga:

- Conhecer os principais fatores que contribuíram para a formação considerada fase clássica da literatura latina;
- Identificar os principais gêneros de produção literária na época clássica, seus maiores representantes, bem como as características que marcaram esses gêneros durante o apogeu da produção literária em Roma;
- Conhecer Cícero, Horácio e Virgílio, principais destaques da literatura latina dessa fase, bem como sua importância para a oratória, a retórica, a lírica e a épica, gêneros aos quais se dedicaram respectivamente.

Breves considerações



¹ Marcus Tullius Cicero (106 a. C. – 43 a.C.) nasceu em Arpino, sul de Roma, mas seu pai, cavaleiro romano, quis que ele fosse, junto ao irmão Quinto, educado em Roma. O primeiro período da fase clássica da literatura latina é datado a partir do primeiro discurso de Cícero e vai até sua morte, em 43 a. C., tamanha é sua importância para a literatura em Roma.

A chamada fase clássica da Literatura Latina se subdivide em três épocas distintas, conforme sua ligação com fatos políticos e culturais que se passam em Roma: o primeiro momento, considerado a “época de Cícero”, quando este cria uma língua clássica, dando contribuição substancial à produção literária; o segundo momento é chamado “época de Augusto”, primeiro imperador romano, quando a poesia atinge seu apogeu (ainda que a serviço da política, diga-se de passagem); e a “época dos imperadores júlio-claudianos”, quando a produção ainda é notável mas já dá sinais de decadência.

A literatura latina conhece o esplendor a partir do discurso de Cícero¹, que, defrontando-se com o experiente Hortênsio, faz a defesa de Quíncio num processo de espoliação. Cícero viveu a época de Júlio César, quando a prosa teve bastante atenção. Com sua morte, em 43 a.C. – fim da tirania e começo do império - quando tem início a época de Augusto, é a vez de a poesia alcançar sua fase áurea, tendo a lírica e a épica latinas a plenitude de seu desabrochar. É quando entram em cena nomes como Horácio, Virgílio, Ovídio, entre outros de suma importância, a representar estes gêneros em obras originais, que inspiram escritores do mundo inteiro até os dias de hoje.

Oratória

Política, magistratura e direito sempre marcaram indelévelmente o dia a dia do povo romano. As circunstâncias dessas esferas os impeliam a se expressarem bem em público. Conquistar ouvintes, persuadindo-os, era o objetivo do homem que se engajasse nessas atividades, por isso a importância de se desenvolver técnicas de oratória que fizessem da eloquência uma arte.

A oratória poderia não ser considerada um gênero literário, pelo seu caráter pragmático e utilitarista, no entanto, a partir do momento em que a preocupação com a beleza formal do que se dizia ocupa lugar de destaque, este gênero vem a tornar-se uma prosa literária, mais do que simples conjuntos de palavras para impressionar.

Essa importância é devida a um dos diálogos de Cícero, *Bruto* (*Brutus*), famoso tratado de retórica calcado nos moldes dos diálogos platônicos, no qual trata de uma espécie de história da eloquência latina, em um diálogo entre Bruto, Ático e o próprio Cícero. Começa por citar a figura de Ápio Cláudio Cego (anterior a ele), que, antes da fase helenística, já apresentava helenismo literário nos discursos por que ficaria famoso; Catão (O censor), que procurou definir o orador como “o homem de bem capaz de discursar”; Cipião Emiliano, orador de estilo vivo e pitoresco, responsável pela tomada de Cartago e da Numância; Lélcio, a quem Cícero dedicou seu tratado filosófico *Sobre a Amizade* (*De Amicitia*); Galba, “o primeiro a proceder às operações próprias

do orador: embelezar o assunto com digressões, encantar o auditório, emocioná-lo, conferir às coisas uma importância que elas não têm, manejar o patético e as ideias gerais” (*Brut.* 82); além de muitos outros que possuem relevância em termos de eloquência.

O Cícero orador surge quando o jovem advogado de vinte e cinco anos, que até então se dedicara única e exclusivamente aos estudos e ao próprio aperfeiçoamento cultural, se vê na tarefa de defender Quíncio num processo de espoliação, argumentando contra o famoso advogado romano Hortêncio. Daí por diante, inúmeras são as peças oratórias de Cícero, sendo que apenas cinquenta e seis chegaram até nossos dias.

Podemos dividir a produção oratória de Cícero em duas categorias: discursos judiciais, que se subdividem em civis e criminais, e discursos políticos. Destacam-se entre os primeiros *Em favor de Róscio Amerino* (*Pro Roscio Amerino* – 79 a.C.), *As Verrinas* (*In Verrem* – 70 a.C.), *Em favor de Murena* (*Pro Murena* – 63 a.C.), *Em favor de Árquias* (*Pro Archia* – 62 a.C.), *Em favor de Célio* (*Pro Caelio* – 56 a.C.) e *Em favor de Milão* (*Pro Milone* – 52 a.C.). Os discursos políticos mais famosos de Cícero são as *Catilinárias* (*In Lucium Catilinam orationes IV* – 63 a.C.) e as *Filípicas* (*Philippicae orationes* – 44/43 a.C.).

Em favor de Róscio Amerino é um discurso criminal e corresponde à primeira causa pública da qual Cícero participou. Acusado de parricídio (assassinio de pai e/ou mãe), Róscio consegue se livrar da autoria de tão grave crime graças à ousadia do discurso de Cícero, talvez motivo pelo qual o orador teve de afastar-se de Roma, passando um tempo na Grécia. *Em favor de Célio* e *Em favor de Milão*, causas em que defendia políticos romanos acusados de libertinagem e envolvimento com assassinato, respectivamente, Cícero ganha a causa de Célio, mas não logra êxito na causa de Milão.

As *Catilinárias* e as *Filípicas* compõem os discursos políticos mais famosos de Cícero. Nas *Catilinárias*, conjunto de quatro discursos, pronunciados em 63 a.C., o orador faz enfática invectiva contra Catilina, seu rival político, acusado de ter desejado incendiar parte de Roma e, também, de pretender matá-lo. As *Filípicas* constituem o fim da carreira política e oratória de Cícero. Inspiradas nas orações homônimas de Demóstenes², são catorze discursos, escritos entre 44 e 43 a.C., em que ataca violentamente a vida particular e pública de Marco Antônio, o triúviro³. Em forma de panfletos que se divulgaram em toda a Itália, são as grandes responsáveis por sua condenação e morte, em 43 a.C.

Veja o tom de Cícero nas *Catilinárias*:

“Qual atração, ó Catilina, pode ainda existir para ti nesta cidade, na qual, fora dos teus conjurados, destas gentes perdidas, não há ninguém que não tenha medo de ti, ninguém que não te deteste? Qual marca de infâmia doméstica não está impresso com fogo na tua vida? Qual vergonha na vida privada não se associa ao teu nome? De qual obscenidade se abstiveram teus olhos, de que crime as



² Demóstenes é autor das *Filípicas* de que se originam as de Cícero, que recebem esse nome por terem sido feitas contra Felipe da Macedônia.



³ A palavra triúviro tem uíro como radical e deriva de triúvirato, que significa “governo de três homens”. Marco Antônio fazia, portanto, parte do triúvirato que passou a governar Roma após a morte de Júlio César. As *Filípicas* foram feitas contra Marco Antônio e em favor de Otávio, sobrinho-neto de César, e por meio delas Cícero conquista a adesão do Senado. Não sabia ele, no entanto, que Otávio se associaria a Lépido e a Marco Antônio (formando um triúvirato), cujos soldados o perseguiriam, quando ia abandonar a Itália, e o decaptariam a 7 de dezembro de 43, em Gaeca.



⁴ CÍCERO. *As Catilinárias*. Trad. Almicare Carletti. São Paulo: Editora Universitária de Direito, 2000, p. 94.

tuas mãos, de qual imundície o teu corpo todo? A qual adolescente, uma vez atraído com tuas lisonjeiras seduções, lhe mostraste ou o ferro para o crime ou a tocha da libidinagem? (Cíc. Catil. VI)⁴

Responsável pela elitização da oratória, Cícero não só nos legou discursos, mas também uma teoria da obra oratória. Segundo o célebre orador, há cinco fases componentes da oratória: 1) a *invenção*, momento em que o orador deve reunir todos os elementos possíveis relacionados com a causa, para poder narrar os fatos, explorá-los em benefício dos clientes e refutar os argumentos contrários; 2) a *disposição*, quando deve organizar as ideias; 3) a *memorização*, que diz respeito ao conhecimento e domínio de todos os fatos; 4) a *elocução*, quando deve adequar a frase ao que vai ser dito; e 5) a *ação*, relacionada ao manejo da voz, entonação e timbre, uso do gesto e da postura corporal.

Para ele, o discurso não deveria apenas dizer alguma coisa; devia *ensinar, agradar e comover*. Contudo, a morte do maior orador romano acontece quando toda a vida romana passava por fortes mudanças. O senado perdia forças e o poder se concentrava cada vez mais nas mãos daquele que viria a ser o imperador. A eloquência, que anos antes tinha feito brilhar a prosa literária, sob diversas modalidades, começa a perder a razão de existir, posto que suas principais funções, defender, acusar, julgar enfim, passam a ser prerrogativas do *princeps*, o imperador.

Atividade I



1) De acordo com a assertiva, coloque V, de verdadeiro, ou F, de falso:

1. No período do imperador Augusto, a poesia alcançou a sua fase áurea através de poetas como Virgílio, Horácio e Ovídio. ()

2. A chamada fase clássica se subdivide em duas épocas, a de Cícero e a de Augusto. ()

3. A oratória vem se destacar como gênero poético quando os seus oradores começaram a se preocupar com sua beleza formal ()

4. O orador Galba foi o primeiro a valer-se do “patético” como estratégia para ornamentar o discurso e encantar a platéia. ()

5. Os discursos de oratória de Cícero se dividem em Judiciários e Políticos. ()

6. Os discursos judiciários podem ser subdivididos em civis ou criminais ()

7. A primeira causa de que Cícero participou como orador, tem por objetivo a defesa do crime de fratricídio cometido por Róscio Amerino ()

8. Catilinária e Filípicas compõem os discursos políticos mais famosos de Cícero. ()

9. Nas Catilinárias, Cícero defende o seu rival político, Catilina, mesmo tendo pretendido matá-lo. ()

10. As Filípicas, último conjunto de oratória de Cícero, tinham por objetivo invectivas públicas e particulares contra Marco Antônio. ()

2) Em seu caderno, responda como se divide a oratória, segundo Cícero, e qual a sua finalidade?

3) Conforme as palavras de Cícero, comente o excerto retirado das Catilinárias, levando em consideração a “persuasão”, como estratégia de convencimento.

Qual atração, ó Catilina, pode ainda existir para ti nesta cidade, na qual, fora dos teus conjurados, destas gentes perdidas, não há ninguém que não tenha medo de ti, ninguém que não te deteste? Qual marca de infâmia doméstica não está impresso com fogo na tua vida? Qual vergonha na vida privada não se associa ao teu nome? De qual obscenidade se abstiveram teus olhos, de que crime as tuas mãos, de qual imundície o teu corpo todo? A qual adolescente, uma vez atraído com tuas lisonjeiras seduções, lhe mostraste ou o ferro para o crime ou a tocha da libidinagem. (Cíc. Catil. VI).



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

A Retórica

Evidentemente, um povo como o romano, pragmático e prático, dedicado desde cedo à oratória política e jurídica, não deixaria de se ocupar da formação de seus oradores. Embora nascida na Grécia, a Retórica ganha sistematização sólida e coerente em Roma, graças ao pragmatismo de seu povo. As escolas de Retórica foram fundadas por gregos, que, desde o século II a.C., passaram a contribuir rapidamente para a implantação de uma cultura retórica que se fixaria e se perpetuaria por muitos séculos.

Os romanos adaptaram e ajustaram a teoria retórica grega existente às exigências de sua própria realidade política e cívica, e a atividade por eles desenvolvida foi decisiva para a consolidação da disciplina em território romano, resultando em duas obras que deixariam claras as marcas dessa rica experiência: a *Retórica a Herênio*, escrita entre 84 e 82 a.C. (ora atribuída a Cornifício, ora a Cícero), e *Sobre a invenção*, do proeminente orador Cícero⁵, ambas tendo como base a Retórica, de Aristóteles. A primeira destas obras prima pela sistematização abrangente do fenômeno retórico, no que respeita à teoria da elocução. A segunda segue a mesma linha, mas se detém ao aspecto forense da retórica.



⁵ Para que fique clara a distinção entre Oratória e Retórica: esta é a teoria daquela. Logo, quem versasse sobre uma estaria a falar também, mesmo que indiretamente, da outra. Cícero se notabilizou em ambas, teoria e prática.

Marco Antonio (*Marcus Antonius* – 143-87 a.C.), político e orador romano, foi um dos primeiros tratadistas de retórica, escrevendo *Sobre a razão de falar* (*De ratio dicendi*), em que demonstrava como deveria ser formado o orador para que fosse capaz de vencer, a qualquer título.

Haja vista Oratória e Retórica quase sempre estarem juntas, numa simbiose perfeita, é natural que quem tratasse de uma tratasse da outra também. E Cícero, mais uma vez, concomitantemente, se destaca. De seus tratados na área, cinco se destacam: o *De Oratore*, considerado obra-prima e o mais original dos tratados de retórica, em que define o orador e atualiza as partes tradicionais da retórica; o *Brutus* (citado anteriormente), em que traça um histórico da arte oratória em Roma; o *Orator* traça o retrato ideal do orador, e, na segunda parte, prima pela definição da teoria do número oratório, desenvolvendo a questão das estruturas rítmicas e periódicas (já tratadas no livro III da *Retórica aristotélica*); os *Tópica* descrevem e adaptam obra congênere de Aristóteles, com ênfase nos principais tópicos de argumentação, com aparente dependência da lógica estóica; por fim, as *Oratoriae partitiones*, que pretendiam ser um pequeno manual de retórica com o fim de ajudar seu filho, quando da sua ida para a escola de Atenas.

Cícero, então, se serve da fonte aristotélica, mas confere à arte novos tons, fazendo como retor a filtragem de toda a tradição retórica e imprimindo-lhe, enquanto filósofo, uma forma, um conteúdo e um estilo originais ao seu ideal de conciliar o filósofo perfeito com o ótimo orador.

Observe, no trecho abaixo, o valor que Cícero atribui ao discurso polido, trabalhado de acordo com os ditames da retórica:

“Nada me parece mais útil do que poder, falando, manter os homens em assembleia, cativar as mentes, impelir as vontades para onde queiras. Pois o que há de tão agradável de ser conhecido e ouvido do que um discurso ornado e polido com frases sábias e palavras ponderadas? Ou de tão poderoso e grandioso do que virar, pelo discurso de uma só pessoa, as comoções do povo, os escrúpulos dos juízes, a ponderação do senado? Nisto é que nos avantajamos maximamente às feras: que conversamos entre nós e que, falando, podemos exprimir os sentimentos”⁶



⁶ Furlan (2006, p. 245), tradução de Orator, 1, 8.

Neste outro excerto, de outra obra ciceroniana, observe-se o tom prescricional, típico de tratados e manuais, como o *De Oratore*:

“No orador devem encontrar-se a agudeza dos dialéticos, os pensamentos dos filósofos como que na palavra dos poetas, a memória dos juristas, a voz dos atores trágicos, quase que os gestos dos maiores líderes. Por isso, nada de mais raro pode encontrar-se na família humana do que o perfeito orador.”⁷



⁷ Id., *ibid.*, tradução de De orat., 1, 28.

Pouco depois da morte de Cícero, há a formação do segundo triunvirato, composto por Otávio, Lépido e Marco Antônio, que resulta, alguns anos à frente, na formação do império romano, tendo como seu primeiro imperador Otávio, conhecido à época e para a posteridade por Augusto. A relevância desse dado consiste na falta de importância a que a prosa poética é relegada, pois não havia mais oportunidade de praticá-la.

Entre o reinado de Augusto e o surgimento de um tratado de retórica digno de menção se passam quase oitenta anos, e Roma está sob a égide da “dinastia julio-claudiana”. Assim, em 37 d.C., um retor natural de Córdova, conhecido como Sêneca, o Pai (*Lucius Annaeus Seneca* – 60? a.C. – 39 d.C.) traz a lume uma série de exercícios retóricos, em dez livros, dos quais cinco chegaram até nós, havendo, no entanto, resumo dos demais. São conhecidos por constar de *Suasórias* (*Suasoriae*) – exercícios escolares em discursos exortativos, em que o orador se dirigia a uma personagem histórica ou mitológica, aconselhando-a a como proceder numa situação imaginária, forjada apenas para servir de tema ao discurso – e de debates simulados, chamados *Controvérsias* (*Controversiae*).

Mesmo com tamanho hiato entre discussões de cunho retórico, o conteúdo das obras de Sêneca importa menos do que os prefácios em que faz considerações sobre tal arte, deixando-se perceber em postura crítica. É que os extratos oferecidos nada mais fazem que mostrar a retórica da época, o estilo empolado e rebuscado, tentando preencher o vazio do conteúdo com a sobrecarga de elementos ornamentais.

Em razão disso, anos mais tarde, Quintiliano, uma importante figura da área, se levantará contra essa oratória superficial e ornamentada que dominou o período julio-claudiano.

Atividade II



1. Em relação aos nomes numerados, associe-os aos correspondentes:

Cícero (1) – Aristóteles (2) – Marco Antonio (3) – Sêneca (4) – Quintiliano (5)

Compila em 10 livros uma série de exercícios de Retórica ()

De Oratore é considerada sua obra-prima e o mais original tratado de Retórica ()

Escreveu a Retórica ()

Concebeu os debates simulados, chamados de Controvérsias, que tratava de uma interlocução forjada com figura histórica ou mitológica ()

Político e orador romano que escreveu Sobre a razão de falar ()

Reformulou as bases da retórica com severas críticas ao modo compreendido pelos retores que lhe antecederam ()

Sobre a invenção foi uma de suas primeiras obras ()

Filósofo grego que influenciou os romanos ()

2) Na sua opinião, qual a diferença entre retórica e oratória?

3) No excerto abaixo, Cícero fala do utilitarismo da fala, especificamente, como ela ornada em discurso repercute no público ouvinte. Sobre o trecho, responda quais são os efeitos e o poder do discurso e em que nos diferenciamos das feras?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Nada me parece mais útil do que poder, falando, manter os homens em assembleia, cativar as mentes, impelir as vontades para onde queiras. Pois o que há de tão agradável de ser conhecido e ouvido do que um discurso ornado e polido com frases sábias e palavras ponderadas? Ou de tão poderoso e grandioso do que virar, pelo discurso de uma só pessoa, as comoções do povo, os escrúpulos dos juízes, a ponderação do senado? Nisto é que nos avantajamos maximamente às feras: que conversamos entre nós e que, falando, podemos exprimir os sentimentos.

A lírica

A lírica da fase áurea da literatura latina encontra seu esplendor quando as mudanças políticas não mais permitem o exercício da prosa literária, sob as formas da oratória e da retórica. Surge o império em Roma, e com ele uma só pessoa, o imperador, vinha para julgar todas as causas. Daí o declínio da oratória forense: não fazia sentido na nova conjuntura jurídica.

Já na fase helenística se pode sentir a presença da poesia lírica, em alguns trechos de tragédias, como na despedida de Andrômaca, na *Partida de Heitor*, de Ênio, contudo, em Roma, esse gênero de poesia só vai se firmar no século I a.C., quando se instala e se dissemina o gosto pelos cânones alexandrinos⁸.

A localização geográfica de Alexandria fez reunir-se uma plêiade de intelectuais tanto da Ásia quanto da Europa, que contribuíram para uma vida artístico-literária *sui generis*, bem peculiar. Liberta da música⁹, a poesia lírica desabrocha e encontra seus grandes representantes: Filetas, Calímaco, Teócrito, Eratóstenes, Euforíon, entre outros.

Graças à publicação de uma antologia de poematos gregos, compilados por Meleagro de Gádara, e à presença na cidade de figuras fortemente ligadas ao mundo poético alexandrino: o poeta Árquias, defendido por Cícero quando teve sua cidadania romana contestada, e o escravo Partênio de Nicéia, que escreveu elegias mitológicas e poemas gregos, as tendências alexandrinas encontram boa acolhida em Roma. Mas não somente.

A época de Augusto oferece condições ímpares para o florescimento dessa poesia: a língua poética tem se estruturado, o vocabulário tem enriquecido graças a empréstimos e neologismos, os modelos gregos e alexandrinos já estão bastante difundidos, e, além disso tudo, e principalmente, o próprio Augusto, por amar as letras ou por ver nelas um instrumento que poderia ser utilizado em prol de sua política, deu grandes incentivos, fundando bibliotecas e favorecendo os escritores que, de alguma maneira, se dispusessem a divulgar suas ideias reformistas e renovadoras.

A seguir, alguns dos principais poetas que se destacaram no gênero à época do apogeu literário em língua latina.

Quando Augusto pacifica o território romano, palco de constantes lutas fratricidas de facções políticas opostas, dois grandes nomes da poesia já tinha surgido com obras de grande valor: Virgílio¹⁰, com as *Bucólicas*, compostas entre 41 e 37 a.C., e Horácio¹¹, com os *Epodos*, compostos também a partir de 41 a.C., as *Sátiras* e as primeiras *Odes*.

Virgílio ainda jovem escreve poematos que o tornam famoso no mundo das letras. Aliado a isso, passa a frequentar o círculo literário mantido por Polião, governador da Cisalpina. É quando escreve a co-



⁸ Referência à cidade de Alexandria, no Egito, fundada por Alexandre, o Grande, rei da Macedônia, no século IV a.C., destinada a substituir Atenas enquanto centro irradiador da cultura helênica.



⁹ A poesia lírica nasce na Grécia Antiga e funde-se, naturalmente, com a música (lírica vem de lira, instrumento musical que o canto homônimo), da qual desvincular-se nesse período (03, p. 50)



¹⁰ Publio Vergilius Maro - Públio Virgílio Marão - (15 de setembro de 70 a.C. - 21 de setembro de 19 a.C.) nasceu em Andes e pertenceu a uma família proprietária de algumas terras, que foram confiscadas pelos soldados veteranos, por vingança à morte de Júlio César. Otávio Augusto restituiu-lhe os bens e, devido a uma amizade com Mecenas, passou a ter uma vida tranquila, desafogada, de dedicação exclusiva à poesia.



¹¹ Quintus Horatius Flaccus (67 a.C. - 8 a.C.), Horácio, nasceu em Venúcia, entre a Apúlia e a Lacônia, filho de um liberto. Apesar da modéstia de sua família, o pai enviou-o para Roma, onde estudou com o severo Orbílio. Em seguida, foi para Atenas, onde aprendeu Filosofia. Quando volta a Roma, após desertar das milícias de Bruto, na Batalha de Filipos, consegue um emprego modesto como escriba de questores e passa a se dedicar à vida literária, escrevendo os *Epodos* e as *Sátiras*. Conhece Mecenas em 37, apresentado por Virgílio. Conhece também a Augusto, a quem lega seus bens quando morre.



¹² A palavra bucólica tem origem grega (*boukoliká*) e significa “cantos de boiadeiros”. Assim eram chamadas as canções que, relacionadas com o pastoreio, era apresentadas em concursos públicos, na Sicília. (CARDOSO, 2003, p. 61)

letânea de poemas pastoris denominada *Bucólicas*¹² (*Bucolica*). Embora demonstre influência de Homero, Hesíodo e Lucrécio, Virgílio se inspira principalmente em Teócrito, que criou em seus idílios interessante galeria de personagens pastores.

Recriando os temas, Virgílio consegue ser original: transforma os cenários poéticos, adaptando-os ao lugar onde nasceu - as regiões do norte da Itália; conferiu delicadeza aos seus pastores e investe seus textos de tom verdadeiramente lírico.

São vários os assuntos explorados nas *Bucólicas*, variando de livro para livro.

A título de ilustração, resumidamente podemos dizer que na bucólica I (que não é a primeira em ordem de composição) o poeta alude à sua própria história: é o diálogo entre os pastores Melibeu e Títiro, em que o primeiro se queixa ao segundo de um confisco que lhe obriga a deixar suas terras, ao que Títiro agradece ao “deus” que lhe permitira permanecer nas suas. Títiro pode ser a representação do próprio Virgílio, agradecendo a Otávio a restituição das terras confiscadas à sua família. É este diálogo que perpassa as bucólicas III, V e VII, embora a temática mude de uma para a outra. Nas demais bucólicas não há diálogos pastoris.

As bucólicas II e IV merecem especial atenção. A primeira, de bela e discutida que é até hoje: o pastor Coridão, apaixonado pelo belo jovem Aléxis, em um monólogo ardente e sentimental; a segunda, considerada como profética e pré-cristã, por ser dirigida a Polião e predizer a chegada de uma Idade de Ouro, graças ao nascimento de um menino. A bucólica II tem sido frequentemente lida com reservas pelo paganismo e naturalidade da homossexualidade que apresenta. Já a IV foi considerada por Santo Agostinho como um prenúncio da vinda de Cristo.

A aparente simplicidade dos temas das *Bucólicas* não influenciou a linguagem, que, de bastante rica em figuras de estilo e elementos ornamentais, revela a erudição do poeta a todo momento. Esse estilo influenciaria toda a poesia do Medievo, Renascimento e Neoclassicismo, atravessando séculos a fio.

Ao passo que se destaca na lírica, Virgílio também deixa imensurável marca na épica latina, o que trataremos mais adiante, no respectivo tópico.

Semelhante importância para a lírica da literatura latina tem o poeta Horácio, contemporâneo de Virgílio e seu amigo pessoal, surgindo no cenário das letras latinas com o Livro I das Sátiras (*Sermones*) – 35 a.C.. Em seguida, publica uma coletânea de dezessete poematos intitulada os *Epodos* (*Epodoi*) – 30 a.C. -, para, depois, publicar o Livro II das Sátiras – 29 a.C.

Não contou com a mesma sorte de Virgílio a princípio, pois havia lutado na Batalha de Filipos ao lado de Bruto, contra Otávio, e por isso, era considerado “inimigo”, razão por que fosse espoliado dos poucos bens que possuía. As publicações de Horácio têm início após ganhar uma propriedade rural e ter sido apresentado a Mecenas por Virgílio.

Escreve *Epodos*, invectivas violentas e grosseiras, *Sermones*, sátiras, *Carmina*, odes, e *Epistolae*, cartas, entre as quais uma ganha notoriedade: dedicada aos Pisões, à qual Quintiliano chamou de *Arte Poética*.

Nas *Carmina* Horácio quis dar a Roma poesia lírica que pudesse competir com a dos gregos. Uma dessas odes, o hino oficial *Camen Saeculare* (Ode Secular), é feita sob encomenda para os Jogos Centenários de 16 a.C., traz o teor político que compromete a produção lírica da época de Augusto: Horácio exalta a mítica “era da paz” restaurada por Augusto. O mesmo acontece com Ovídio, em sua *Metamorfoses*, em que, entre mitos e lendas relacionados à história de Roma, tratados de forma poética, decanta a *Pax Augusta*.

As demais odes de Horácio são consideradas perfeitas pelo espírito íntimo, de tom epicurista¹³, nas quais faz apologia de motivos ou temas tradicionais, tais como: 1) gratificante cultivo das letras; 2) poesia, ministério sacerdotal às musas; 3) fugacidade do tempo e fruição do momento presente, *carpe diem*; 4) busca do áureo meio-termo, *áurea mediócritas*; 5) imortalidade da obra de arte: *monumentum aere perennius*; 6) moderação dos apetites; e 7) encantos da vida no campo¹⁴.

A seguir, alguns trechos em que Horácio deixa perceber os temas da lírica latina de sua época.

Neste fragmento, a tônica é a fugacidade do tempo e a fruição do tempo presente:

“Ditoso Séstio, a breve duração da vida proíbe-nos começar longa esperança. A noite, os Manes da fábula e a sombria morada de Plutão já haverão de oprimir-te: já não tirarás, com dados, à sorte o reinado do vinho (como se fazia nos banquetes)”¹⁵

neste outro, os encantos da vida campestre:

“Feliz daquele que, longe dos negócios (estressantes), agindo como os antigos (romanos), amanha os campos paternos com os próprios bois, livre de toda preocupação de lucro, nem é acordado como o soldado pela trombeta ameaçadora, nem teme (como o marinheiro) o mar irado, e evita a praça e os soberbos umbrais dos cidadãos mais poderosos.”¹⁶

Os seus poemas constituem o *corpus* mais importante da lírica europeia mais antiga. Ele mesmo prescreve em sua *Epístola aos Pisões*, ou *Arte Poética*, quais são os temas que pertencem a este gênero. Para o poeta, “celebrar os deuses e os filhos dos deuses, o atleta vencedor, o cavalo que é o primeiro a chegar na corrida, os cuidados amorosos dos jovens e o vinho libertador” são os motivos pelos quais a musa concede à lira tal dom (o de celebrar).

Assim, hinos e cantos de vitória, canções de louvor e poesia amorosa e, por último, poemas de festa e de vinho são os temas fundamentais das canções líricas.



¹³ Relativo à doutrina criada por Epicuro, que reflete o ambiente de crise que acompanha o advento do helenismo e procurava, sobretudo, formular e seguir uma regra de vida, afastada do tumulto dos negócios e da política, de acordo com o preceito “viver escondido”. (PRIETO, 2006, p. 93)



¹⁴ Observe-se que, anos mais tarde, tais motivos e temas formarão a tônica do Arcadismo, ou Neoclassicismo, movimento literário nascido na Europa, que chega ao Brasil, que retomava os clássicos greco-latinos em suas formas e temas. *Carpe diem*, *áurea mediócritas* e *fugere urbem* compõem o lema desse movimento.



¹⁵ Furlan (2006, p. 262), tradução de Carm., 1, 4, 15-18.



¹⁶ Op. Cit., p. 263, tradução de Epodos II, 1-8.

Havia muitos outros poetas na Roma de Augusto, mas como Virgílio e Horácio, na lírica, só mais um é digno de nota: Ovídio, que mais contribuiu para a épica do que para a lírica, embora tenha sido considerado o poeta lírico mais versátil dessa época, por seu brilho, talento, versatilidade, irreverência e ironia.

Atividade III



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

1) Com base no texto, responda em seu caderno:

- **Com a ascensão do império, houve o declínio da oratória? Por quê?**
- **Quais as condições singulares que permitiram o florescimento da poesia lírica durante a época de Augusto?**
- **A quais assuntos aludem os diálogos de Melibeu e Títilo?**
- **Quais os temas gerais das Odes de Horácio?**

A épica

A épica é um gênero intimamente relacionado à conceituação grega de “narrativas em verso que têm por assunto fatos heroicos, vividos por personagens humanas excepcionais, manipuladas, de certa maneira, pelo poder dos deuses” (CARDOSO, 2003, p. 6). No entanto, a épica faz parte da história de todas as culturas. Mas na Grécia recebe tratamento teórico e de lá se dissemina.

Em Roma não há que se falar em uma épica natural, ou seja, surgida da própria cultura romana. A primeira epopeia a surgir em Roma não emana, pois, das raízes culturais do povo. É a tradução da *Odisseia*, feita por Lívio Andrônico, escravo tarentino que lançou as bases para o surgimento de uma tradição literária em língua latina.

Começam a surgir as primeiras epopeias latinas. Nêvio (*Naevius* - ?-201 a.C.), contemporâneo de Lívio Andrônico e natural da Campânia, escreveu *A guerra púnica* (*Poenicum bellum*), o primeiro poema épico composto originalmente em latim. Ainda que em versos satúrnios,

considerados rudimentares, Nêvio soube mesclar história e mitologia, tratando os acontecimentos com abordagem sobrenatural.

Mais adiante, *Quintus Ennius* (239 – 169 a.C.), compõe *Anais* (*Annales*), epopeia latina que traz pela primeira vez o verso hexâmetro grego (apropriado para a poesia épica, no entender dos gregos) e procura contar toda a história de Roma, por isso estender-se em dezoito livros.

Mas a épica romana só encontra um grande momento quando, cento e cinquenta anos à frente, surge a figura de Virgílio, de quem falamos anteriormente. Considerado o épico latino por excelência, poeta nacional do império, Virgílio recebe de Augusto, por meio de Mecenas, o convite a encetar a empresa ousada em extensão e grandiosidade de escrever uma epopeia que pudesse ombrear com os poemas homéricos¹⁷.

Assim, nasce a *Eneida* (*Aeneis*), trabalho de dez anos de composição (29 – 19 a.C.), com doze cantos, ou livros, totalizando 9.826 versos. É, a um tempo, um poema mitológico e uma ufanista homenagem ao Império que se formava. Baseando-se nas epopeias homéricas e em várias outras fontes, Virgílio compôs um texto em que a grandeza da poesia clássica grega e a sofisticação literária desenvolvida em Alexandria se aliam para conferir o tom original da obra.

A epopeia mais famosa da literatura latina narra as errâncias de Eneias, príncipe troiano salvo da guerra para fundar Roma (a Nova Troia), as lutas a que é compelido enfrentar e, por fim, a fundação da Nova Troia.



¹⁷ “É evidente a influência de Homero na composição da *Eneida*. Mas essa imitação leva o cunho do gênio. A *Iliada* e a *Odisseia*, com efeito, são as duas principais fontes de Virgílio. Segundo hábito muito grato aos romanos, Virgílio fez na *Eneida* uma “contaminação”, *contaminatio*: os seis primeiros livros são uma réplica abreviada da *Odisseia*, os seis últimos lembram a *Iliada*.” (prefácio de Spalding à sua tradução da *Eneida*, 2007, p. 7)

A seguir, um breve resumo da obra.

O **canto I** traz à tela a violenta tempestade provocada por Juno, a deusa inimiga de Troia, que arremessa os navios de Eneias e de seus companheiros às praias do norte da África, precisamente em Cartago, onde a rainha Dido os recebe com um banquete de boas-vindas e, por estratégia de Vênus, se apaixona por Eneias; no **canto II** tem começo um *flash-back*, ou seja, uma narrativa dentro da narrativa, onde Eneias conta, a pedido da rainha de Cartago, relatos da guerra de Troia, os episódios que culminaram na vitória dos gregos; o **canto III** também diz respeito a uma narração de Eneias, mas desta vez, de como chegaram até Cartago, todas as peripécias que marcaram a viagem e a morte de seu pai, o velho Anquises.

O **canto IV** narra a violenta paixão de Dido por Eneias. A rainha se vale de um encontro aparentemente casual e, durante uma tempestade, para entregar-se ao chefe troiano. Júpiter, no entanto, cesura Eneias, que abandona Cartago para dar continuidade à sua missão. Dido, em desespero, suicida-se; no **canto V** é mostrado o retorno de Eneias à Sicília, onde realiza jogos fúnebres em homenagem ao primeiro aniversário da morte do velho Anquises; no **canto VI**, faz uma escala em Cumas, onde consulta uma sacerdotisa de Apolo, que o alerta sobre tudo o que vai lhe acontecer, e obtém permissão para visitar seu pai, no reino dos mortos.

No **canto VII**, Eneias chega à região do Tibre, envia embaixadores ao rei Latino e este oferece ao troiano a mão de sua filha, Lavínia. Amata, mãe de Lavínia, e Turno, chefe rútilo a quem fora prometida a mão da moça, se enfurecem; o **canto VIII** mostra os preparativos para uma guerra que está por eclodir, Eneias procura fazer aliança com o rei Evandro e Vênus solicita a Vulcano armas para o troiano; a guerra é narrada nos **cantos IX, X e XI**, entre perdas importantes para ambos os lados, uma trégua com proposta de paz que não é cumprida e uma grande carnificina.

O último canto, o **XII**, mostra o desfecho da guerra: um duelo entre Turno e Eneias, em que este vence o rútilo e o sacrifica, como que mostrando as condições heroicas que permitiram o nascimento de Roma.

Conheça alguns trechos que revelam o nacionalismo exaltado em toda a obra: no canto I, em que Júpiter procura tranquilizar Vênus quanto ao futuro dos descendentes de tróia, falando dos dias vindouros, da glória de Roma de dos feitos de Augusto

“Nascerá de uma nobre origem, descendente da família Júlia, que tirou seu nome do grande lulo, um César troiano que estenderá seu império até as águas oceânicas e sua fama até os astros. Tu, tranquila, o receberás um dia, no céu, carregado com o espólio do Oriente; e ele também será invocado com votos.” (Verg. Aen. I, 286 – 289)

Observe-se neste outro trecho a manipulação que o poeta faz quanto ao fato de o rei Latino, após consulta ao oráculo de Fauno, oferecer a mão de Lavínia a Eneias – o oráculo diz:

“Não procures unir tua filha a um esposo latino, meu filho, e não confies no casamento combinado. Virão de fora os genros que, por sua progênie, elevarão nosso nome até os astros; os descendentes dessa raça verão que a seus pés se curva, deixando-se dominar, tudo aquilo que o sol ilumina ao percorrer seu caminho entre dois oceanos. (Verg. Aen. VII, 96 – 100)

Assim, a épica latina conhece sua mais sublime representação. O estilo de Virgílio é puro e elegante, além da riqueza e precisão vocabular, da adequação do ritmo quanto ao assunto explorado a cada momento, das imagens e figuras retóricas que ponteam o texto, sem provocar a impressão de sobrecarga. Razões por que, além de tantas outras, é lido até hoje e inspirou as epopeias que surgiram após a *Eneida*.

Atividade IV



1) Após a leitura, responda em seu caderno as seguintes interrogativas:

- O que designa o gênero épico conforme a conceituação grega?
- Qual a primeira épica romana, traduzida do grego para o latim?
- Quais foram as primeiras épicas verdadeiramente latinas; quais os seus assuntos e quem as escreveu?
- Como está dividida a Eneida e qual é o seu assunto?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Chegamos ao final de mais uma etapa; agora, vocês precisam sistematizar o conhecimento e aprofundar os conteúdos desta sétima unidade. Para tanto, você precisa manter a disciplina de leitura que, em hipótese alguma, não se encerra no material didático. Portanto, os assuntos aqui assimilados precisam uma apreciação mais acurada, através de sua aplicação aos estudos e pesquisa de fontes e leituras, particularmente porque a literatura latina atravessou séculos até se fixar na memória ocidental. Isso significa, entre outros aspectos, que percurso trilhado será sempre recobrado.

Então, como proposta para o aprofundamento de leitura, indicamos outros textos subsidiários a uma complementação do assunto aqui visto, que vocês conhecerão agora.

Leituras recomendadas

- a. Para **A Oratória**: ler o verbete “Cícero”, in. *Dicionário de Literatura Latina*, de Maria Helena Ureña Prieto (2006, p. 53-67); “Cícero”, in. *História da Literatura Latina*, de Ettore Paratore (1983, p. 179-240); “A oratória” e “Cícero orador” in. *A Literatura Latina*, de Zélia de Almeida Cardoso (2003, p. 150 - 157).
- b. Para **A Retórica**: ler “Cícero e a retórica” e “A retórica na época da “dinastia júlio-claudiana: Sêneca, o retor”, in. *A Literatura Latina*, de Zélia de Almeida Cardoso (2003, p. 161-165); verbetes “Cícero” e “Sêneca-o-Antigo” in. *Dicionário de Literatura Latina*, de Maria Helena Ureña Prieto (2006, p. 53-67; 310-311)
- c. Para **A Lírica**: ler “A poesia lírica na época de Augusto”, “As Bucólicas de Virgílio” e “A lírica de Horácio”, in. *A Literatura Latina*, de Zélia de Almeida Cardoso (2003, p. 59-61; 61-65 e 65-69); “Horácio” e “Virgílio”, in. *Dicionário de Literatura Latina*, de Maria Helena Ureña Prieto (2006, p. 123-127 e 370-376);
- d. Para **A Épica**: ler “Poesia Épica” in. *Língua e Literatura Latina e sua Derivação Portuguesa*, de Oswaldo Antonio Furlan (2006, p. 266-270); “A poesia épica”, in. *A Literatura Latina*, de Zélia de Almeida Cardoso (2003, p. 6-19)



Resumo

A oratória poderia não ser considerada um gênero literário, pelo seu caráter pragmático e utilitarista, no entanto, a partir do momento em que a preocupação com a beleza formal do que se dizia ocupa lugar de destaque, este gênero vem a tornar-se uma prosa literária, mais do que simples conjuntos de palavras para impressionar. Essa importância é devida a um dos diálogos de Cícero, *Bruto (Brutus)*, famoso tratado de retórica calcado nos moldes dos diálogos platônicos, no qual trata de uma espécie de história da eloquência latina, em um diálogo entre Bruto, Ático e o próprio Cícero. O Cícero orador surge quando o jovem advogado de vinte e cinco anos, que até então se dedicara única e exclusivamente aos estudos e ao próprio aperfeiçoamento cultural, se vê na tarefa de defender Quíncio num processo de espoliação, argumentando contra o famoso advogado romano Hortênsio. Daí por diante, inúmeras são as peças oratórias de Cícero, sendo que apenas cinquenta e seis chegaram até nossos dias. Podemos dividir a produção oratória de Cícero em duas categorias: discursos judiciais, que se subdividem em civis e criminais, e discursos políticos. Destacam-se entre os primeiros *Em favor de Róscio Amerino (Pro Roscio Amerino – 79 a.C.)*, *As Verrinas (In Verrem – 70 a.C.)*, *Em favor de Murena (Pro Murena – 63 a.C.)*, *Em favor de Árquias (Pro Archia – 62 a.C.)*, *Em favor de Célio (Pro Caelio – 56 a.C.)* e *Em favor de Milão (Pro Milone – 52 a.C.)*. Os discursos políticos mais famosos de Cícero são as *Catilinárias (In Lucium Catilinam orationes IV – 63 a.C.)* e as *Filípicas (Philippicae orationes – 44/43 a.C.)*. *Em favor de Róscio Amerino* é um discurso criminal e corresponde à primeira causa pública da qual Cícero participou. Acusado de parricídio (assassínio de pai e/ou mãe), Róscio consegue se livrar da autoria de tão grave crime graças à ousadia do discurso de Cícero, talvez motivo pelo qual o orador teve de afastar-se de Roma, passando um tempo na Grécia. *Em favor de Célio* e *Em favor de Milão*, causas em que defendia políticos romanos acusados de libertinagem e envolvimento com assassinato, respectivamente, Cícero ganha a causa de Célio, mas não logra êxito na causa de Milão. As *Catilinárias* e as *Filípicas* compõem os discursos políticos mais famosos de Cícero. Responsável pela elitização da oratória, Cícero não só nos legou discursos, mas também uma teoria da obra oratória. Para ele, o discurso não deveria apenas dizer alguma coisa; devia *ensinar, agradar e comover*. Contudo, a morte do maior orador romano acontece quando toda a vida romana passava por fortes mudanças. O senado perdia forças e o poder se concentrava cada vez mais nas mãos daquele que viria a ser o imperador. A eloquência, que anos antes tinha feito brilhar a prosa literária, sob diversas modalidades, começa a perder a razão de existir, posto que suas principais funções, defender, acusar, julgar enfim, passam a ser prerrogativas do *princeps*, o imperador.

As escolas de Retórica foram fundadas por gregos, que, desde o século II a.C., passaram a contribuir rapidamente para a implantação de uma cultura retórica que se fixaria e se perpetuaria por muitos séculos. Os romanos adaptaram e ajustaram a teoria retórica grega existente às exigências de sua própria realidade política e cívica, e a atividade por eles desenvolvida foi decisiva para a consolidação da disciplina em território romano, resultando em duas obras que deixariam claras as marcas dessa rica experiência: a *Retórica a Herênio*, escrita entre 84 e 82 a.C. (ora atribuída a Cornifício, ora a Cícero), e *Sobre a invenção*, do proeminente orador Cícero, ambas tendo como base a *Retórica*, de Aristóteles. Cícero, então, se serve da fonte aristotélica, mas confere à arte novos tons, fazendo como retor a filtragem de toda a tradição retórica e imprimindo-lhe, enquanto filósofo, uma forma, um conteúdo e um estilo originais ao seu ideal de conciliar o filósofo perfeito com o ótimo orador. Entre o reinado de Augusto e o surgimento de um tratado de retórica digno de menção se passam quase oitenta anos, e Roma está sob a égide da “dinastia julio-claudiana”. Assim, em 37 d.C., um retor natural de Córdova, conhecido como Sêneca, o Pai (*Lucius Annaeus Seneca* – 60? a.C. – 39 d.C.) traz a lume uma série de exercícios retóricos, em dez livros, dos quais cinco chegaram até nós, havendo, no entanto, resumo dos demais. São conhecidos por *Suasórias* (*Suasoriae*) e *Controvérsias* (*Controversiae*). *Marcus Fabius Quintilianus*, Quintiliano (30 d.C. – 95 d.C.), foi advogado e proprietário de famosa escola de retórica, fundada, ao que tudo indica, no ano 70 de nossa era. Notabilizou-se por tentar reconduzir a oratória a suas dimensões legítimas, colocando-as sobretudo a serviço da pátria e do direito. A moral é pedra de toque da obra de Quintiliano, razão pela qual talvez tenha se levantado contra os engodos da retórica ornamental, em pouco preocupada com os valores morais veiculados pelo discurso. A primeira obra de Quintiliano trata-se de um opúsculo intitulado *Sobre as causas da corrupção da eloquência*, que não conseguiu resistir ao tempo, não chegando aos nossos dias. Contudo, *A Instituição Oratória* (*Institutio oratória*), seu grande tratado em doze livros, permaneceu na íntegra. Esta tem como objetivo único explicitar o necessário para a formação do orador, e tem como tônica a prescrição que fora preconizada por Catão, o Censor: o orador deve ser “o homem de bem capaz de discursar”. Conhecido mas pouco divulgado durante a Idade Média, Quintiliano renasce entre 1415-1416, quando Poggio descobriu um exemplar completo da *Institutio Oratoria*, obra que se tornou a base de todo o ensino da retórica nos séculos XVI – XVIII. Quintiliano teve a língua de sua época, afeita a figuras mas bastante clara. Seu pensamento é sutil e preciso, e exerceu grande influência entre seus contemporâneos. Seus discípulos mais famosos são Tácito e Plínio, o Jovem.

Liberta da música, a poesia lírica desabrocha e encontra seus grandes representantes: Filetas, Calímaco, Teócrito, Eratóstenes, Euforíão, entre outros. Graças à publicação de uma antologia de poemetos gregos, compilados por Meleagro de Gádara, e à presença na cidade de figuras fortemente ligadas ao mundo poético alexandrino: o poeta Árquias, defendido por Cícero quando teve sua cidadania romana contestada, e o escravo Partênio de Nicéia, que escreveu elegias

mitológicas e poemas gregos, as tendências alexandrinas encontram boa acolhida em Roma. Quando Augusto pacifica o território romano, palco de constantes lutas fratricidas de facções políticas opostas, dois grandes nomes da poesia já tinha surgido com obras de grande valor: Virgílio, com as *Bucólicas*, compostas entre 41 e 37 a.C., e Horácio, com os *Epodos*, compostos também a partir de 41 a.C., as *Sátiras* e as primeiras *Odes*. Embora demonstre influência de Homero, Hesíodo e Lucrécio, Virgílio se inspira principalmente em Teócrito, que criou em seus idílios interessante galeria de personagens pastores. Recriando os temas, Virgílio consegue ser original: transforma os cenários poéticos, adaptando-os ao lugar onde nasceu - as regiões do norte da Itália; conferiu delicadeza aos seus pastores e investe seus textos de tom verdadeiramente lírico. São vários os assuntos explorados nas *Bucólicas*, variando de livro para livro. Semelhante importância para a lírica da literatura latina tem o poeta Horácio, contemporâneo de Virgílio e seu amigo pessoal, surgindo no cenário das letras latinas com o Livro I das *Sátiras* (*Sermones*) – 35 a.C.. Em seguida, publica uma coletânea de dezessete poematos intitulada os *Epodos* (*Epodoi*) – 30 a.C. -, para, depois, publicar o Livro II das *Sátiras* – 29 a.C. Não contou com a mesma sorte de Virgílio a princípio, pois havia lutado na Batalha de Filipos ao lado de Bruto, contra Otávio, e por isso, era considerado “inimigo”, razão por que fosse espoliado dos poucos bens que possuía. As publicações de Horácio têm início após ganhar uma propriedade rural e ter sido apresentado a Mecenas por Virgílio. Escreve *Epodos*, invectivas violentas e grosseiras, *Sermones*, sátiras, *Carmina*, odes, e *Epistolae*, cartas, entre as quais uma ganha notoriedade: dedicada aos Pisões, à qual Quintiliano chamou de *Arte Poética*. As demais odes de Horácio são consideradas perfeitas pelo espírito íntimo, de tom epicurista, nas quais faz apologia de motivos ou temas tradicionais, tais como: 1) gratificante cultivo das letras; 2) poesia, ministério sacerdotal às musas; 3) fugacidade do tempo e fruição do momento presente, *carpe diem*; 4) busca do áureo meio-termo, *áurea mediócritas*; 5) imortalidade da obra de arte: *monumentum aere perénnius*; 6) moderação dos apetites; e 7) encantos da vida no campo. Os seus poemas constituem o corpus mais importante da lírica europeia mais antiga. Hinos e cantos de vitória, canções de louvor e poesia amorosa e, por último, poemas de festa e de vinho são os temas fundamentais das canções líricas. Havia muitos outros poetas na Roma de Augusto, mas como Virgílio e Horácio, na lírica, só mais um é digno de nota: Ovídio.

Em Roma não há que se falar em uma épica natural, ou seja, surgida da própria cultura romana. A primeira epopeia a surgir em Roma não emana, pois, das raízes culturais do povo. É a tradução da Odisseia, feita por Lívio Andrônico, escravo tarentino que lançou as bases para o surgimento de uma tradição literária em língua latina. Começam a surgir as primeiras epopeias latinas. Nêvio (*Naevius* - ?-201 a.C.), contemporâneo de Lívio Andrônico e natural da Campânia, escreveu *A guerra púnica* (*Poenicum bellum*), o primeiro poema épico composto originalmente em latim. Ainda que em versos satúrnios, considerados rudimentares, Nêvio soube mesclar história e mitologia, tratando os acontecimentos com abordagem sobrenatural. Mais adiante, *Quintus*

Ennius (239 – 169 a.C.), compõe *Anais* (*Anales*), epopeia latina que traz pela primeira vez o verso hexâmetro grego (apropriado para a poesia épica, no entender dos gregos) e procura contar toda a história de Roma, por isso estender-se em dezoito livros. Mas a épica romana só encontra um grande momento quando, cento e cinquenta anos à frente, surge a figura de Virgílio, de quem falamos anteriormente. Considerado o épico latino por excelência, poeta nacional do império, Virgílio recebe de Augusto, por meio de Mecenas, o convite a encetar a empresa ousada em extensão e grandiosidade de escrever uma epopeia que pudesse ombrear com os poemas homéricos. Assim, nasce a *Eneida* (*Aeneis*), trabalho de dez anos de composição (29 – 19 a.C.), com doze cantos, ou livros, totalizando 9.826 versos. É, a um tempo, um poema mitológico e uma ufanista homenagem ao Império que se formava. Baseando-se nas epopeias homéricas e em várias outras fontes, Virgílio compôs um texto em que a grandeza da poesia clássica grega e a sofisticação literária desenvolvida em Alexandria se aliam para conferir o tom original da obra. A epopeia mais famosa da literatura latina narra as errâncias de Eneas, príncipe troiano salvo da guerra para fundar Roma (a Nova Troia), as lutas a que é compelido enfrentar e, por fim, a fundação da Nova Troia. Assim, a épica latina conhece sua mais sublime representação.



Autoavaliação

Com base no texto, descreva as principais características do gênero épico.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

ARIÈS, Philippe; e DUBY, Georges. **História da vida privada**: do Império Romano ao ano mil. v.1. Org.: Paul Vayne. Trad.Hildegard Feist: São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A Literatura Latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (Coleção Biblioteca Universal).

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PARATORE, Ettore. **História da literatura latina**. Trad. Manuel Losa, S. J.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PRIETO, Maria Helena Ureña. **Dicionário de Literatura Latina**. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 2006.

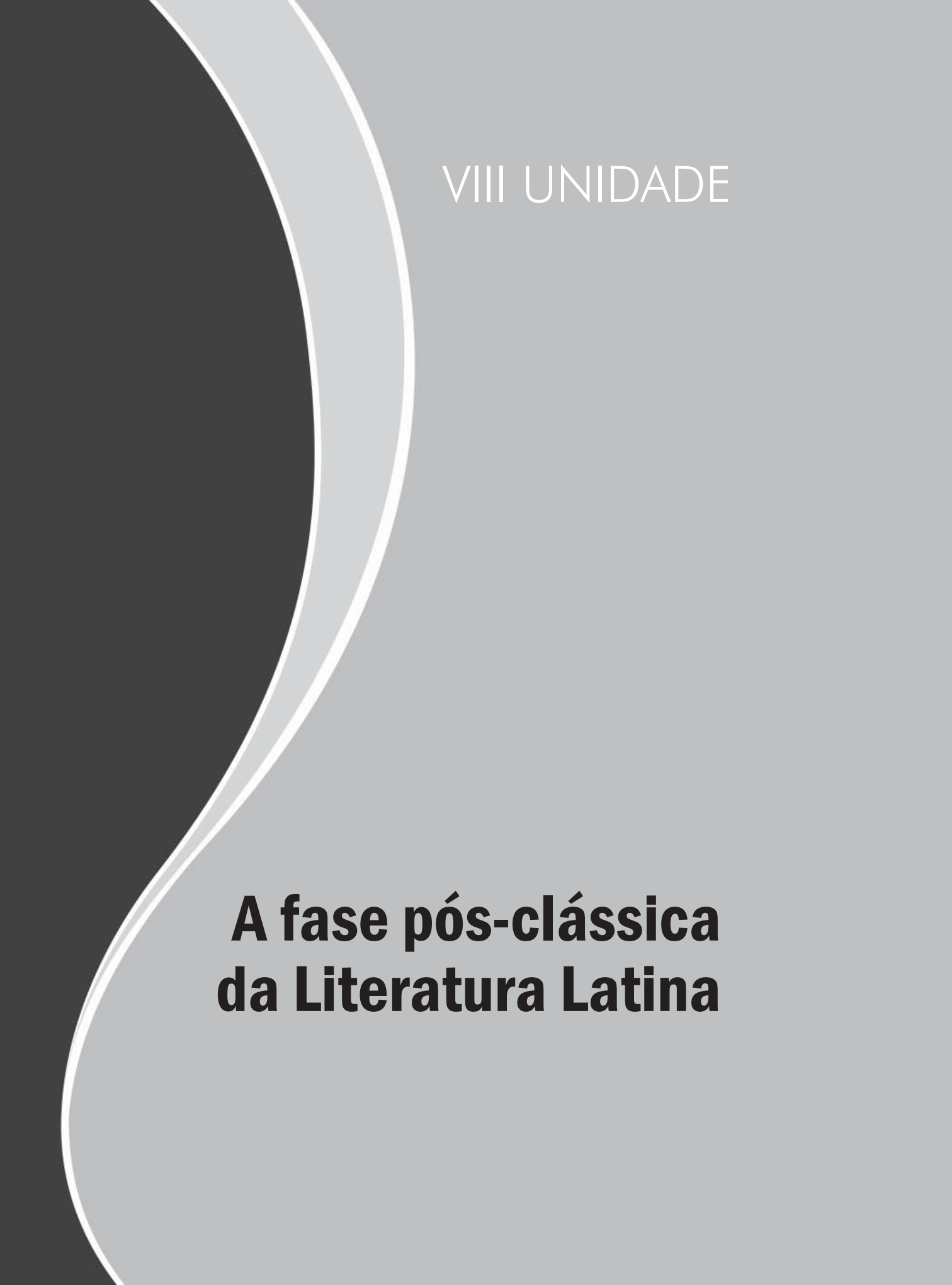
RAVIZZA, João. **Gramática Latina**. 13.ed. Niterói: Dom Bosco, 1956.

RÓNAI, Paulo. **Não Perca o seu Latim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

TRINGALI, Dante. **A arte poética de Horácio**. São Paulo: Musa Editora, 1993.

VEYNE, Paul. **A elegia erótica romana**: o amor, a poesia e o ocidente. Trad. Milton Meira do Nascimento e Maria das Graças de Souza Nascimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CITAR?



VIII UNIDADE

A fase pós-clássica da Literatura Latina

Apresentação

Na unidade anterior, vocês conheceram o período áureo da Literatura Latina, que vai do primeiro discurso do mais brilhante orador que Roma já teve, Marcus Tullius Cícero, e vai até o período governado pelos imperadores júlio-claudianos, quando não mais apresenta a perfeição alcançada no auge dessa ebulição. A prosa atinge a perfeição desde que Cícero discursa pela primeira vez até a sua morte; a poesia tem seu apogeu sob a égide política de Augusto, que, por meio de Mecenas, faz da literatura uma de suas políticas públicas, encomendando aos poetas obras que enaltecessem e elevasse o povo romano e sua importância enquanto governante.

Além de Roma e Atenas, outro centro irradiador de cultura se apresenta: Alexandria, no Egito, fundada por Alexandre, o Grande, pretensa substituta de Atenas em termos de letras e artes. A poesia latina ganha notoriedade ímpar à época e, atravessando séculos, famosa por sua perfeição, ainda inspira obras da atualidade.

Na presente unidade, vocês conhecerão as formas que a literatura latina assumiu após a fase clássica, na chamada fase pós-clássica, conhecida pelo enfraquecimento dos gêneros literários propriamente ditos, mas responsável pela consolidação da literatura filosófica, histórica, científica e religiosa. O Cristianismo entra em cena e confere novas nuances às expressões literárias em língua latina.

Num primeiro momento, falaremos do período neoclássico dessa fase, que compreende da morte de Nero ao final do século II, quando ainda há produção significativa, especialmente em prosa científica, retórica, história e epistolografia. Representando essa fase, vocês conhecerão Quintiliano, que dá novos rumos à retórica com a chamada Nova Retórica.

Em seguida, trataremos do período cristão, que vai do final do século II até o século V, momento em que a literatura começa a enveredar por outras esteiras, abandonando o paganismo e se concentrando cada vez mais em textos de caráter didático, moral e religioso.

Bons estudos!



Objetivos

Ao final desta unidade, esperamos que você consiga:

- Conhecer o último período da fase áurea da literatura latina, suas principais manifestações literárias em termos de gêneros, obras e alguns de seus principais representantes;
- Da mesma forma, conhecer o período cristão da literatura latina, seus representantes principais e os gêneros em que se destacaram.

Breves considerações

Considera-se pertencente à fase pós-clássica da literatura latina toda a produção literária que vai da morte de Nero (68 d.C.) à queda do Império Romano do Ocidente (século V). Tal fase subdivide-se em dois momentos distintos: a época neoclássica (do início até o final do século II, abrangendo os governos dos imperadores flavianos e antoninos), e a época cristã, do final do século II até o século V.

A primeira época, a neoclássica, ainda faz surgir figuras literárias importantes no campo da prosa científica, da retórica, da história, da epistolografia e até mesmo da poesia, ao passo que a época cristã é responsável pelo empalidecer da velha literatura pagã, que cede lugar à incipiente literatura cristã. Nesta fase, a poesia assume novas dimensões e surgem os primeiros textos apologéticos, que, pouco a pouco, cedem lugar às obras históricas, morais e teológicas dos doutores da igreja.

A época neoclássica



¹ Segundo lista feita por Plínio, o Moço, seu sobrinho, a obra de Plínio é imensa em obras e temas, das quais, infelizmente, só uma se manteve na íntegra, *Naturalis Historia* (História Natural), composta de 37 livros que abordam de geografia, zoologia, botânica e mineralogia a antropologia, medicina e metalurgia, entre outros, o qual conclui com a seguinte frase: “Salve, ó Natureza, mãe de todas as coisas! Acolhe-me com benevolência, pois sou o único dos Romanos que te celebrou em todos os domínios”. (PRIETO, 2006, p. 264-265)



² Os gêneros, em Roma, estavam muito imbricados. Pelo caráter mesmo dos escritores (administradores, poetas, juristas, senadores que falavam ou escreviam em versos, historiadores que imprimiam estilo literário à narrativa, políticos filósofos, enfim), seria natural surgir leis e sentenças em versos, historiografia adornada com figuras de estilo, por exemplo. Hoje consideram-se tais textos como paraliterários, mas não podemos negligenciá-los enquanto literatura latina. (CARDOSO, 2003, p. 187-188)

Este período traz em seu bojo, dentre outras, figuras como Plínio, o Velho, figura de grande erudição (tio de Plínio, o Moço) que escreveu vasta obra¹ científica, que se encaixa no gênero que estudiosos classificam como Erudição²; Quintiliano, na Retórica (de quem falaremos mais adiante); Juvenal, na Sátira; Plínio, o Jovem, em Epistolografia e Oratória; Suetônio, em História; e Apuleio, no Romance.

Plínio, o Velho, é o mais expressivo dos eruditos que viveram no século I. Escreveu obra vasta e heterogênea, que compreende de tratados sobre diferentes assuntos (de arremesso de dardos a formação do orador, por exemplo) a muitos livros sobre a guerra entre romanos e germânicos e reflexões sobre as causas dos problemas nos estudos. De toda sua obra apenas uma chegou até nós integralmente: a *Naturalis Historia* (v. nota 1, abaixo), na qual cita todas as fontes de que se serviu para a composição - fontes latinas e estrangeiras, posto que sua vida pública exigia que viajasse por muitos lugares, conhecendo, assim, outras literaturas.

Na sátira, a figura que mais se destaca nessa fase é Juvenal (*Decimus Iunius Iuvenalis* – 60?-130?), que escreve dezesseis sátiras (*Satyrae*) em que censura os vícios da época e discorre sobre questões morais. Varia em temas – fala em hipocrisia, problemas da vida citadina, miséria sofrida por homens de letras, devassidão, remorso, entre outros – e em extensão das sátiras: a mais curta tem 130 versos, a mais longa, 660. Seu estilo chega a ser monótono em alguns trechos, mas é, no geral, brilhante, rico e carregado de retoricismo. Realista, Juvenal aborda o presente, mas também satiriza o passado, imprimindo um tom atemporal e perene à sua obra.

Observe:

“Em todas as terras que se entendem do Gades ao Ganges são poucos os que, dissipando as névoas da ignorância, sabem distinguir os verdadeiros bens daqueles que lhes são opostos. O que é que tememos ou desejamos racionalmente? Qual a coisa que, iniciando-se com bons augúrios, não é motivo de arrependimento?”³



³ CARDOSO, 2003, p. 101 (tradução de Iuuen. X, 1-6).

Plínio, o Jovem, sobrinho de Plínio, o Velho, escreve sobre muitos assuntos em suas correspondências particulares, inclusive narra a erupção do vulcão Vesúvio em 79 a.C., que põe fim à vida de seu erudito tio, mas consegue, involuntariamente, se destacar em retórica, talvez por ter sido discípulo de Quintiliano e de Nicetas de Esmirna. Em suas *Cartas*, as observações a respeito das letras ocupam lugar de destaque. Disserta sobre o ato de escrever e o ato de falar, sobre a importância da concisão, do purismo; os embates entre antigos e modernos quanto às questões do estilo, Por isso se encaixa entre os representantes da retórica latina.

Suetônio (*Caius Suetonius Tranquillus* – 75?-150?d.C.) se destaca mais em Biografia que propriamente em História, mas ao passo que cuidava daquela, estava a fazer esta. Suas obras mais conhecidas são *De uiris illustribus* (*Homens Ilustres*), em que traz uma coletânea de biografias dos principais homens das letras latinas, perdida em sua maior parte; e as conhecidas *Vidas dos Doze Césares*, escrita por volta de 120 d.C., em que apresenta a biografia pormenorizada de cada um dos doze primeiros imperadores romanos, na seguinte ordem de composição: origem e nascimento, educação e vida até a subida ao trono, façanhas guerreiras, construções arquitetônicas, forma de vida, morte e testamento. Inegável é, pois, a importância dessas biografias para os estudos sobre a história da Roma imperial.

No que se refere ao romance⁴, além do *Satiricon*, de Petrônio, outra obra que se dá em mesmos moldes é *Metamorfoses* (*Libri Metamorphoseon*), conhecido também como *O asno de ouro*, de Apuleio (*Lucius Apuleius* – 125 – 180 d.C.), que escreveu diversas outras obras, incluindo traduções e estudos de obras e institutos filosóficos gregos importantes, como a doutrina platônica e o pensamento aristotélico. *Metamorfoses* é a obra de Apuleio que mais repercutiu com o passar dos tempos, chegando a ser citada por Santo Agostinho, em sua *Cidade de Deus* (18, 18) e ecoando no *Decameron* de Boccaccio e no *Dom Quixote* de Cervantes. A novela picaresca europeia, representada por Cervantes e Le Sage registra influências dessa obra.



⁴ Em virtude das características que os textos antigos apresentam, CARDOSO (2003) classifica as obras *Satiricon*, de Petrônio e *Metamorfoses*, ou *O asno de ouro*, de Apuleio, como romances, pois se apresentam, em sua maior parte, em prosa, havendo também muitas partes em verso. No entanto, é válido salientar que o marco zero do gênero Romance é a publicação da obra *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, entre 1605 e 1615.

E na Retórica não houve quem mais se destacasse, no ocaso da literatura latina, de que Quintiliano, Em virtude de suas importantes contribuições para o aperfeiçoamento da arte de bem falar e bem escrever, trataremos desse notável retor romano mais detidamente no tópico que se segue.

A Nova Retórica

Marcus Fabius Quintilianus, Quintiliano (30 d.C. – 95 d.C.), foi advogado e proprietário de famosa escola de retórica, fundada, ao que tudo indica, no ano 70 de nossa era. Notabilizou-se por tentar reconduzir a oratória a suas dimensões legítimas, colocando-as sobretudo a serviço da pátria e do direito. A moral é pedra de toque da obra de Quintiliano, razão pela qual talvez tenha se levantado contra os engodos da retórica ornamental, em pouco preocupada com os valores morais veiculados pelo discurso.

A primeira obra de Quintiliano trata-se de um opúsculo intitulado *Sobre as causas da corrupção da eloquência*, que não conseguiu resistir ao tempo, não chegando aos nossos dias. Contudo, *A Instituição Oratória* (*Institutio oratória*), seu grande tratado em doze livros, permaneceu na íntegra. Esta tem como objetivo único explicitar o necessário para a formação do orador, e tem como tônica a prescrição que fora preconizada por Catão, o Censor: o orador deve ser “o homem de bem capaz de discursar”. Quintiliano a dedica a Marcelo Vitório, para uso de seu filho Geta.

Especial atenção merece o livro 10 dessa obra, em que Quintiliano faz uma análise sobre a literatura grega e latina, posto que, deste gênero, da Antiguidade, não nos ficou obra parecida que se lhe possa comparar.

Conhecido mas pouco divulgado durante a Idade Média, Quintiliano renasce entre 1415-1416, quando Poggio descobriu um exemplar completo da *Institutio Oratoria*, obra que se tornou a base de todo o ensino da retórica nos séculos XVI – XVIII.

Segue-se um trecho de Quintiliano, em que propõe leituras ao pretense orador, bem como ao pretense retor, de forma amena e em tom elegante:

“Eu, por mim, quereria que se lessem desde logo, e sempre, os melhores autores, mas, dentre eles, os mais claros e os mais inteligíveis, como Lívio, que deve ser preferido a Salústio na infância, conquanto que este tenha maior autoridade como historiador; mas, para o entender, é preciso estar mais adiantado. Cícero, segundo me parece, é não só agradável aos principiantes, mas também bastante claro, e pode não apenas ser-lhes vantajoso, mas até ser por eles amado. Em seguida, conforme preceituou Lívio

E sobre a formação retórica, quanto à escolha do retor, adverte:

Em meu entender, há duas espécies de que é preciso acautelar sobretudo as crianças: uma, é que um admirador excessivo da antiguidade queira endurecê-los na leitura dos Gracos, de Catão e de outros que tais; já que se tornarão ásperos e áridos, porquanto não alcancem ainda, com a inteligência, o seu vigor e, satisfazendo com o seu estilo, que então era sem dúvida ótimo, mas é estranho a nosso tempo (...) Outra, diferente desta, é que cativados pelos floreios desta nossa época, fiquem amolecidos pelo seu funesto deleite e seduzidos por aquele gênero delicado⁵



⁵ Prieto (2006, p. 287-288) – v. Quintiliano.

Quintiliano teve a língua de sua época, afeita a figuras mas bastante clara. Seu pensamento é sutil e preciso, e exerceu grande influência entre seus contemporâneos. Seus discípulos mais famosos são Tácito e Plínio, o Jovem.

Atividade I



1. Quais os gêneros literários principais da época neoclássica?

2. Suetônio destacou-se na escrita de biografias, entre elas escreveu Vidas dos Doze Césares (120 d.C.), pormenorizando a vida dos doze primeiros imperadores romanos; qual a ordem dos temas privilegiados?

3. Quintiliano fundou o que pode ser caracterizado como Nova Retórica; seguindo seus preceitos, por que ela foi nomeada de “nova” e qual os desdobramentos dessa retórica para o estudo do gênero?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

A época cristã

Até esta época, em Roma, todas as doutrinas filosóficas - para começar com a área que mais profundamente sofreu modificações - , que, diga-se de passagem, são de inspiração grega, são consideradas pagãs.

Sêneca, filho de Sêneca, o Retor, foi o último filósofo romano da era pagã. Teve contado com a doutrina cristã, embora não a tenha seguido, e cogita-se, inclusive, uma hipotética troca de correspondência entre ele e São Paulo, mas isso não chegou a ser comprovado. Foi preceptor de Nero (antes de este ser imperador, e, durante o império, continua ligado ao poder), imperador romano famoso, entre outras excentricidades, por incendiar a própria Roma para banir o cristianismo e obter mais área livre para suas extravagantes e suntuosas edificações.

Desde o jugo de Nero, as perseguições aos cristãos os obrigaram a formar grupos secretos: as comunidades cristãs, coagidas ao silêncio e aos encontros ocultos. Mas tal clandestinidade complicou ainda mais a situação dos cristãos em Roma: foram considerados malfeitores, capazes dos mais abjetos atos; por se considerarem todos irmãos, foram considerados incestuosos; macabros e execráveis homicidas, por comerem o corpo e o sangue de um humano sacrificado, considerados alimentos, entre outras lendas e mal-entendidos. Por isso, a repressão conseguiu ser mais violenta ainda.

Não seria fácil pregar uma doutrina totalmente diferente de tudo o que se conhecia: substituir antigos valores cultivados pela tradição feria indelevelmente o chamado “espírito de romanidade”, por isso os choques.

Mas o cristianismo cresceu imensuravelmente. Em três séculos praticamente se tornou a religião oficial, dominando as velhas crenças e impondo-se como a religião do mundo herdeiro do antigo Império.

No que se refere à literatura dita cristã, pode-se dizer que os textos cristãos devem ter surgido muito cedo. O próprio culto cristão fazia da palavra escrita sua base, posto que a pregação doutrinária baseava-se na palavra de Cristo, conservada para os homens na letra dos evangelhos. Assim, orações, cânticos, homilias e leituras podem ser considerados, em conjunto, o embrião do que se chamaria literatura cristã.

Entretanto, a língua eclesiástica oficial era o grego, em que foram redigidos a Carta de Clemente à Igreja, a *Apologia* de Justino e o tratado de Hermógenes sobre a eternidade da matéria, primeiros documentos cristãos de Roma.

No século II surgem as primeiras traduções da Bíblia, mas são anônimas e carecem de credibilidade. Ainda neste século aparecem os primeiros autores cristãos cujas obras chegaram até nossos dias: Minúcio Félix (*Minucius Felix*) e Tertuliano, apologistas da época dos imperadores antoninos. Suas obras têm relevante importância tanto no que se

refere ao conhecimento do desenvolvimento da doutrina cristã quanto pelo valor literário que possuem. Recebem o nome de apologéticas por apresentarem a defesa de uma ideia, no caso o Cristianismo em oposição ao paganismo.

À época de Minúcio a intelectualidade romana era avessa à nova doutrina, ao que lhe surge a ideia bastante original, mesmo que inspirada nos diálogos de Cícero, de publicar *Otávio* (*Octavius* – entre 190 e 210), em que três amigos – Cecílio, um pagão, Otávio, um cristão, e o próprio Minúcio – discutem a diversidade das religiões⁶.

Tertuliano, por sua vez, converte-se ao cristianismo já tarde e se torna seu defensor incondicional. Lega os primeiros documentos cristãos: *Às nações* (*Ad nationes*), uma crítica ao paganismo, e *Apologética* (*Apologeticum*), uma acalorada exaltação do cristianismo.

Minúcio e Tertuliano são responsáveis pela fase de fixação da fé cristã, em razão de que travaram praticamente uma luta religiosa contra o paganismo ainda arraigado na cultura popular e erudita de Roma. Representam a primeira das três fases iniciais da literatura propriamente cristã em língua latina.

O século III é cenário das figuras de São Cipriano, Arnóbio e Lactâncio. O primeiro vem a contrastar o estilo violento de Tertuliano, com seu estilo tranquilo e ponderado, tendo nos deixado suas *Cartas*, uma espécie de doutrina poética, posto que marcadamente lírica. Arnóbio é o apologista dessa nova leva de escritores cristãos. Desde sua conversão, em idade já avançada, empreende uma obra de fôlego, *Contra as nações* (*Adversus nationes*), espécie de comprovação de conversão em que defende filosoficamente os cristãos das acusações que lhes foram feitas historicamente. Por fim, Lactâncio, discípulo de Arnóbio, nos lega *Sobre a obra de Deus* (*De opificio Dei*), no qual procura mostrar o significado da Providência, e *Instituições Divinas* (*Divinae Institutiones*), obra mais importante que compôs, abordando a unidade de Deus, os dogmas, a justiça e a beatitude numa futura vida eterna.

Os autores e obras acima apontados são os principais representantes da segunda fase da literatura cristã em língua latina, correspondente à sua formação.

A próxima época dessa literatura compreende os anos finais do século III e os séculos IV e V, legando à posteridade obras de escritores conhecidos como os “doutores da Igreja”: Santo Hilário⁷, Santo Ambrósio⁸ e, principalmente, São Jerônimo e Santo Agostinho.

É a fase em que a doutrina vai se solidificar nos e pelos trabalhos desses doutores. Embora de caráter doutrinário, merecem nossa atenção pelos aspectos literários que se lhes imprimem pela formação de seus autores.

Um olhar mais demorado sobre as figuras de São Jerônimo e Santo Agostinho nos permitirá conhecer um pouco do que foi a terceira e última fase da literatura latina da cristandade.



⁶ A diversidade das religiões vai de encontro à unidade pregada pelo Cristianismo. Logo, a finalidade dessa obra era mostrar que só havia um Deus digno de culto e ao qual todos deveriam se voltar.



⁷ Bispo de Poitiers entre 355 e 367. Restaram-nos de sua obra alguns hinos e obras de caráter teológico, dogmático e exegético, escritas com vigor estético: *Sobre a Trindade*, *Sobre os sínodos* e *Contra o imperador Constâncio* são as mais conhecidas (CARDOSO, 2003, p. 184).



⁸ Bispo de Milão a partir de 374. Escreve orações (*Orações fúnebres*), tratados teológicos (*Sobre a fé*, *Sobre o Espírito Santo* e *Sobre a penitência*) e um tratado de moral inspirado em Cícero (*Sobre os deveres do clérigos*). (id. Ibid.)

São Jerônimo

Eusebius Hieronimus (347 – 420 d.C.) nasceu na Dalmácia, estudou em Roma e viajou por muitos lugares, passando três anos no deserto, como monge eremita. Em 382 vira secretário do papa Dâmaso. Com a morte do sumo pontífice, São Jerônimo regressa ao Oriente, onde passa trinta e cinco anos em Belém. Lá fundou um convento onde lecionava a gramática e a literatura a crianças. Além de que, orientava seus monges na cópia de manuscritos.



⁹ A maior parte é devida a São Jerônimo, tendo havido, assim, colaboração de terceiros segundo Prieto (2006, p. 153)

Ainda durante o trabalho ao lado do papa Dâmaso, este lhe fizera a proposta para de elaborar a correta tradução da Bíblia. Ele leva a cabo tal engenho⁹, devido também ao seu profundo conhecimento de grego e de hebraico, trazendo a lume a versão da Bíblia que viria a ser conhecida como a *Vulgata*, isto é, “a versão divulgada”. Essa tradução de São Jerônimo foi afastando aos poucos o uso das versões anteriores da Escritura Sagrada, conhecidas hoje como *Vetus Latina*, a “Antiga Versão Latina”. Por este grande feito, torna-se o patrono dos tradutores.

Feito à base dos códices mais antigos, o trabalho de tradução da Bíblia recebeu o saber dos linguistas mais ilustres da época, caracterizando-se pela fidelidade ao pensamento e pela elegância na forma, pelo que, mais tarde, seria reconhecido, no Concílio de Trento (1546), como “autêntico” para ensino e pregação, pela Igreja Católica.

Traduziu também a *Crônica* de Eusébio de Cesareia, que, morto (340), não pôde continuar a obra que resume a história do mundo desde o nascimento de Abraão, tendo São Jerônimo continuado a escrevê-la até 388. Apesar de apresentar alguns erros, esta obra é um monumento precioso da história antiga. Escreveu, ainda, obras como a história da literatura cristã, *De Uiris Illustribus*, com as biografias de 135¹⁰ autores cristãos (do apóstolo Paulo até ele próprio, incluindo o pagão Sêneca); numerosos tratados dogmáticos e exegéticos, além de 150 cartas, das quais 26 são respostas de seus correspondentes, entre eles Santo Agostinho.



¹⁰ Seriam 137 biografias, segundo Furlan (2006, p. 284).

São Jerônimo foi o mais douto escritor cristão do seu tempo, além de o mais distinto latinista. A esse propósito conta-se que em 375 teria sonhando com o Senhor Jesus Cristo censurando-o com a seguinte frase “*Ciceronianus es, non Chrsitianus*” (“És ciceroniano; não cristiano”). Talvez este sonho tenha sido reflexo das querelas em que se envolveu no tocante à rivalidade entre cultura pagã e cultura cristã. Apesar de seu cicerianismo, é saudado como um dos quatro grandes Doutores da Igreja do Ocidente.

A Bíblia tal qual a conhecemos hoje é fruto da preciosa contribuição de São Jerônimo.

Santo Agostinho

Aurelius Augustinus (13 de novembro de 354 – 28 de agosto de 430) nasceu em Tagaste (Argélia), filho de mãe cristã, Santa Mônica, e pai pagão, Patricius, começou seus estudos em Madaura e depois em Cartago, onde tem um filho, Adeodatus. O mais profundo pensador e maior autor da cristandade latina foi em passos lentos ao encontro do cristianismo.

Aos 19 anos leu o *Hortensius* de Cícero, em razão do que se torna filósofo, tendo primeiro professado o maniqueísmo¹¹, doutrina fundada no ano 3 d.C. por Mani (mistura de fontes persas antigas, gnósticas e cristãs). No ano seguinte, em 374, torna-se professor em Tagaste, sua cidade natal, depois em Cartago, em Roma e em Milão, onde ensina Retórica.

Seguiu por algum tempo o ceticismo¹² e o neoplatonismo¹³, até que, em 386, por influência de Santo Ambrósio, converte-se ao cristianismo, sendo batizado na Páscoa de 387. Vivendo asceticamente desde 391 em Hipona, é sagrado bispo em 396 e continua lá até sua morte.

Considerado um dos mais vigorosos pensadores de todos os tempos, Santo Agostinho exerceu tamanha influência na história da cultura, que sua obra chega a ser comparada com a de Aristóteles. Compôs uma obra tão imensa e variada, que é difícil resumi-la ou dividi-la segundo os gêneros tradicionais. Entre cartas, tratados, sermões e livros doutrinários, citamos aquelas de importância filosófico-literária: *Soliloquios*, escritos entre 385 e 387, período que medeia entre a conversão e o batismo do autor, composta de dois livros que tratam das aspirações metafísicas do homem; e a mais impressionante de suas obras, *Confissões*, 13 livros em que o douto revela uma autobiografia emocionante, confessando seus erros e tornando pública sua paixão e reconhecimento pela bondade, grandeza e graça de Deus.

No entanto, de toda a sua obra, uma realizou extraordinário influxo no Ocidente, pela profundidade teológica: *A cidade de Deus* (*De civitate Dei*). Escritos durante os anos de 412 e 426, os 22 livros dessa grande obra tratam de refutar as teses pagãs que professam ter sido o saque de Roma pelos visigodos, em 24 de agosto de 410, castigo dos deuses (livros 1-5); a crença de que é útil, necessário e proveitoso à vida terrena venerar as divindades pagãs (livros 6-10). Os livros 11-22 descrevem os Estados, o de Deus e o do mundo, em que tratam os do 11-14 da origem de ambos; do 15-18, do desenvolvimento desses Estados; e do 19-22, do desenlace desses Estados.

Grande parte de sua obra é de caráter doutrinário, moral-teológico e pedagógico e pedagógico, mas não foi só em que Santo Agostinho imprimiu sua marca: um estudo seu, muito pouco conhecido, *De Musica*, constitui uma valiosa contribuição para a filosofia da música.

Enfim, o santo douto influenciou em vida e mais ainda com o passar dos tempos. A Idade Média, fase áurea da Igreja Católica, baluarte do cristianismo, se serviu dos ensinamentos e da filosofia deste que pode ser considerado como o último dos grandes pensadores representantes da cultura Romana.



¹¹ “2. P. ext. Doutrina que se funda em princípios opostos, bem e mal” – v. maniqueísmo, Dic. Aurélio (3.ed., 2004).



¹² “S. m. 1. Filos. Atitude ou doutrina segundo a qual o homem não pode chegar a qualquer conhecimento indubitável (...) 3. Estado de quem duvida de tudo; descrença” – v. cepticismo (Op. Cit.)



¹³ Linha de pensamento que, como o próprio nome aponta, situada no trilha do pensamento de Platão, procura um ressurgimento, no espírito e nas letras, da filosofia platônica. Das ideias surgidas desse pensamento, a de que a multiplicidade supõe uma Unidade transcendente que a ordena e de que toda a multiplicidade está constituída no Uno que a transcende está fortemente ligada ao cristianismo – v. neoplatonismo (PRIETO, 2006).

Isto mesmo, Santo Agostinho parece fechar a história da literatura latina com chave de ouro. São também os últimos anos do Império Romano.

Atividade II



1) Disserte sobre o desenvolvimento da doutrina cristã em Roma, apontando suas manifestações literárias e representantes.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

2) A época cristã da literatura latina se subdivide em três períodos. Qual o critério para esta subdivisão e o que cada período representa em termos de produção literária?

3) Qual a importância e contribuição de São Jerônimo e de Santo Agostinho para a literatura latina?

Chegamos ao fim da oitava unidade e, também, da disciplina Língua e Literatura Latinas II. Não seria possível, aqui ou em lugar algum, supomos, esgotar todo o conhecimento existente acerca de tão vasto conteúdo, que, inclusive, gera novas discussões com o passar dos anos. Nosso maior propósito ao longo destas e das demais unidades, no entanto, tem sido levar a vocês noções elementares extraídas de bibliografia reconhecida como fundamental, para que qualquer aprofundamento se dê com base em textos com legitimidade para tanto. Esperamos que vocês mantenham a disciplina de leitura que, em hipótese alguma, não se encerra no material didático, pois os assuntos assimilados em ambas as disciplinas precisam de uma apreciação mais acurada. Propomos, assim, o aprofundamento de leitura, indicando outros textos subsidiários a uma complementação do assunto aqui visto.

Não poderíamos deixar de encerrar esta unidade, a última da disciplina Língua e Literatura Latinas II, com as palavras daquela que, com sua sensibilidade didática e saber notável, nos tem sido presente desde o alvorecer desse engenho, a professora Zélia de Almeida Cardoso, que, a respeito dos últimos anos da literatura latina, diz: **“o grande Império está chegando ao fim. As luzes de Roma, todavia, vão brilhar por algum tempo ainda, iluminando, com seu reflexo, o amanhecer de um novo mundo”**¹⁴.



¹⁴(CARDOSO, 2003, p. 186)

Que os conhecimentos aqui veiculados, nesta e na disciplina anterior, iluminem, pois, com seus reflexos, os novos conhecimentos que vocês certamente conquistarão.

Bons estudos ad infinitum!

Leituras recomendadas

- a. Para **A época neoclássica**: ler “A obra de Juvenal”, “O romance de Apuleio”, “A história após Tácito: Suetônio”, “A nova retórica: Quintiliano”, “Tácito e Plínio, o Jovem” e “A História Natural de Plínio, o Velho”, in. *A Literatura Latina*, de Zélia Cardoso de Almeida (2003, p. 100-101; 129-130; 146-147; 165-168; 168-169; e 193-196); verbetes “Juvenal”, “Apuleio”, “Suetônio”, “Quintiliano”, “Plínio-o-moço” e “Plínio-o-antigo” in. *Dicionário de Literatura Latina*, de Maria Helena Ureña Prieto (2006, p. 156-158; 15-18; 323-325; 285-290; 268-272; e 264-268); e “A época do Baixo Império”, in. *História da Literatura Latina*, de Ettore Paratore (1983, p. 835-1032).
- b. Para **A época cristã**: ler “Filosofia, apologética, teologia”, in. *A Literatura Latina*, de Zélia Cardoso de Almeida (2003, p. 170 - 186); “Literatura latina cristã”, in. *Língua e Literatura Latina e sua Derivação Portuguesa*, de Oswaldo Antonio Furlan (2006, p. 283-294); e os verbetes “São Jerônimo”, “Santo Agostinho” e “Neoplaonismo”, in. *Dicionário de Literatura Latina*, de Maria Helena Ureña Prieto (2006, p. 153-155; 3-7; e 220-222).



Resumo

Considera-se pertencente à fase pós-clássica da literatura latina toda a produção literária que vai da morte de Nero (68 d.C.) à queda do Império Romano do Ocidente (século V). Tal fase subdivide-se em dois momentos distintos: a época neoclássica (do início até o final do século II, abrangendo os governos dos imperadores flavianos e antoninos), e a época cristã, do final do século II até o século V. A primeira época, a neoclássica, ainda faz surgir figuras literárias importantes no campo da prosa científica, da retórica, da história, da epistolografia e até mesmo da poesia, ao passo que a época cristã é responsável pelo empalidecer da velha literatura pagã, que cede lugar à incipiente literatura cristã. Nesta fase, a poesia assume novas dimensões e surgem os primeiros textos apologéticos, que, pouco a pouco, cedem lugar às obras históricas, morais e teológicas dos doutores da igreja.

No tópico sobre a fase neoclássica, você viu que este período traz em seu bojo, dentre outras, figuras como Plínio, o Velho, figura de grande erudição (tio de Plínio, o Moço) que escreveu vasta obra científica,

que se encaixa no gênero que estudiosos classificam como Erudição; Quintiliano, na Retórica (de quem falaremos mais adiante); Juvenal, na Sátira; Plínio, o Jovem, em Epistolografia e Oratória; Suetônio, em História; e Apuleio, no romance. *Marcus Fabius Quintilianus*, Quintiliano (30 d.C. – 95 d.C.), foi advogado e proprietário de famosa escola de retórica, fundada, ao que tudo indica, no ano 70 de nossa era. Notabilizou-se por tentar reconduzir a oratória a suas dimensões legítimas, colocando-as sobretudo a serviço da pátria e do direito. A moral é pedra de toque da obra de Quintiliano, razão pela qual talvez tenha se levantado contra os engodos da retórica ornamental, em pouco preocupada com os valores morais veiculados pelo discurso. A primeira obra de Quintiliano trata-se de um opúsculo intitulado *Sobre as causas da corrupção da eloquência*, que não conseguiu resistir ao tempo, não chegando aos nossos dias. Contudo, *A Instituição Oratória* (*Institutio oratória*), seu grande tratado em doze livros, permaneceu na íntegra. Esta tem como objetivo único explicitar o necessário para a formação do orador, e tem como tônica a prescrição que fora preconizada por Catão, o Censor: o orador deve ser “o homem de bem capaz de discursar”. Quintiliano a dedica a Marcelo Vitorio, para uso de seu filho Geta. Especial atenção merece o livro 10 dessa obra, em que Quintiliano faz uma análise sobre a literatura grega e latina, posto que, deste gênero, da Antiguidade, não nos ficou obra parecida que se lhe possa comparar. Conhecido mas pouco divulgado durante a Idade Média, Quintiliano renasce entre 1415-1416, quando Poggio descobriu um exemplar completo da *Institutio Oratoria*, obra que se tornou a base de todo o ensino da retórica nos séculos XVI – XVIII. Quintiliano teve a língua de sua época, afeita a figuras mas bastante clara. Seu pensamento é sutil e preciso, e exerceu grande influência entre seus contemporâneos. Seus discípulos mais famosos são Tácito e Plínio, o Jovem.

No tópico sobre a fase cristã da literatura latina, você viu que desde o jugo de Nero, as perseguições aos cristãos os obrigaram a formar grupos secretos: as comunidades cristãs, coagidas ao silêncio e aos encontros ocultos. Não seria fácil pregar uma doutrina totalmente diferente de tudo o que se conhecia: substituir antigos valores cultivados pela tradição feria indelevelmente o chamado “espírito de romanidade”, por isso os choques. Mas o cristianismo cresceu imensuravelmente. Em três séculos praticamente se tornou a religião oficial, dominando as velhas crenças e impondo-se como a religião do mundo herdeiro do antigo Império. O culto cristão fazia da palavra escrita sua base, posto que a pregação doutrinária baseava-se na palavra de Cristo, conservada para os homens na letra dos evangelhos. Assim, orações, cânticos, homilias e leituras podem ser considerados, em conjunto, o embrião do que se chamaria literatura cristã.

Eusebius Hieronimus (347 – 420 d.C.) nasceu na Dalmácia, estudou em Roma e viajou por muitos lugares, passando três anos no deserto, como monge eremita. Em 382 vira secretário do papa Dâmaso. Ainda durante o trabalho ao lado do papa Dâmaso, este lhe fizera a proposta para de elaborar a correta tradução da Bíblia. Ele leva a cabo tal engenho, devido também ao seu profundo conhecimento de grego e de hebraico, trazendo a lume a versão da Bíblia que viria a ser co-

nhecida como a *Vulgata*, isto é, “a versão divulgada”. Essa tradução de São Jerônimo foi afastando aos poucos o uso das versões anteriores da Escritura Sagrada, conhecidas hoje como *Vetus Latina*, a “Antiga Versão Latina”. Por este grande feito, torna-se o patrono dos tradutores. Feito à base dos códices mais antigos, o trabalho de tradução da Bíblia recebeu o saber dos linguistas mais ilustres da época, caracterizando-se pela fidelidade ao pensamento e pela elegância na forma, pelo que, mais tarde, seria reconhecido, no Concílio de Trento (1546), como “autêntico” para ensino e pregação, pela Igreja Católica. Traduziu também a Crônica de Eusébio de Cesareia, que, morto (340), não pôde continuar a obra que resume a história do mundo desde o nascimento de Abraão, tendo São Jerônimo continuado a escrevê-la até 388. Apesar de apresentar alguns erros, esta obra é um monumento precioso da história antiga. Escreveu, ainda, obras como a história da literatura cristã, *De Viris Illustribus*, com as biografias de 135 autores cristãos (do apóstolo Paulo até ele próprio, incluindo o pagão Sêneca); numerosos tratados dogmáticos e exegéticos, além de 150 cartas, das quais 26 são respostas de seus correspondentes, entre eles Santo Agostinho. São Jerônimo foi o mais douto escritor cristão do seu tempo, além de o mais distinto latinista. A esse propósito conta-se que em 375 teria sonhando com o Senhor Jesus Cristo censurando-o com a seguinte frase “*Ciceronianus es, non Christianus*” (“És ciceroniano; não cristiano”). Talvez este sonho tenha sido reflexo das querelas em que se envolveu no tocante à rivalidade entre cultura pagã e cultura cristã. Apesar de seu cicerianismo, é saudado como um dos quatro grandes Doutores da Igreja do Ocidente. A Bíblia tal qual a conhecemos hoje é fruto da preciosa contribuição de São Jerônimo.

Aurelius Augustinus (13 de novembro de 354 – 28 de agosto de 430) nasceu em Tagaste (Argélia), filho de mãe cristã, Santa Mônica, e pai pagão, Patricius, começou seus estudos em Madaura e depois em Cartago, onde tem um filho, Adeodatus. Considerado um dos mais vigorosos pensadores de todos os tempos, Santo Agostinho exerceu tamanha influência na história da cultura, que sua obra chega a ser comparada com a de Aristóteles. Entre cartas, tratados, sermões e livros doutrinários, citamos aquelas de importância filosófico-literária: *Soliloquios*, escritos entre 385 e 387, período que medeia entre a conversão e o batismo do autor, composta de dois livros que tratam das aspirações metafísicas do homem; e a mais impressionante de suas obras, *Confissões*, 13 livros em que o douto revela uma autobiografia emocionante, confessando seus erros e tornando pública sua paixão e reconhecimento pela bondade, grandeza e graça de Deus. No entanto, de toda a sua obra, uma realizou extraordinário influxo no Ocidente, pela profundidade teológica: *A cidade de Deus* (*De civitate Dei*). Escritos durante os anos de 412 e 426, os 22 livros dessa grande obra tratam de refutar as teses pagãs que professam ter sido o saque de Roma pelos visigodos, em 24 de agosto de 410, castigo dos deuses (livros 1-5); a crença de que é útil, necessário e proveitoso à vida terrena venerar as divindades pagãs (livros 6-10). Os livros 11-22 descrevem os Estados, o de Deus e o do mundo, em que tratam os do 11-14 da origem de ambos; do 15-18, do desenvolvimento desses Estados; e do 19-22,

do desenlace desses Estados. Grande parte de sua obra é de caráter doutrinário, moral-teológico e pedagógico e pedagógico, mas não foi só em que Santo Agostinho imprimiu sua marca: um estudo seu, muito pouco conhecido, *De Musica*, constitui uma valiosa contribuição para a filosofia da música. Enfim, o santo douto influenciou em vida e mais ainda com o passar dos tempos.



Autoavaliação

Como se divide a fase pós-clássica da literatura latina e qual as suas características fundamentais?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

ARIÈS, Philippe; e DUBY, Georges. **História da vida privada:** do Império Romano ao ano mil. v.1. Org.: Paul Vayne. Trad. Hildegard Feist: São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A Literatura Latina.** São Paulo: Martins Fontes, 2003 (Coleção Biblioteca Universal).

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 2006.

PARATORE, Ettore. **História da literatura latina.** Trad. Manuel Losa, S. J.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PRIETO, Maria Helena Ureña. **Dicionário de Literatura Latina.** Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 2006.

RAVIZZA, João. **Gramática Latina.** 13.ed. Niterói: Dom Bosco, 1956.

RODRIGUES, Nuno Simões. **Mitos e lendas:** Roma Antiga. Lisboa: Livros e Livros, 2005.

RÓNAL, Paulo. **Não Perca o seu Latim.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.



**Coordenadoria Institucional
de Programas Especiais**

**Secretaria de
Educação a Distância**



Secretaria de Educação
a Distância

Ministério da
Educação

